

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

HANNAH AIRES

**AS COMPETIÇÕES DE KARATE-DO: PERSPECTIVAS À FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

Porto Alegre, 2015.

Hannah Aires

**AS COMPETIÇÕES DE KARATE-DO: PERSPECTIVAS À FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Porto Alegre, 2015.

CIP - Catalogação na Publicação

AIRES, HANNAH

AS COMPETIÇÕES DE KARATE-DO: PERSPECTIVAS À
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS / HANNAH
AIRES. -- 2015.

121 f.

Orientador: CARLOS ADELAR BALBINOTTI.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Competição Esportiva. 2. Competição
Infantojuvenil. 3. Karate-do. 4. Educação. 5.
Pedagogia do Esporte. I. BALBINOTTI, CARLOS ADELAR,
orient. II. Título.

Hannah Aires

**AS COMPETIÇÕES DE KARATE-DO: PERSPECTIVAS À FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

Conceito Final:

Aprovado em dede

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Velly Nunes - UFRGS

Prof. Dr. Flávio Antônio de Souza Castro - UFRGS

Prof. Dr. Kazuo Kawano Nagamine - FAMERP

Orientador – Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti - UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, por terem me colocado no caminho do Karate-do e por serem meus maiores incentivadores.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que de uma maneira ou outra me incentivaram e me auxiliaram durante o processo de elaboração dessa dissertação de mestrado.

Inicialmente gostaria de agradecer ao Professor Dr. Carlos Balbinotti por ter aceitado me orientar nesse processo, pelas aprendizagens proporcionadas e pela paciência. Agradeço também pela oportunidade de trabalhar com ele na disciplina de Pedagogia do Esporte, o que contribuiu de maneira significativa para meu amadurecimento neste período.

Gostaria de agradecer aos Professores Alexandre Velly Nunes e Flávio Castro pelas orientações para a realização deste estudo. Aos Professores Alberto Monteiro e Janice Mazo pelas oportunidades de diferentes aprendizados ao longo deste período.

Agradeço aos meus colegas do Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte, pelo auxílio em diferentes momentos e por compartilhar seus saberes comigo.

Aos entrevistados que participaram deste estudo e aos juízes que colaboraram para o processo de validação de conteúdo, muito obrigada por aceitarem meu convite. As contribuições de vocês foram essenciais para tornar possível este estudo.

Gostaria de agradecer aos meus colegas de *Dojo* pelo incentivo e pelo convívio diário. Agradeço também aos meus alunos, por me darem a oportunidade de ensiná-los Karate-do desde cedo e torná-lo parte de suas vidas.

Agradeço também ao *Sensei* Mitsuo Inoue, ao *Sensei* Yasuyuki Sasaki, ao *Sensei* Yoshizo Machida e ao *Sensei* Kazuo Nagamine pelos seus ensinamentos e pela atenção que sempre me deram.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus pais, pelo amor, carinho, atenção, compreensão e paciência comigo sempre. Amo muito vocês.

RESUMO

O presente estudo trata do tema das competições esportivas infantojuvenis, mais especificamente este estudo abordou as competições de Karate-do do estilo *Shotokan* organizadas pela *Japan Karate Association*. A partir da teoria proposta por Marques (2004), que aborda o tema das competições infantojuvenis como pressupostos para a formação e educação, procurou-se investigar se na perspectiva dos dirigentes e treinadores as competições infantojuvenis de Karate-do JKA estão adequadas aos interesses e capacidades de seus participantes de modo a atuarem de forma positiva no processo de educação e formação dos mesmos. Para alicerçar este estudo o referencial teórico abordou a Teoria Geral das Competições Esportivas e a Formação e a Educação através da Competição. Com a utilização da metodologia qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 treinadores e dirigentes atuantes no cenário do Karate-do JKA no Brasil. Para complementar as informações obtidas através das entrevistas foi realizada a análise de documentos públicos, como os regulamentos de competição. Por fim, através da análise de conteúdo das entrevistas e dos documentos, pode-se concluir que a competição infantojuvenil de Karate-do JKA atua de forma positiva na formação e educação dos seus participantes. Segundo os entrevistados, as situações adversas vivenciadas em uma competição e principalmente as vitórias e derrotas seriam oportunidades únicas para o desenvolvimento do caráter e o fomento de valores como o respeito e a honestidade. Entretanto, a inadequação das mesmas ao público infantojuvenil é evidente, principalmente quando se trata dos conteúdos realizados nas competições. O principal argumento que sustenta esse posicionamento é o de que a modificação ocorrida no regulamento tornou o conteúdo da competição infantojuvenil muito semelhante à adulta. No que é relativo a estrutura das competições infantojuvenis, percebeu-se que a categoria segue uma organização muito semelhante com as categorias juvenil e adulto e a frequência da proposta de atividades competitivas é baixa, o que vai de encontro com o proposto por Marques (2004).

ABSTRACT

This work focuses on issues of infant and juvenile sporting events, specifically this study addressed the competitions of Shotokan style Karate-do organized by the Japan Karate Association. Based on theory proposed by Marques (2004), about infant and juvenile competitions as assumptions for training and education, it was intended to verify if from the perspective of managers and coaches, if the juvenile and children competitions in JKA Karate-do are appropriate to the interests and abilities of its participants, in order to improve the training and education of the competitors. The literature review included the General Theory of Sports Competitions and the training and education through competition. Using a qualitative method, it were made semi-structured interviews with 10 managers and coaches in activity from JKA Karate-Do in Brazil. Complementarily to the interviews, it were analyzed public documents, as tournament rules. Finally, through content analysis of the interviews and documents, it can be concluded that the infant and juvenile competition in JKA Karate-do acts positively on the training and education of its participants. According to the statements from the interviews, the situations faced in a competition, mainly the winning and losing, are opportunities for the development of character and values as respect and honesty. However, the inadequacy of the competitions to the infant and juvenile public is evidenced. The main argument for this view is the rule change that made the infant and juvenile competition much like the adult competition. In what concerns the structure of the infant and juvenile competitions, it was noticed that the category follows an organizations similar to the adult competition, with low competition frequency, what meets the proposed by Marques (2004).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
2.1 TEORIA GERAL DA COMPETIÇÃO	17
2.1.1 Classificações das competições esportivas.....	18
2.1.2 Tipos de competições	19
2.1.3 Métodos de realização das competições	20
2.1.4 Conteúdos das competições esportivas em longo prazo	23
2.1.5 A importância do resultado competitivo	29
2.2 A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA COMPETIÇÃO.....	31
2.2.1 Esporte infantil.....	32
2.2.2 O esporte e a competição como meios de formação e educação	36
2.2.3 Competições no esporte infantil	41
2.2.4 A adequação das competições às crianças e aos jovens	43
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	47
3.2 PARTICIPANTES	48
3.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA	49
3.4 FONTES DOCUMENTAIS.....	52
3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	53
3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	54
3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	54
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
4.1 A FORMA COMO OS TREINADORES APRESENTAM A COMPETIÇÃO PARA SEUS ALUNOS.....	57
4.2 COMPETIÇÕES ADEQUADAS ÀS NECESSIDADES E CAPACIDADES DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS	62
4.3 RELAÇÃO ENTRE VITÓRIAS E DERROTAS	70
4.4 O NÚMERO E A FREQUÊNCIA DAS PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS....	79
4.5 A COMPETIÇÃO ATUANDO NA FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS	88
5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	97

GLOSSÁRIO.....	108
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	111
APÊNDICE B - FICHA DE VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO.....	113
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	119
APÊNDICE D - DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE	121

PREFÁCIO

As competições esportivas são parte integrante de minha história de vida, ao iniciar na prática do Karate-do aos quatro anos de idade e a competir aos nove anos, posso dizer que muitos aspectos do meu caráter foram moldados através das vivências que tive e tenho nas competições. Escrever esta dissertação sobre as competições infantojuvenis de Karate-do é também o resultado da grande influência das competições em minha vida.

A prática do Karate-do, que inicialmente foi para mim apenas a realização de mais uma atividade, com o passar dos anos constitui-se na razão para muitas de minhas escolhas, como por exemplo, a opção pelo curso de Educação Física. Com meu amadurecimento e com as diferentes oportunidades vivenciadas durante a graduação, pude perceber o quão grande era a minha satisfação em ensinar os demais, principalmente em ensinar Karate-do. Minhas experiências competitivas, tenham sido elas boas ou ruins, ensinaram-me valores importantes como a honestidade, o respeito, a autossuperação e a autoconfiança. Contudo, apenas consegui desenvolver esses valores, pois tive o auxílio de Professores (*Sensei*¹) excelentes que tiveram paciência e dedicação para me conduzir nesse processo.

Através de minha própria história de vida pude perceber a importância que os professores, treinadores, *Sensei* possuem na educação e formação dos atletas que treinam. Ao iniciar a estudar a temática das competições infantojuvenis percebi que, além da grande importância das ações dos treinadores, o modelo competitivo no qual as crianças e os jovens estão inseridos também contribui de forma direta para a formação e educação de seus participantes. A partir disso comecei a refletir sobre como era o modelo de competição do qual participei na infância. Conclui que, apesar de que alguns aspectos daquele modelo não se adequassem com proposto pela literatura, a progressão pedagógica do mesmo contribuiu para minha formação técnica e educacional. Através dos conteúdos propostos consegui desenvolver as habilidades técnicas necessárias para a realização da tarefa da categoria seguinte e fui me adaptando aos poucos as futuras exigências, o que fez com que a mudança para categoria juvenil não fosse um problema.

¹ As expressões em itálico estão localizadas no Glossário nas páginas 107 a 109.

Contudo, ao analisar as competições atuais da categoria infantil constatei a ocorrência de uma modificação no regulamento das competições infantojuvenis de Karate-do JKA que implementou o modelo de competição adulto na categoria infantil. Já formada e atuando como Professora de Karate-do, reconheço a importância que as competições tiveram em minha infância, para a formação do meu caráter e para minha educação. Dessa forma, a motivação para realização deste estudo emerge da reflexão de quem vivenciou e usufruiu dos aspectos positivos proporcionados por um modelo competitivo adequado ao desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do tema das competições no Karate-do atuando como pressupostos para a formação educacional de crianças. As competições estudadas aqui serão as de Karate-do do estilo Shotokan, mais especificamente, as da Federação Mundial de Karate da Associação Japonesa (Japan Karate Association World Federation - JKAWF). Essa federação possui sede em 116 países, que por sua vez possuem sedes regionais, que em conjunto organizam campeonatos que vão desde regionais, nacionais, intercontinentais a mundiais.

Há essencialmente duas modalidades de competição no Karate-do JKA, o *Kata* (um conjunto de técnicas de bloqueio, soco e chutes combinados em sequencias que possuem uma aplicação de luta) e o *Kumite* (luta entre dois oponentes). A divisão das categorias disputadas é feita da seguinte maneira: Infantil (7 -13 anos); Juvenil (14 – 18 anos); e Adulto (a partir dos 19 anos de idade). Entretanto, embora haja divisões de idade, o panorama que observamos nas últimas competições, como o campeonato mundial, é que o modelo adulto está sendo implantado cada vez mais cedo nas competições infantis.

É consenso de que o esporte para crianças e jovens deve ser pensado de acordo com suas capacidades e expectativas, desde o treino até a competição, pois nela reside a oportunidade de que as crianças possam se avaliar em relação as suas próprias capacidades, superarem-se, alcançarem sucesso e de criar junto aos amigos uma boa imagem social (MARQUES, 2004). As competições no Karate-do JKA não ocorrem nesses moldes, nelas as modalidades de *Kata* e de *Kumite* são executadas muito similarmente ao que é realizado na categoria adulto. No caso das disputas de *Kata* o sistema é exatamente igual e nas de *Kumite* é modificado apenas o critério de não ser possível efetuar golpes em direção ao rosto.

Devemos considerar que as atividades competitivas apenas serão atuantes na formação e educação de seus participantes se estiverem adequadas com as capacidades e necessidades de sua população alvo, proporcionando experiências ricas e interessantes que irão contribuir para seu processo educativo. Entre os fatores que buscam ser contemplados pelas propostas atuais de esporte para jovens destacam-se: objetivos ou finalidades mais globais, que colaborem com a educação integral dos praticantes; metodologias mais ativas que envolvam com mais intensidade os alunos nos aspectos motores e cognitivos; inclusão dos valores educativos nos conteúdos trabalhados; e introduzir uma competição que se adapte as necessidades reais das crianças que iniciam a prática esportiva (CONDE *et al*, 2010).

É interessante observar que a prática do Karate-do vem imbuída de um vasto conteúdo de valores que são fomentados e adquiridos cotidianamente no *dojo*. Pode-se afirmar então, que o ápice a ser atingindo com o treinamento do Karate-do é formar um *karateka*, que além de um lutador, tenha tido seu caráter aperfeiçoado pela prática, tornando-se um cidadão consciente de seu papel na sociedade (INOUE, 2011). Esse caráter formativo que o Karate-do possui explica-se por sua história. Surgindo inicialmente na Índia, como uma forma de luta chamada *Vajramushti*, e em seguida chegando à China, onde ocorreu o desenvolvimento de duas formas de luta *Chuan Fa* e o *Nai Pei Chun* (AIRES, 2007). Devido a intensos contatos comerciais e culturais o *Chuan Fa* e o *Nai Pei Chun* chegam à ilha de Okinawa, esses contatos iniciais duram até o ano de 910 quando o Japão fecha suas fronteiras e entra em um período que dura até meados do século XIX. Esse isolamento prolongado e o fato de Okinawa ser invadida por tropas japonesas que proibiam o uso de qualquer classe de armas faz com que a população da ilha passe a utilizar como instrumentos de defesa os materiais utilizados no plantio e na colheita de alimentos e principalmente seu próprio corpo (NAKAYAMA, 1966).

No início do século XIX, juntamente com fim do isolamento japonês, a entrada de armas modernas acaba praticamente eliminando todo o conteúdo técnico-militar dos samurais e também as diferentes escolas de técnicas guerreiras. No entanto, apesar dessa fase de preponderância da máquina militar sobre o homem, no início do século XX, apoiadas em um nacionalismo militar, voltam a ressurgir as “Artes Marciais”, entre elas o Karate, que abandona um pouco a ideia de autodefesa e se transforma em uma disciplina mental e corporal enraizada na base espiritual *Zen*.

Esse ressurgimento se afirma quando em 1922 o Mestre Gichin Funakoshi oferece na cidade de Tóquio uma exibição para o Ministério da Educação. Essa exibição atinge tão alto êxito que é decidido a implantação do Karate como uma matéria curricular dentro das universidades, sendo esse o marco da introdução do Karate no Japão. O Mestre Gichin Funakoshi também foi o responsável pela modificação do nome de Karate para Karate-do, que em sua criação teve especial cuidado na escolha dos termos, de maneira que eles refletissem não somente um nome, como também refletissem a essência e o conteúdo espiritual dessa disciplina (NAKAYAMA, 1966). Os caracteres *Kara* e *Te* significam respectivamente “vazio” e “mão”, assim como o sufixo *Do* comum a todas as Artes Marciais que significa caminho, doutrina ou disciplina a ser seguida. A organização em que será realizado este estudo, a *Japan Karate Association*, foi fundada pelo Mestre Gichin Funakoshi e seus alunos seguidores do estilo criado por ele, o Shotokan.

O Karate-do não é uma modalidade integrante do Comitê Olímpico Internacional devido a discordâncias políticas entre as principais instituições, e principalmente ao fato de o Karate-do não ser visto como apenas um esporte e sim como uma Arte Marcial. Ao tornar-se um esporte olímpico a instituição responsável por manter a origem do estilo de Karate-do *Shotokan* (JKA) acredita que muitos dos princípios da modalidade serão perdidos para adequar-se ao principal objetivo dos esportes, a busca de resultados competitivos. Os princípios que serão perdidos não remetem apenas aos que tratam da parte técnica, mas também da parte filosófica da modalidade na qual reside todo o conteúdo formativo do praticante.

Diante do contexto apresentado, emerge a questão central desta pesquisa:

Na perspectiva dos dirigentes e treinadores, as competições infantis de Karate-do JKA estão adequadas aos interesses e capacidades de seus participantes de modo a atuarem de forma positiva no processo de educação e formação?

Para responder essa questão faz-se necessário responder as seguintes questões norteadoras:

(a) De que maneira o regulamento das competições afeta o processo de formação e educação dos participantes?

(b) Os conteúdos propostos nas competições infantis no Karate-do JKA estão adequados às capacidades e necessidades de seus participantes?

(c) Como os treinadores lidam com a relação existente entre vitórias *versus* derrotas com seus alunos?

(d) Como são estruturadas e organizadas as competições oferecidas para essa categoria?

Definidas as questões norteadoras, cabe apresentar a estrutura na qual o texto será conduzido. Por situar-se na área das competições, a revisão de literatura tratará inicialmente - com o intuito de alicerçar este estudo - da Teoria Geral das Competições Esportivas relacionada com o Karate-do JKA. Nesse capítulo inicial será abordado como se classificam as diferentes competições, os tipos de competições, os métodos de realização e os conteúdos da competição esportiva em longo prazo. No segundo momento serão apresentadas as características psicossociais, motoras e de aprendizagem de crianças e jovens e como o esporte e as competições devem ser orientados tendo em vista a formação técnica e educacional dos praticantes. Por último será tratada a importância de propostas de atividades competitivas mais conformes às crianças e jovens, tema central desta pesquisa. Após a revisão de literatura serão explanados os procedimentos metodológicos, seguidos pela apresentação e discussão dos resultados e por último as conclusões e considerações finais do estudo.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 TEORIA GERAL DA COMPETIÇÃO

Apresentando-se como um modelo de relações humanas, as competições são consideradas a alma do esporte e têm como tarefa restringir ou eliminar as contradições que surgem na sociedade e democratizar as relações sociais (ZHELYAZKOV, 2001; PLATONOV, 2001; BAUMERT, 2004). As competições possuem em sua esfera luta, vitória, derrota, tentativa de aperfeiçoamento, vontade de alcançar os melhores resultados, prestígio e interesses econômicos. Entretanto ao longo do desenvolvimento do esporte, a competição foi modificada sendo adicionados, retirados e recolocados diferentes aspectos que contribuíram para uma definição mais detalhada (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Para os mais jovens, a competição no esporte é o próprio esporte, sendo impossível dissociá-los e indicando que um não existe sem que o outro ocorra. Ela constitui parte importante das vivências dos jovens, proporcionando ricas experiências de autoconhecimento, superação e amadurecimento que emergem das situações de disputa de uma competição (MARQUES, 2004). Entretanto há críticas quanto à realização de competições especializadas para essa faixa etária (RÉ, DE ROSE, BÖHME, 2004; KUNZ, 1994; CAFRUNI, 2002). Marques (2004) e Kunz (1994) nos apresentam que devido a importância da competição, valores exacerbados de concorrência e individualismo seriam promovidos e que os jovens estariam sacrificando suas infâncias em virtude de treinamentos muito exigentes e competições de alto nível.

Devemos este panorama ao fato de que o modelo de competições aplicado a essas idades é o mesmo que o modelo adulto em muitas modalidades esportivas. Este também é o caso que vem ocorrendo no Karate-do JKA, em que o modelo infantil está cada vez mais sendo aproximado do adulto (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012). Para melhor compreender a organização das competições é necessário conhecer suas classificações, seus tipos e métodos de realização. É sobre estes temas que o texto será desenvolvido no decorrer deste capítulo.

2.1.1 Classificações das competições esportivas

Segundo Matveev (1996) elaborar uma classificação única, abrangente e satisfatória das competições é uma tarefa difícil e até então não realizada. Entretanto, este autor propõe como ponto de partida a visão metodológica, que para classificar as competições possui duas exigências: 1) a utilização fundamental dos índices que são essenciais para o esporte, ou seja, os resultados; e 2) a construção do esporte de um modo não linear, apresentando separações nos diferentes níveis existentes. O primeiro grupo de competições é denominado como competições esportivas próprias e o segundo grupo como competições paradesportivas, nesta revisão trataremos apenas do primeiro grupo. As competições esportivas próprias representam a atividade competitiva com todo o seu complexo de especialidades, são elas as que possuem o *status* de oficial (MATVEEV, 1996; GOMES, 2002).

De acordo com Briankin *apud* GOMES (2002)² para uma competição ser considerada como oficial, os seguintes itens devem ser contemplados:

(a) Fazer parte do Calendário Desportivo Oficial, que significa estar presente na relação de competições que possuem época, escala e destino (campeonatos locais, regionais ou de nível maior) determinados;

(b) Estar organizadas de acordo com o Regulamento de Competição Oficial, um documento normativo formalizado com precisão entre as organizações esportivas de acordo com o objetivo da competição;

(c) Serem estruturadas, organizadas, dirigidas e realizadas de forma a assegurar os objetivos competitivos a conseguir dos competidores, a unificação do corpo de ações competitivas, as condições de sua execução e dos métodos de avaliação dos resultados e a regulamentação do comportamento dos competidores segundo o princípio da concorrência não antagonista.

As competições oficiais fazem parte do chamado Calendário Desportivo, que é a relação sistematizada de competições planejadas pelas organizações esportivas, com indicação de datas, lugares e denominações (ou tipos) determinados (GOMES, 2002; MATVEEV, 1996, THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Estes mesmos autores nos apresentam as exigências fundamentais para se elaborar um Calendário Desportivo:

²BRIANKIN (1983) *apud* GOMES, 2002, p. 36.

- Regras de competições de tipos e graduações diferentes, que permitam aos desportistas sair dos longos ciclos competitivos semestrais ou anuais;
- Envolvimento dos amplos contingentes de desportistas de qualificação, idade e sexo diferentes;
- Sucessão na distribuição de competições de menor e maior exigência e nível, observando os intervalos proporcionados durante elas, de forma que seja sempre possível a manutenção da forma esportiva;
- Estabilidade do Calendário, que significa que os pontos presentes neles não serão revisados, exceto por extrema necessidade.

No Karate-do JKA, as competições oficiais são estruturadas e realizadas pelas organizações regionais, nacionais e internacionais de modo que os eventos estejam sincronizados para culminar no evento de maior prestígio do Calendário Desportivo daquele determinado ano. Anualmente são realizadas as competições regional (estadual) e nacional, sendo a última a que fornece a classificação dos atletas e a seleção nacional daquele ano. O Campeonato Mundial ocorre em um ciclo de três anos, em cada ano deste ciclo é realizado um campeonato continental, como o Campeonato Sul Americano (JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL, 2012).

2.1.2 Tipos de competições

A participação competitiva diferenciada durante o processo de treinamento tem como finalidade assegurar a forma física e conduzir o atleta ao desempenho máximo na competição principal do período (GOMES, 2002; MATVEEV, 1996; PLATONOV, 2001). Platonov (2001) e Thiess, Lühnenschloss e Wille (2004), dividem as competições de forma similar, separando-as em competições preparatórias, de controle, de modelação (ou aproximação), de seleção e principais. Abaixo se destacam as principais características de cada tipo de competição:

- As competições preparatórias objetivam o aperfeiçoamento técnico e tático, a adaptação dos diferentes sistemas funcionais do organismo às cargas competitivas e o acúmulo de experiência;
- As competições de controle permitem avaliar o nível de desenvolvimento do atleta, analisando o grau de assimilação técnico tático, as adaptações físicas e

psíquicas, as exigências da competição e, com seus resultados, oferecem a possibilidade de corrigir o treinamento;

- As competições de modelação visam aproximar as capacidades dos esportistas aos níveis exigidos nas competições principais, elas devem simular completamente ou parcialmente uma competição principal;

- As competições de seleção são realizadas para escolher os representantes para a seleção nacional ou determinar os participantes nas competições individuais de nível superior;

- As competições principais são as em que o esportista deve alcançar o resultado mais alto na etapa específica de seu aperfeiçoamento, a completa mobilização de capacidades funcionais e técnico-táticas e o máximo de orientação em direção à conquista do resultado também devem ocorrer nesse evento.

As competições regionais, como as estaduais, no Karate-do JKA, fazem parte do grupo das competições preparatórias, e funcionam também como forma de aproximação e controle para as competições nacionais que tem o caráter seletivo. Normalmente, são vistas como competições principais neste esporte os Campeonatos Sul Americano e o Campeonato Mundial, eventos nos quais devem culminar todos os fatores integrantes do treinamento dos atletas (JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL, 2012).

2.1.3 Métodos de realização das competições

A escolha dos diferentes modos e métodos de competições depende do esporte, de suas tradições de realização das competições, dos objetivos das competições, do número de participantes, do lugar de realização, das possibilidades de arbitragem e do tempo para a realização das competições (PLATONOV, 2004). Thiess, Lühnenschloss e Wille (2004) apresentam dois modos de realização das competições, são eles: as competições de torneio e as competições de temporada. As competições de torneio são competições nas quais as etapas eliminatórias e finais são realizadas no mesmo evento, estão severamente limitadas pelo tempo, sua duração geral é de um a cinco dias e é a forma utilizada pelo Karate-do JKA em todos seus eventos (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012). Já as competições de

temporada abrangem muitos eventos, que devido ao seu conteúdo pertencem ao mesmo grupo. São competições realizadas através de rodadas e que utilizam o sistema de pontos para estabelecer os resultados, normalmente se estendem por quase todo o período de competição do ano (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Além dos modos de realização das competições, há também os métodos de realização das mesmas. Platonov (2004) descreve os métodos mais utilizados na maioria dos esportes: liga, *play off*, misto e método de eliminação direta.

- Método liga: consiste em realizar confrontos com cada um de seus adversários seguindo uma ordem determinada. O resultado desses encontros, vitórias, derrotas e empates, são expressos em pontos que são utilizados para determinar o lugar ocupado pelo esportista. Se ocorrer de vários participantes obterem a mesma pontuação, a classificação é definida pelo que foi estabelecido no regulamento da competição;

- Método *play off*: os participantes são divididos em grupos nos quais serão realizados confrontos entre cada um dos participantes. Os esportistas que ocuparam as melhores posições nos grupos passam para a seguinte etapa da competição. O sistema de divisão em grupos se mantém até a etapa final da competição;

- Método misto: todos os desportistas participam previamente de uma etapa seguindo o método *play off*, após isso os vencedores das competições prévias realizam encontros entre si por meio de sorteio utilizando o método de eliminação direta. O número de participantes que chegam à final, da mesma forma que o número de vencedores das competições prévias, é determinado pelo regulamento. As finais são realizadas utilizando o método liga. Uma variação do método misto é realizar as finais através do método de eliminação direta;

- Método de eliminação direta: os confrontos são determinados através de sorteio, o participante que perder o confronto estará eliminado da competição. Este método apresenta variações como a realização de confrontos entre os perdedores, o que permite aos vencedores continuar competindo, outra variação seria permitir a eliminação do esportista somente após duas derrotas. No Karate-do JKA o método

de eliminação direta é utilizado em todos os campeonatos e em todas as categorias disputadas.

São propostos ainda mais dois diferentes métodos de realização das competições esportivas de alto rendimento, o método do sistema de posições e o método do sistema de *ranking* (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). O princípio básico do primeiro consiste em que os atletas que obtiveram as melhores posições da competição estão qualificados para a próxima confrontação. Este método é utilizado, por exemplo, nas séries de tiros de velocidade do atletismo, nas quais são realizadas eliminatórias prévias e se classificam para a próxima os que obtiveram as melhores posições. No sistema de *ranking* o objetivo é a determinação das posições dos competidores, desde o primeiro até o último colocado, é o sistema utilizado, por exemplo, para determinação dos resultados de uma corrida de maratona.

Os gêneros de competição também são importantes para compreender a estrutura da competição. Basicamente há dois gêneros o individual (competições em que se valoriza o rendimento individual do esportista) e o por equipes (competições nas quais se valoriza o rendimento da equipe) (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Contudo, Platonov (2004) acrescenta mais um gênero de realização, o chamado individual e por equipe, no qual as posições de cada participante são determinadas também pela classificação da equipe.

É importante destacar que no Karate-do JKA, apesar de ser uma modalidade predominantemente individual, também são realizadas competições por equipes. As equipes podem ser de *Kata* e *Kumite*, sendo que na categoria infantil há a possibilidade de montar equipes com integrantes de ambos os sexos, enquanto a partir dos catorze anos, na categoria juvenil, todos os integrantes da equipe devem ser do mesmo sexo. Cabe comentar que os integrantes das equipes não competem entre si apenas contra as outras equipes (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012).

Um ponto importante a ser analisado nos diferentes tipos de esporte é a maneira pela qual o resultado competitivo é determinado. Platonov (2004) estabelece quatro grupos de esporte de acordo com a determinação do resultado desportivo: 1- Esportes cujo resultado é medido metricamente, com objetividade; 2- Esportes cujo resultado é determinado por unidades convencionais (pontos, notas),

pela execução de um programa determinado de competições; 3- Esportes cujo resultado desportivo é definido pelo efeito final ou pela predominância em unidades convencionais (pontos), pelas ações realizadas em situações variáveis; e 4- Esportes complexos, como o pentatlo moderno, biatlo, decatlo e etc., que possuem a particularidade de compensar uma ação por outra não tão bem realizada, influenciando predominantemente no resultado final do esporte.

O Karate situa-se no terceiro grupo que é composto por três subgrupos:

- O grupo dos esportes nos quais o resultado final é definido pelo efeito final conquistado em um tempo determinado estabelecido pelas regras, como o futebol e o basquete;

- O grupo dos esportes nos quais a vitória é determinada pelo efeito final determinado, porém não há limitação de tempo, como o tênis e o voleibol;

- O grupo de esportes nos quais se pode acelerar a vitória, apesar de que haja um tempo determinado, seguindo duas variantes: a realização de uma vitória “limpa” e o alcance da vitória ao acumular uma determinada quantidade de pontos antes do término do tempo, como no Karate-do JKA

2.1.4 Conteúdos das competições esportivas em longo prazo

A preparação para a competição esportiva se dá através do trabalho de diferentes conteúdos durante as etapas do treinamento em longo prazo. Diversos autores (TSCHIENE; BARTH, 2004; PLATONOV, 2004; MATVEEV, 1996; THIESS; LUHNENSCHLOSS; WILLE, 2004) classificam as etapas do treinamento e agregam a elas seus objetivos e conteúdos específicos. A seguir são apresentadas algumas das propostas encontradas na literatura.

Tschiene e Barth (2004) apresentam três diferentes etapas de treinamento, são elas: o treinamento básico, o treinamento de desenvolvimento e o treinamento de integração. Na primeira etapa, os objetivos, exercícios e conteúdos ainda não contemplam a participação nas competições e não estão orientados ao máximo

resultado competitivo. Entretanto, pode haver a participação em competições mais simples e não oficiais. Na segunda etapa, o treinamento de desenvolvimento, os objetivos e conteúdos centram-se na área sócio-psicológica. Isso ocorre devido ao fato de que o desportista deve acostumar-se a nova situação que lhe é apresentada pela participação em uma competição oficial. A terceira e última etapa, o treinamento de integração, deve oferecer aos desportistas oportunidades frequentes de participação em competições de modo que seja alcançada a integração na equipe e a estabilidade diante uma competição.

Nessa perspectiva, os autores estabelecem dentro de cada etapa de treinamento dois tipos de preparação para as competições, a geral e a especial. A preparação geral abarca medidas para a aptidão do desportista, que devem conduzi-lo ao seu nível máximo de rendimento na temporada de competição. Os conteúdos a serem introduzidos no treinamento são gerais e essencialmente fundamentados na condição física (SCHNABEL; THIESS *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004)³. O objetivo é a formação específica dos requisitos de rendimento energéticos, sem deixar de ter em conta os fatores psíquicos e coordenativos (TSCHIENE e BARTH, 2004).

Já a preparação especial para a competição, objetiva medidas que favoreçam as aptidões a serem realizadas no momento da competição (SCHNABEL; THIESS, *apud* TSCHIENE; BARTH 2004)⁴. Schnabel *et al.* *apud* Tschiene; Barth (2004)⁵ aponta como missões da preparação especial para a competição:

- Transformar completamente o nível de cada hipótese de rendimento com relação ao rendimento na competição;
- Elaborar uma relação harmônica entre todos os requisitos do rendimento;
- Apresentar de uma forma ótima o rendimento na competição.

Quanto às metodologias a serem utilizadas no treinamento para a competição, podemos dividi-las em três âmbitos: o condicional, o técnico e a preparação tática. O âmbito condicional trata da criação e estabilização do nível necessário e planejado para o rendimento competitivo, esse nível deve garantir a

³SCHNABEL; THIESS (1994) *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004, p. 74.

⁴SCHNABEL; THIESS (1994) *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004, p. 74.

⁵ SCHNABEL *et al.* (1994) *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004, p. 74.

aplicação técnica e tática dentro das exigências da competição. No âmbito técnico a estabilização e o aperfeiçoamento da técnica do movimento são o objetivo primordial. Nesse período também podem ser realizadas pequenas correções e jamais devem ser acrescentados novos padrões técnicos. A preparação tática se desenvolve de acordo com as possibilidades dos competidores e do lugar de competição, dessa maneira é definida a linha de atuação do desportista ou equipe da forma mais adequada (TSCHIENE; BARTH, 2004).

Platonov (2004) apresenta três metodologias presentes na prática competitiva moderna que podem ser implantadas nas etapas citadas anteriormente, propostas por Tschiene e Barth (2004), entretanto, deve-se ter cuidado em relacioná-las de acordo com os objetivos propostos por cada etapa.

- A primeira metodologia tem como pressuposto a alta frequência de participação em competições, buscando sempre resultados ótimos;

- A segunda metodologia indica pouca intensidade de competições, centrando o foco do treinamento nas competições principais;

- A terceira metodologia indica uma ampla participação competitiva que deve ser diferenciada, utilizando as competições de controle e preparação como meios de se atingir o resultado máximo nas competições principais.

Platonov (2004) nos expõe também as vantagens e desvantagens de suas metodologias. Da primeira podemos destacar a ampla utilização da competição como meio de preparação e controle do treinamento para eventos mais importantes como ponto positivo. No entanto, como fator negativo há as excessivas cargas físicas e psíquicas que emergem da busca de um alto resultado esportivo constante. Como desvantagem da segunda metodologia há o fato de que a atividade competitiva limitada priva o desportista do desenvolvimento das reações de adaptação do organismo, o que interferirá na realização plena das capacidades físicas e técnicas no momento da competição principal. A terceira metodologia é a mais indicada quando trabalhamos com crianças e jovens, pois proporciona os estímulos e as adaptações gerados pela prática competitiva sem acarretar em uma sobrecarga física e psicológica, devido à frequência de eventos, pelos quais os atletas são expostos.

Tratando especificamente do treinamento e das competições para os mais jovens, Thiess, Luhnenschloss e Wille (2004), apontam princípios determinantes que devem ser desenvolvidos com esse público. Estão inseridos nesses princípios as capacidades corporais esportivas, as habilidades corporais esportivas, as capacidades e habilidades técnicas e táticas e os traços psicomorais e de comportamento do jovem desportista. Nessa perspectiva, as competições são um elemento totalmente integrado e insubstituível do processo de formação esportiva. Partindo dessa posição temos como resultado as seguintes diretrizes de caracterização metodológica e de conteúdo da competição:

- A competição esportiva deve comprovar o atestado de estabilidade da formação esportiva que se alcançou durante os treinamentos e verificar pontos para a posterior correção e consolidar e promover o interesse das crianças pela modalidade.

- A competição deve atuar como facilitador de experiências para o êxito no rendimento, constituindo o interesse pela modalidade esportiva também nos treinamentos regulares e os jovens também devem ser estimulados a conseguir alcançar a vitória apresentando seu melhor rendimento.

- Os jovens não devem participar de competições sem treinamento prévio, no entanto, é equivocado evitar as competições por acreditar que o indivíduo estará apto para participar somente quando reúna uma excessiva carga de experiência através do treinamento.

A partir dessas diretrizes conseguimos concluir que na iniciação de jovens desportistas a participação em competições devem ser as mais diversas visando desenvolver e promover os mais variados estímulos para a continuidade dos treinamentos e das participações em competições (THIESS; LUHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Remetendo este tema ao contexto do Karate-do JKA, é observada a estruturação através do sistema de graduações por *kyus* (faixas) no qual os conteúdos são categorizados de forma crescente em relação à complexidade. A interdependência entre o que é desenvolvido em cada graduação mostra-se importante na construção técnica e disciplinar do praticante de Karate-do até a faixa

preta, graduação na qual ele deve apresentar conhecimento geral sobre as técnicas e ter incorporado os aspectos filosóficos da modalidade de tal maneira ao ponto de que eles já sejam parte integrante do seu caráter (FSRKT, 2007). Os conteúdos técnicos do Karate-do se dividem em três abordagens, o *Kihon* (fundamentos técnicos), o *Kata* (um conjunto de técnicas de bloqueio, soco e chutes combinados em sequencias que possuem uma aplicação de luta) e o *Kumite* (luta entre dois oponentes). Cada graduação apresenta seu *kihon*, *Kata* e *Kumite* exclusivos que devem ser trabalhados durante o período de seis meses ou um ano, que é o tempo médio de carência para a mudança de graduação. Os objetivos dos conteúdos de cada graduação são citados a seguir:

- Faixa amarela (primeira graduação, nono *kyu*): Deve-se demonstrar equilíbrio e firmeza nas posições;
- Faixa laranja (segunda graduação, oitavo *kyu*): A posição deve ser mantida nos movimentos para frente e para trás;
- Faixa verde (terceira graduação, sétimo *kyu*): A posição deve ser mantida nos movimentos para frente e para trás e as técnicas devem ser executadas com energia e espírito;
- Faixa azul claro (quarta graduação, sexto *kyu*): Além do citado anteriormente, os movimentos de rotações do quadril devem ser bem demonstrados;
- Faixa roxa (quinta graduação, quinto *kyu*): Além do citado anteriormente, deve-se apresentar a capacidade de finalização no momento da execução da técnica;
- Faixa azul escuro (sexta graduação, quarto *kyu*): Além do citado anteriormente, as capacidades de força e velocidade também devem estar presentes no momento da execução das técnicas;
- Faixa marrom (sétima graduação, terceiro *kyu*): Além do citado anteriormente a capacidade de finalização deve estar presente, além das técnicas de *kihon*, nas técnicas de *Kata* também.

- Faixa marrom (oitava graduação, segundo *kyu*): Além do citado anteriormente, a capacidade de finalização agora também deve ser apresentada no momento da execução das técnicas de *Kumite*;

- Faixa marrom (nona graduação, primeiro *kyu*): Além do citado anteriormente, apresentar *kime* no momento da execução de cada técnica;

- Faixa preta (décima graduação, primeiro *dan*): O praticante deve conhecer e dominar a execução das técnicas básicas do Karate-do e possui a capacidade de utilizá-las.

Podemos compreender então que as etapas de formação do praticante de Karate-do se dão através da evolução no sistema de graduações, contudo, na competição as etapas são definidas pelas categorias separadas de acordo com as idades. De acordo com o regulamento oficial antigo (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 1997; 2005) para cada categoria (infantil: de sete a treze anos, juvenil: de quatorze a dezoito anos e adulto: a partir de dezenove anos) há um conteúdo específico que deve ser trabalhado e que é conduzido em um crescente nível de complexidade. Entretanto, no regulamento novo (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012), ocorre a utilização de *Kumite* livre a partir dos nove anos.

O modelo anterior (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 1997; 2005) apresenta o seguinte delineamento:

- Categoria infantil, até os onze anos, todas as disputas de *Kumite* eram realizadas através da execução de *Ippon Kumite*, uma forma de luta pré-determinada, realizada em apenas um passo. Como objetivos do *Ippon Kumite* há o aprendizado da distância efetiva para a realização de um golpe, o correto posicionamento corporal no momento da execução de uma técnica e também o direcionamento suas técnicas.

- Categoria infantil, a partir dos doze anos, as disputas eram realizadas com a execução do *Ippon Kumite* nas fases eliminatórias da competição e nas finais com *Jiyu Ippon Kumite*, uma forma de luta semi-livre que caracteriza a transição para o *Shiai Kumite* (luta livre). O *Jiyu Ippon*, assim como o *Ippon Kumite* é pré-determinado, no entanto, a movimentação é livre, enquanto o anterior era realizado parado. Nessa forma de *Kumite*, questões como a distância ideal para a execução

de uma técnica, o correto posicionamento do corpo e da direção das técnicas já devem estar presentes. O que é buscado através do *Jiyu ippon Kumite*, por ser a transição para o *Shiai Kumite*, é a capacidade de reagir a estímulos conhecidos (as técnicas são ditas antes de sua realização) em um ambiente com variáveis não controladas (advindas da movimentação livre).

- Categorias juvenil e adulto, o *Shiai Kumite* (luta livre) é desenvolvido nas fases eliminatórias e finais e objetiva a reação a estímulos em um ambiente sem nenhum tipo de controle sobre as variáveis. (JAPAN KARATE ASSOCIATION DO BRASIL, 2011).

Como mencionado anteriormente, no modelo atual (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012) essa progressão acima apresentada é desconsiderada, sendo realizado a partir dos nove anos de idade disputas de *Kumite* livre. No que diz respeito à execução de *Kata* não foram realizadas alterações nas revisões de regulamento, pois a execução dos *Kata* independe da idade (ocorre da mesma forma em todas as categorias), mas sim da graduação, possibilitando que o atleta realize os *Kata* até o que corresponde a sua graduação.

2.1.5 A importância do resultado competitivo

O resultado competitivo aparece como produto das competições e possui um valor específico para o próprio esportista, seu treinador, sua equipe e seu país. Ele é condicionado por uma série de fatores entre os quais estão as particularidades do esportista, a eficácia do sistema de treinamento e as condições sociais e ambientais na realização das competições (PLATONOV, 2004). Nesse contexto temos como personagem principal a figura do competidor, sendo ele o único a arcar com as responsabilidades advindas da participação e dos resultados da competição (THIESS; LUHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

A maneira como os competidores encaram as situações de competição delinea cada orientação: as orientações que a mesma possui para cada um deles. Matveev (2001) propõe três variantes de orientação: (1) orientação à vitória aconteça o que

acontecer; (2) orientação ao mais alto resultado possível; (3) orientação à demonstração do resultado já premeditado. A seguir são apresentadas as principais características de

- 1- Orientação à vitória aconteça o que acontecer: além da máxima superação individual, também é buscada a superioridade em relação aos demais rivais. Este tipo de orientação é típica de competidores que buscam o resultado apenas nas competições mais importantes e sua origem pode residir nos mais altos sentimentos e aspirações humanas assim como também pode ser ditada pela ambição;
- 2- Orientação ao mais alto resultado possível: é busca do melhor rendimento nas condições que o limitam, é mais praticada em competições de controle e objetiva a aquisição de uma maior experiência competitiva. Essa orientação favorece também a estimulação do nível de treinamento específico, a educação das qualidades volitivas e partindo do ponto em que se tem conhecimento das condições que dificultam o máximo rendimento, o competidor também se libera um pouco das pressões em relação ao resultado;
- 3- Orientação ao resultado premeditado: assim como a anterior também é mais frequente em competições de controle, contudo, esta não prevê o máximo resultado competitivo e sim as possibilidades de conquista de um resultado que possui uma chance mínima de não ser alcançado. Com essa orientação é possível aumentar a frequência de competições sem acarretar em um aumento excessivo do estresse competitivo.

No treinamento para crianças e jovens identificar essas orientações é um ponto muito importante da formação esportiva, pois a competição é parte fundamental do treinamento para essas idades, o que termina por influenciar na relevância dada ao resultado competitivo (MARTIN *et al*, 2004). A busca constante por altos resultados acarreta em um fator delimitador da prática competitiva, e por consequência das experiências motoras da criança, que é a especialização precoce (ZHELYAZKOV, 2001). Esse fator, na grande maioria das vezes, não surge a partir do interesse do praticante e sim de um resultado das preocupações dos treinadores, dirigentes e pais de potencializar a formação esportiva visando obter resultados em um determinado esporte de forma rápida (MARQUES, 1991). Ainda segundo Marques (1991) o correto

valor agregado ao resultado desportivo poderá interferir na própria continuação da prática esportiva. Esse autor nos mostra que a maioria dos atletas que buscaram altos resultados imediatos, terminou por abandonar a modalidade devido às excessivas pressões sofridas. No estudo de Cafruni (2002), apresentando o ponto de vista dos treinadores, também foi encontrado que a excessiva valorização do resultado competitivo por parte dos competidores é visto como algo negativo.

Na perspectiva do Karate-do JKA com a implantação do modelo adulto nas competições infantis, a tendência à especialização precoce e a supervalorização da vitória torna-se eminente. No entanto, cabe ressaltar que essa especialização não se refere ao esporte como um todo, mas sim a um conjunto de técnicas mais “vistas” nas competições, fato esse que age em detrimento da progressão pedagógica do próprio Karate-do. Por sua vez, a supervalorização da vitória vai contra os princípios filosóficos da modalidade, o que interfere no principal objetivo da prática do Karate-do, que é a formação humana baseada na excelência (ROMÁN, 1995).

2.2 A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA COMPETIÇÃO

A fascinação pelas competições já está presente nas crianças e vai crescendo com elas na mesma proporção que a necessidade de comparar-se (BAUMERT, 2004). Este capítulo objetiva caracterizar crianças e jovens dentro das perspectivas psicossociais, motoras e de capacidade de aprendizagem e como o esporte e a participação em competições devem ser orientados tendo em vista a formação técnica e educacional dos praticantes. Também serão abordadas as funções que a competição possui e como os eventos competitivos são interpretados por essa população. Por último será tratada a proposta de atividades competitivas mais conformes às crianças e jovens abordando temas como a importância da realização de competições de acordo com esses pressupostos, porque devem ser realizadas modificações nas competições infantis e juvenis, as exigências que essas competições devem atender, a forma como devem ser realizadas e a frequência das mesmas.

2.2.1 Esporte infantil

De acordo com Kaneta e Lee (2011) todo o comportamento humano, inclusive o esportivo, é resultado das relações entre a história pessoal, cultural e evolutiva dos seres humanos. Por isso faz-se necessário compreender as origens dos comportamentos apresentados por crianças e jovens para assim conhecer e entender a importância das relações sociais durante essas duas etapas da vida. Bowlby *apud* Kaneta e Lee (2011)⁶ faz referência a uma tendência inata em todos os seres humanos que é criar fortes elos emocionais com seus provedores ou com aqueles que cuidam da criança desde seus primeiros anos de vida. Esse vínculo é percebido logo após o nascimento e influencia fortemente no desenvolvimento emocional.

A relação de vínculo com os pais citada anteriormente afeta diferentes comportamentos que a criança poderá apresentar, desde a sua própria representação mental até suas futuras relações pessoais. Bowlby *apud* Kaneta e Lee (2011)⁷ desenvolve a Teoria do apego, na qual o suporte dado pelos pais é o fundamento de todo o desenvolvimento emocional do indivíduo. O autor trata de três tipos de apego: (1) apego seguro, (2) apego inseguro resistente ou ambivalente e (3) apego inseguro evitativo. As diferenças essenciais nos três residem no carinho dado e na sensibilidade da pessoa que cuida da criança, a seguir uma breve caracterização de cada estilo de apego:

(1) Apego seguro: é o padrão condizente com o desenvolvimento saudável, nele o indivíduo é confiante de que seus pais estarão disponíveis e o ajudarão em situações adversas ou assustadoras. Esse padrão é promovido por uma figura de apego que se mostra disponível e sensível para os sinais da criança e que responde amavelmente quando a proteção ou assistência são requisitadas.

(2) Apego inseguro ambivalente: as crianças não possuem certeza de que sua figura de apego estará disponível ou a ajudará quando ela precisar. Essa percepção é promovida por figuras de apego que se mostram disponíveis em algumas situações e em outras não.

⁶ BOWLBY (1984) *apud* KANETA; LEE, 2011, p. 77.

⁷ BOWLBY (1984) *apud* KANETA; LEE, 2011, p. 77.

(3) Apego inseguro evitativo: as crianças exploram o ambiente procurando pouco a figura de apego e são minimamente perturbadas com sua ausência, isso ocorre porque a criança não tem confiança de que quando precisar de cuidados será ajudada com prontidão e, muito pelo contrário, espera ser contrariada.

A partir dessa visão fica evidente a ligação entre a qualidade da relação com os pais e o desenvolvimento emocional. Sendo assim, emergem desse vínculo inicial as emoções básicas, que são muitas vezes emoções inconscientes e que possivelmente funcionam como base para o surgimento de outras emoções (EKMAN *apud* KANETA; LEE, 2011)⁸. Como os seres humanos são essencialmente sociais desde o nascimento, torna-se compreensível que suas emoções, seu comportamento, sua personalidade e sua identidade sejam moldados a partir das relações sociais. Essas relações dependem da comunicação do indivíduo e da percepção do outro, sendo assim o próprio indivíduo modifica o ambiente que lhe dará uma resposta, fazendo desse um processo dinâmico. Com isso, o repertório emocional das crianças, composto inicialmente pelas emoções básicas, torna-se mais elaborado dando origem às emoções conscientes que são relacionadas à cognição social (EKMAN *apud* KANETA; LEE, 2011)⁹.

Conseguimos compreender através desse panorama que as crianças e os jovens que estão participando de esportes já possuem uma estrutura psicológica constituída antes de sua inserção naquela atividade. Para que a prática seja iniciada e mantida alguns pontos são importantes, nas crianças, por exemplo, a motivação para iniciar em alguma atividade esportiva está relacionada com três fatores: influência de parentes e professores, oportunidade de envolver-se e demonstrar habilidades de forma competente e o pertencimento a um grupo. Já nos adolescentes as motivações são a busca por “ser bom em algo” e ter reconhecimento dentro do grupo a que pertence (KANETA; LEE, 2011). Em comum entre as motivações de crianças e jovens para iniciar e permanecer na prática esportiva estão as questões de “pertencer a um grupo” e “ser reconhecido no grupo”, nos demonstrando mais uma vez a importância da necessidade de estabelecer

⁸ EKMAN *apud* KANETA; LEE, 2011, p.77

⁹ EKMAN *apud* KANETA; LEE, 2011, p.77

relações sociais para o desenvolvimento emocional ao longo da vida nos diferentes contextos em que a pessoa está inserida.

Na perspectiva motora, a capacidade de rendimento desportivo na infância e na adolescência emerge de acordo com as mudanças no desenvolvimento segundo a idade e o sexo. A diversidade de esportes existente torna possível a prática dos mais diferentes tipos de movimentos, que por sua vez originam-se das habilidades motoras fundamentais. De acordo com Gallahue e Ozmun (2001), as habilidades motoras fundamentais envolvem apenas os elementos básicos de um movimento particular sem realizar a combinação com outras habilidades. Segundo os movimentos realizados podemos organizá-las em três categorias: (1) as habilidades motoras estabilizadoras; (2) as locomotoras; e (3) as manipulativas, que de acordo com o padrão motor apresentado em sua execução são classificadas em três estágios: inicial, elementar e maduro. Crianças em condições cognitivas e físicas normais progridem de uma forma sequencial influenciada pela maturação e pela experiência, habilitando-se por volta dos seis anos de idade a encontrar-se no estágio maduro de todas as habilidades motoras fundamentais.

Segundo esses mesmos autores a combinação das habilidades motoras fundamentais aplicadas a um esporte dá origem às habilidades motoras específicas de cada modalidade. A maioria das crianças apresenta potencial a partir dos seis anos para iniciar a transição para a fase motora especializada. No entanto, essa transição depende da aplicação de padrões de movimento maduros a uma grande variedade de habilidades motoras, se isso não ocorrer haverá prejuízo no aprendizado da habilidade.

O processo de aquisição das habilidades motoras especializadas se dá através de três estágios: (1) estágio de transição; (2) de aplicação; e (3) de utilização permanente. No primeiro surgem as tentativas iniciais de combinar e refinar os padrões motores maduros, é a partir dele que emerge nas crianças o interesse no esporte e nos padrões de desempenho. No estágio de aplicação (por volta dos 11 anos) o indivíduo está mais consciente de suas capacidades e limitações e por isso direciona seu empenho para certos tipos de esportes e a ênfase reside na melhora da competência. Já no estágio de utilização permanente (a partir dos 18 anos)

ocorre o maior refinamento das habilidades e a participação em atividades torna-se cada vez mais difícil devido ao crescente número de compromissos externos.

Além das características psicossociais e motoras apresentadas é interessante conhecer as diferenças nos processos de aprendizagem que ocorrem durante essas faixas etárias. Martin *et al* (2004) afirmam que a partir do sexto ano de vida os processos de maturação do cérebro já podem ser considerados como concluídos e por isso estão estrutural e funcionalmente dispostos para a aprendizagem de habilidades e técnicas esportivas. Entre as capacidades de aprendizagem afetadas pelo nível de maturação neural de crianças pré-púberes podemos citar: (1) a plasticidade dos processos nervosos básicos; (2) os incrementos na aprendizagem natural; e (3) a capacidade de movimento interno. Abaixo é feita a descrição de cada uma dessas habilidades.

- (1) Plasticidade dos processos nervosos básicos: através da plasticidade do sistema nervoso central são asseguradas às crianças grandes vantagens funcionais em relação ao aprendizado geral e especialmente ao aprendizado motor. O alto grau dessa condição os permite adquirir uma grande quantidade de conhecimentos de diferentes âmbitos do saber e de habilidades motoras, o que termina por convertê-los em “seres dotados para a imitação”.
- (2) Incrementos na aprendizagem natural: trata-se da espontaneidade impulsiva presente nas ações das crianças pré-púberes que é resultado de mecanismos de desencadeamento inatos oriundos de estímulos neurais. Esses mecanismos se mostram até a puberdade como incrementos de aprendizagem que surgem na participação em formas de jogos que estimulem o desafio das próprias capacidades e exercitem os elementos do comportamento motor. Entretanto, cabe ressaltar que através desse tipo de estimulação também há o aparecimento de uma tendência à repetição de movimentos, o que maximiza a aprendizagem. Em contraponto, a espontaneidade pode levar a uma perda na concentração e a subestimação dos riscos da atividade.
- (3) Capacidade de movimento interno: é advinda da capacidade de imitação que as crianças nessa faixa etária costumam apresentar. Os movimentos

nesse caso são aprendidos através da experimentação da imagem do movimento observado.

Contudo, na primeira fase da puberdade esse panorama já é modificado devido ao desenvolvimento da capacidade do sistema nervoso central de obter uma melhor fixação e estabilidade dos estereótipos motores. Entre as características que sofrem alterações do período pré-puberal para o púbere há a espontaneidade, vinda de processos de excitação neural, que passa por um processo de inibição cortical. Esse processo muitas vezes pode ser não tão satisfatório o que poderá produzir movimentos surpreendentes, porém também desproporcionados e exagerados. Essa mesma inibição e conseqüente tendência a irradiar gera uma diminuição na capacidade de aprendizagem de novas habilidades, diminuindo a capacidade de concentração e também a participação volitiva em atividades. Como outro fator diferencial há a mudança na fonte principal de aprendizagem que deixa de ser a imitação e passa a ser constituída através da linguagem. O recomendado em relação ao aprendizado nessa fase é não impor rigorosamente novos padrões motores e sim buscar estabilizar o repertório motor aprendido na infância e corrigi-lo mediante estímulos verbais e concretizando-os como estereótipos.

Conhecer como se dão alguns princípios do desenvolvimento humano e a forma como ocorre a evolução do processamento e da interpretação das informações adquiridas durante a prática de Karate-do e de outros esportes pelas crianças e os jovens torna-se de extrema importância para o progresso dos mesmos em suas modalidades. Esse desenvolvimento não é relativo somente aos aspectos motores como também a perspectiva educacional advinda da prática, responsável pela formação pessoal através dos valores trabalhados no esporte praticado.

2.2.2 O esporte e a competição como meios de formação e educação

O processo de formação do atleta, apesar de influenciado por demais pessoas integrantes dos meios em que o indivíduo convive, é de responsabilidade direta do treinador (MESQUITA, 2000). Ainda de acordo com Mesquita (2000), o treinador é o principal responsável pela iniciação, orientação e especialização dos

praticantes e a qualidade de sua intervenção contribui decisivamente para a existência de uma correta atitude formativo-educativa no contexto esportivo. Segundo Sanvicens *apud* Casamort Ayas (1999)¹⁰ a educação tem como principal finalidade a formação integral da personalidade e as demais finalidades, tanto implícitas como explícitas, devem estar subordinadas a mesma. Em consequência disso um esporte somente será educativo quando as situações em que acontece permitirem o desenvolvimento das habilidades motrizes e psicomotrizes em relação aos aspectos afetivos, cognitivos e sociais da personalidade do praticante (LE BOULCH *apud* SEIRUL. LO VARGAS, 1999)¹¹.

O poder socializador e agregador de valores éticos e morais da prática esportiva é indiscutível, isso se deve ao fato de que o esporte contém valores inerentes de autodescobrimento, desenvolvimento pessoal e educação social como o companheirismo, o espírito de luta e o respeito pelos demais e as normas (TREPAT DE FRANCISCO, 1999). O componente educativo do esporte não reside na aprendizagem da técnica e tática e sequer nos benefícios físicos que sua prática traz, mas sim que as condições em que a prática é realizada permitam ao desportista comprometer-se e mobilizar suas capacidades de tal maneira que essa experiência proporcione configurar seu próprio eu e atingir sua auto-estruturação (SEIRUL. LO VARGAS, 1999).

O Karate-do possui princípios formulados pelo Mestre Gichin Funakoshi que orientam sua prática e que devem estar presentes em todas as ações cotidianas dos *karatekas*, dentro e fora do *dojo* assim como nas disputas competitivas (NAKASONE, 2005). Teramoto (2005) parafraseando o Mestre Gichin Funakoshi menciona que a prática do Karate-do muito mais tem a ver com dominar o ego do que com a eficácia da arte marcial e que o valor da arte depende de quem a aplica e do propósito do mesmo, se for por um bom propósito a arte terá grande valor, senão não. Antes de apresentar alguns dos princípios do Karate-do é de extrema valia mencionar que o aprendizado dos mesmos não se dá de maneira imposta e que não é necessário saber “de cor” cada princípio. O processo de transmissão se dá de forma implícita durante a prática e a convivência com o *Sensei* (professor de Karate) e a incorporação dos princípios ocorre a partir das experiências vividas pelos

¹⁰ SANVICENS (1984) *apud* CASAMORT AYAS, 1999, p. 51.

¹¹ LE BOULCH (1991) *apud* SEIRUL. LO VARGAS, 1999, p. 62.

karatekas durante sua formação. A seguir são citados e conceituados alguns dos princípios que mais caracterizam o conteúdo formativo da prática do Karate-do (FUNAKOSHI; NAKASONE, 2005):

- 1) Não se esqueça de que o Karate-do começa e termina com *Rei*. O *Rei* pode ser definido como “respeito”, contudo, significa muito mais que isso. O *Rei* compreende tanto uma atitude de respeito pelos outros quanto um sentimento de autoestima, quando aqueles que respeitam a si mesmos transferem esse sentimento de estima é que realmente se apresenta o respeito pelos demais;
- 2) O Karate-do permanece do lado da justiça. Justiça é fazer o que é certo e fazer o que é certo requer força e capacidade de verdade. Os praticantes de Karate-do devem permanecer do lado da justiça em todas as ocasiões e apenas em situações em que não haja outra escolha devem expressar sua força através do uso das mãos e dos pés como armas;
- 3) O Karate-do vai além do *dojo*. O objetivo de sua prática é aprimorar e desenvolver tanto a mente como o corpo, o cultivo da atitude mental e espiritual iniciada durante a prática no *dojo* não deve cessar após o momento no qual o deixamos, ao contrário disso deve continuar ao longo da vida diária;
- 4) O Karate-do é uma atividade vitalícia. Não existe um ponto definido para a conclusão da prática do Karate-do, pois sempre há um nível mais alto para ser atingido uma vez que o verdadeiro caminho (referente ao sufixo - do presente em Karate-do) é uma estrada ilimitada e sem fim. O objetivo passa a ser tornar-se melhor hoje do que ontem e então melhor amanhã do que hoje ao longo de toda a vida;
- 5) Aplique o sentido do Karate-do a todas as coisas, é isso o que ele tem de belo. Tanto na prática como nas eventuais oportunidades na vida real, um golpe ou um chute, dado ou recebido, podem significar vida ou morte, esse é o conceito essencial do Karate-do. Devido a isso, se todos os aspectos da vida forem encarados com tanta seriedade, não haverá desafio ou dificuldade que não possam ser superados;
- 6) Não pense em vencer, em vez disso pense em não perder. Saber apenas como vencer e não como perder é se derrotar sozinho, a atitude mental que considera apenas vencer alimenta inevitavelmente um otimismo excessivo que causa impaciência e mau humor. O praticante que só pensa em vencer

perde o senso de humildade e começa a ignorar ou a desconsiderar os demais;

- 7) Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do caminho. Esse princípio engloba todos os demais, pois a vaidade e a preguiça são como amarras que impedem o progresso. Os praticantes de Karate-do precisam testar-se e questionar-se constantemente, nunca deixando de ser atentos e diligentes até serem capazes de penetrar nos níveis mais profundos do Karate-do.

O papel do *Sensei* é de suma importância no processo de formação do *karateka*, Inoue (2011) explica que o significado do termo se refere àquele que possui o conhecimento e a experiência para saber ensinar. Esse mesmo autor enfatiza que a prática do Karate-do melhora o estado físico e os indivíduos ganham segurança porque sabem que seu corpo é capaz de reagir. Esse estado permite perceber o risco, a energia negativa e evitar situações em que o perigo está eminente, pois no Karate-do o principal objetivo é desenvolver a defesa para evitar o confronto danoso e não fomentar o ataque.

As situações que o treinador e o atleta compartilham podem ser as mesmas compartilhadas em atividades não esportivas, o que as torna diferentes são os valores intrínsecos das práticas motoras, entre eles é possível citar o valor agonístico que é o responsável por conferir a intencionalidade competitiva, a luta contra algo ou alguém ou contra si próprio (SEIRULLO VARGAS, 1999). Nesse ponto de vista é importante considerar quais seriam os princípios orientadores da ação dos técnicos que, como mencionado anteriormente, são os responsáveis pela formação dos praticantes tanto nos treinamentos como principalmente durante as competições. Mesquita (2000) apresenta os seguintes princípios como norteadores:

- 1) Os treinadores devem ser apologistas de ações corretas (senso de justiça, imparcialidade, compreensão, serenidade, tolerância, paciência);
- 2) Os treinadores devem fazer com que os objetivos de formação (desenvolvimento de comportamentos corretos, válidos e conscientes) do treino e da competição durante a carreira esportiva se sobreponham aos objetivos de rendimento;

- 3) A competição, por exercer um papel fundamental no processo de formação, deve ser desmistificada, pois através dela os indivíduos são preparados para saber encarar novos desafios e dificuldades em todas as suas esferas de atuação;
- 4) A participação em competições deve ser fomentada não para a obtenção de resultados, mas sim como um meio que contribui para afirmação pessoal, autoafirmação e autossuperação;
- 5) A vontade de vencer não deve ser evitada, mas sim incentivada, no entanto não pode ser o maior objetivo. As vitórias devem significar para o praticante a confirmação de que ele deve continuar a aplicar-se nos treinamentos para se tornar cada vez melhor, enquanto a derrota serve para demonstrar que há erros que necessitam ser corrigidos e aperfeiçoar o que ainda não está adequado;
- 6) O momento no qual as crianças e jovens iniciam nas competições deve ser motivo de atenção para o treinador, assim como também o clima em torno das mesmas. Os praticantes só devem participar de competições a partir do momento em que possuam habilidade para responder aos problemas que emergem das mesmas. Por isso, o treinador deve escolher as competições mais adequadas às características de seu atleta naquele momento.

Marques (2004) menciona que saber competir, estar preparado para fazê-lo, é condição de preparação para a vida que não deve ser esquecida na formação dos mais jovens. Marques (2004) ainda refere que o esporte e a competição são apenas instrumentos para a educação e formação das crianças e jovens, os princípios e os valores associados à competição e a forma como esta é utilizada nas experiências vividas são quem confere o valor educativo.

2.2.3 Competições no esporte infantil

A competição não é um fator exclusivo das experiências esportivas, estando presente também em outros setores da vida, nos quais o ser humano compete em todos em que atua: família, escola, trabalho e sociedade (DE ROSE JR., 2004). Através dessa afirmação do autor é possível perceber que a competição não é algo estranho e que deva ser evitado para as crianças uma vez que ela se faz presente no seu universo atuante. Na grande maioria das disciplinas esportivas a competição é parte indissociável do treinamento de crianças e jovens, nos esportes de luta, por exemplo, vários métodos de treinamento ocorrem em condições muito semelhantes às de competição, desenvolvendo a habilidade de reagir ante um adversário (MARTIN *et al*, 2004).

Martin *et al.* (2004) também aponta que a ampliação dos programas de competição para crianças e jovens é pouco apoiada por metodologias alternativas e adequada aos mesmos na maioria das disciplinas esportivas. Esse mesmo autor estabelece as funções que as competições devem atingir para o contexto infantil e juvenil, entre as propostas podemos destacar a função formativa. Nessa, as competições têm como objetivo primordial a resolução de tarefas e não o rendimento em tarefas específicas, como ocorre no modelo adulto, ou seja, funcionam como incrementos na aprendizagem. Quando as competições servem para examinar o estado de desenvolvimento individual das capacidades gerais e específicas da modalidade, ocorre o cumprimento da função de controle das competições. Já a função educativa das competições se dá durante o transcurso das mesmas, pois se faz necessária a utilização da personalidade do indivíduo de forma integral. Fato este que faz das competições um momento ideal para o correto desenvolvimento da personalidade por parte dos treinadores de crianças e jovens. Em seguimento a função educativa proposta por Martin *et al.* (2004), Harre (1987) propõe mais uma função para competição que também merece destaque, a função social. Para Harre (1987) os competidores devem, além de buscar o desenvolvimento físico, buscar o desenvolvimento moral, atuando de maneira proveitosa para a sociedade, servindo de modelo para os demais.

Além das funções que a competição deve exercer no contexto infantojuvenil, é importante ainda considerar as implicações que o exercício da atividade

competitiva tem sobre esse contexto. Luta, antagonismo, vencer, perder, comparar rendimentos, prazer, pressão e tensão são fatores advindos de uma competição, o equilíbrio entre as mesmas é o grande desafio para os atletas e principalmente para os treinadores (DE ROSE JR., 2004). Como a maioria dos sistemas competitivos ainda reproduz o modelo mais avançado, os “escolhidos” como melhores terminam por serem os sujeitos que se apresentam em elevados níveis de maturação biológica, aproximando-se mais das capacidades de um indivíduo adulto. Como consequência disso, já durante as etapas de formação esportiva, um grande contingente de praticantes que não se enquadra nesses fatores acaba deixando a prática por quebra de interesse e desmotivação (ROST, 1997).

Para evitar a ocorrência de situações como essa, medidas como a declaração realizada pela Comissão de Medicina Esportiva e de *Performance* dos EUA (SMPC *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002)¹² recomendam a não participação de crianças menores de dez anos em competições de nível nacional. A alegação para isso é de que as crianças nessa faixa etária não se encontram preparadas para a pressão que ocorre em competições de alto nível. Coakley e Bompa *apud* Marques e Oliveira (2002)¹³, no mesmo sentido da alegação anterior, indicam a participação em competições organizadas a partir dos 11 ou 12 anos ou mais tarde. Estes autores afirmam que apenas nessas idades, e após elas, as crianças conseguiriam interagir com as exigências das competições como a compreensão das relações sociais, a análise das técnicas e habilidades dos adversários e experimentar o sucesso e o insucesso. Se não realizada a participação em competições adequadas para a idade e capacidades das crianças e jovens, os insucessos sistemáticos que podem ocorrer gerarão consequências psicológicas negativas no desenvolvimento dos jovens esportistas, resultando em baixa autoestima e níveis excessivos de ansiedade (MARQUES; OLIVEIRA, 2002).

O equilíbrio dos componentes motores, perceptivos, intelectuais, emocionais e psicológicos do indivíduo resulta na prontidão competitiva e a relação entre os componentes da mesma não ocorre em uma sequência linear e hermética (DE ROSE JR., 2004). Esse autor apresenta ainda que mesmo quando as capacidades individuais encontram-se em patamares mais baixos que a demanda da tarefa, as

¹² SMPC (2000) *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002, p. 69.

¹³ COAKLEY (1986), BOMPA (2000) *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002, p. 69.

crianças continuarão com a possibilidade de ter sucesso na competição. Isso ocorre devido a fatores como a motivação e os níveis de aspiração do praticante, que influenciarão positivamente no resultado competitivo. Por isso, para assegurar a motivação e também a competência nas habilidades realizadas pelas crianças durante as competições, é que emerge a necessidade do conhecimento e compreensão de propostas competitivas mais conforme as crianças e jovens e suas fases de desenvolvimento.

2.2.4 A adequação das competições às crianças e aos jovens

O sistema de treino é desenvolvido em um nível crescente de especialização e a competição invés de imitá-lo, faz o processo inverso sendo realizada de forma especializada desde a fase inicial em muitas modalidades (MARQUES; OLIVEIRA, 2002). A importância da adequação das competições reside em elaborar uma articulação estreita entre o conteúdo das competições e os conteúdos do treino, de maneira que sejam considerados primordiais nessa construção os objetivos formativos (MARQUES, 1997). Rost (1997) menciona que se organizadas de acordo com o modelo de alto rendimento as cargas psicofísicas das competições são muito elevadas para as crianças e para os jovens levando muitas vezes a fenômenos de saturação psicológica.

Para evitar os aspectos negativos advindos da realização de competições inadequadas às capacidades e possibilidades das crianças e jovens, Rost (1997) propôs a implantação de conteúdos e estruturas no sistema de competições que busquem: 1) Oferecer apoio ao treinamento que esteja à medida da criança e do jovem; 2) Opor-se a especialização precoce; e 3) Promover a construção de uma perspectiva em longo prazo da prestação esportiva nessas idades.

As modificações necessárias nas competições se justificam pela necessidade de criar situações de facilitação que permitam aos indivíduos a participação em atividades competitivas ao nível de suas qualidades e capacidades condicionadas pelos estágios de desenvolvimento, pela idade e pelo nível de treino (MARQUES, 1997). Esse mesmo autor aponta há a existência de dois estágios no modelo de preparação esportiva que são separados pela transição da infância para a

adolescência, seriam eles o treino de base e o estágio de plena realização das aptidões esportivas. No regulamento antigo (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2005) a diferenciação entre os conteúdos das competições era realizada à semelhança da divisão que foi apresentada, pois para a categoria infantil eram realizadas disputas de *Ipon Kumite* e *Jiyu ippon Kumite* a partir dos 12 anos de idade para efetuar a transição de maneira gradual para o *Shiai Kumite* realizado a partir da categoria juvenil.

Na mesma perspectiva, Rost (1997) apresenta a necessidade da existência de uma sintonia entre o sistema de competição e cada etapa da preparação em longo prazo das crianças e jovens e indica que nos anos iniciais o resultado competitivo não deve ser encarado de forma clássica, mas que também devem ser considerados o progresso e a aproximação ao nível mais alto da modalidade. Assim, a modificação da competição em função dos objetivos de formação da prática esportiva pode levar seus efeitos até o próprio treino fazendo que ele se adapte ao ritmo do desenvolvimento do praticante (ROST, 1997). Esse ponto é de suma importância, pois a consagração da harmonia entre os objetivos da formação e as expectativas que as crianças possuem em relação a sua participação em competições faz com que as mesmas atuem como elemento estruturante do treino (MARQUES, 2004).

Nos primeiros anos de treinamento as competições devem promover e respeitar os pressupostos de coordenação, técnico-táticos e orgânicos de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontram os sujeitos (ROST, 1997). Em sequência disso, Martin (2004) completa mencionando que através das competições do período inicial do treinamento devem ser desenvolvidas e estimuladas as capacidades mais responsivas a cada fase do desenvolvimento do praticante. Borde e Becker *apud* Martin (2004)¹⁴ derivam três exigências principais das competições: 1) As competições devem propor exigências reguladoras da atividade que desenvolvam programas de ação orientados a um objetivo e adequados a um fim; 2) As competições devem favorecer o treinamento da velocidade e respostas rápidas, que são capacidades que possuem seu desenvolvimento privilegiado nessas fases; e 3) As competições devem desenvolver as capacidades de rendimento técnico e de

¹⁴ BORDE E BECKER (1989) *apud* Martin, 2004, p. 439-440.

coordenação. Assim, as exigências da competição servirão para auxiliar a promoção de programas de ação coerentes com o avanço na modalidade (ROST, 1997).

Além da correta definição das exigências da competição, a maneira como as mesmas são realizadas torna-se um fator relevante no contexto estudado. Com o intuito de diminuir os efeitos das derrotas sobre as crianças e jovens. Martin (2004) propõe a realização de provas combinadas com conteúdos de competição alternativos e tradicionais, sendo a variação mais importante o fato da competição ser realizada em equipes. Nessas competições o importante não é o desempenho individual, mas sim a classificação da equipe, fator este que contribui para o envolvimento positivo com a competição, pois é proporcionado aos participantes a oportunidade de viver a competição e se divertir; desenvolver o interesse pela disciplina esportiva e adquirir motivação para o treinamento; conhecer e adquirir o comportamento competitivo em situações específicas; e desenvolver o sentimento de equipe. O único inconveniente desse método de realização é que o rendimento individual não pode ser quantificado, por isso caberá ao treinador, após a competição, em conjunto com seus atletas realizar as observações pertinentes a cada um de forma a construir o desempenho futuro de seus alunos.

A frequência das competições para as crianças e jovens também deve ser observada quando se trata da adequação da prática competitiva aos mesmos. A participação em um número reduzido de competições por parte das crianças e jovens sempre foi atribuída a sua má condição preparatória; no entanto, sabe-se hoje que as participações competitivas devem estar mais presentes nas fases de iniciais do treinamento, o que revela perspectivas paradoxais (MARQUES, 2004). Esse autor propõe também o aumento da participação em competições, no entanto não somente nas que estiverem de acordo com o modelo formal, mas também em pequenas competições realizadas entre os próprios companheiros de treino, de forma menos estruturada e mais simplificada. Essas competições devem cumprir com o objetivo de auxiliar na formação, possibilitando a oportunidade de comparar suas habilidades e assegurar a motivação dos praticantes, uma vez que o esporte em si não possui nenhum sentido se não há a competição sendo realizada concomitantemente. Ainda de acordo com Marques (2004) para as competições realizadas nos moldes antes citados não há nenhum problema em que sua frequência seja elevada, pois é justamente este o fator que irá evitar a

supervalorização do evento competitivo, assim como a derrota, pois haverá outra possibilidade próxima de melhorar seu desempenho competitivo.

Para as crianças e jovens ao contrário do treinamento de alto rendimento, não é indicada a existência de uma periodização anual de treinamento com a intenção de preparar um alto nível de rendimento para um momento específico. Contudo, o que deve ocorrer é a igual valorização de todas as competições, caracterizando o princípio da atividade competitiva durante o ano inteiro (MARTIN, 2004). Martin (2004) aponta que devido a isso algumas medidas devem ser tomadas pelos treinadores de modo a coordenar metodologicamente os objetivos e as tarefas para que ambos sejam satisfeitos de maneira ideal: 1) Realizar um acordo em conjunto com os esportistas sobre os objetivos e as principais tarefas do treinamento e das competições no princípio do treinamento anual; 2) A ênfase, em médio prazo, da preparação para as competições mais importantes que são essenciais para a satisfação dos objetivos formativos do ano; e 3) A avaliação dos resultados alcançados nas competições desde o ponto de vista dos avanços atingidos em relação à aprendizagem.

Marques (2004) menciona que o ponto primordial que deve ser considerado quando se trata da realização de competições infantis e juvenis é a não reprodução de modelos competitivos de alto nível com o intuito de assegurar respostas mais fidedignas ao desempenho final da modalidade. Marques (1997; 2004), Rost (1997), Mesquita (2000), Marques e Oliveira (2002) e Martin (2004) apontam que quanto mais adequadas estiverem as experiências competitivas (englobando os conteúdos, os métodos, as ações fomentadas pelo treinador e os diversos tópicos abordados no decorrer deste trabalho) nessas fases, mais proveitosa será a utilização das aprendizagens advindas da participação competitiva para a formação integral do praticante.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A presente dissertação de mestrado utiliza-se do método qualitativo para obtenção e análise das informações. Esse método foi escolhido por abordar contextos mais abrangentes que permitem analisar as experiências dos indivíduos sejam elas biográficas ou práticas (profissionais e do cotidiano) (FLICK, 2009). A partir dessa análise são descritas, interpretadas e discutidas as informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada (NEGRINE, 2010). Especificamente, nesta pesquisa as informações serão advindas de fontes documentais e entrevistas semiestruturadas, no intuito de verificar se as competições infantis de Karate-do JKA são atuantes na formação e educação de seus participantes.

As entrevistas foram escolhidas como fonte de coleta de informações por constituírem-se em uma estratégia que permite o estabelecimento de um vínculo melhor e de maior profundidade com o entrevistado através das perguntas que constam no roteiro de entrevista (NEGRINE, 2010). A opção pela realização de entrevistas semiestruturadas vem do fato de que por mais que ela seja conduzida mediante um roteiro, o entrevistador tem liberdade para acrescentar novas questões que ele acredite que venham a enriquecer o estudo (MARTINS; THEÓPHILO, 2009; FLICK, 2009; NEGRINE, 2010). De acordo com Stake (2011), a pesquisa qualitativa utiliza-se de entrevistas por diversos propósitos, dos quais os principais são: 1) Obter informações singulares ou interpretações sustentadas pela pessoa entrevistada; 2) Coletar uma soma numérica de informações de muitas pessoas; e 3) Descobrir sobre “uma coisa” que os pesquisadores não conseguiram descobrir por eles mesmos. A partir desses propósitos, principalmente, o primeiro e o terceiro foi feita a opção de restringir os entrevistados somente àqueles que são considerados especialistas na área de estudo desta pesquisa. As entrevistas realizadas com eles foram integradas ao trabalho, não como um estudo de caso único, mas sim representando um grupo. Sua interpretação foi focada principalmente em analisar e comparar o conteúdo do conhecimento do especialista, uma vez que as informações

potencialmente relevantes estariam mais restritas do que em outras formas de entrevista (FLICK, 2009).

As fontes documentais utilizadas foram as primárias que, de acordo com Markoni e Lakatos (2010), são aquelas que ainda não foram tratadas por nenhum método científico, e são compiladas pelo autor na ocasião ou após o seu acontecimento, através delas pretendeu-se acrescentar a dimensão “tempo”, ou seja, as mudanças ocorridas através do tempo no que diz respeito ao objetivo do estudo (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Por fim, a utilização de documentos contribuiu com informações do contexto estudado em determinada época e, a partir delas, pretendeu-se compreender os fatores que levaram às modificações ocorridas no regulamento de competição do Karate-do JKA, que terminaram por impor o modelo competitivo adulto às categorias infantis.

3.2 PARTICIPANTES

Devido ao fato de os *Senseis*/treinadores serem responsáveis não somente pelo processo de formação técnica, mas também pelo processo de formação educacional de seus atletas, os participantes deste estudo são *Senseis*/treinadores de Karate-do JKA da categoria infantil.

Foram convidados a participar aqueles treinadores filiados a JKA Brasil que de acordo com os resultados nos Campeonatos Brasileiros dos últimos cinco anos tiveram atletas ocupando até a 3º colocação, treinadores que possuem experiência reconhecida pelo meio na formação de competidores (desde a iniciação até o alto rendimento) e os *Senseis* responsáveis pela direção da JKA Brasil (que também atuam como treinadores), por seu reconhecimento no ensino da modalidade e por serem os responsáveis pelas mudanças em regulamentos e normativas da instituição. O período de tempo de cinco anos foi escolhido por ser a transição entre os regulamentos de competição do Karate-do JKA mencionados anteriormente na revisão de literatura. A opção por atletas que ocupem até a 3º colocação se deve ao sistema de classificação do Karate-do JKA no país, que utiliza apenas as três primeiras posições como referência. Partindo desses critérios, foi realizada uma

consulta prévia para estimar o número de entrevistados que teve como resultado o nome de 14 pessoas que atendem aos requisitos deste estudo dos quais 10 foram entrevistados.

3.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA

Para melhor responder às questões do estudo, o instrumento proposto foi um roteiro de entrevista com uma série de questões previamente estabelecidas. As questões formuladas foram embasadas nas categorias propostas por Marques (2004): (1) Competições adequadas às necessidades e capacidades das crianças e dos jovens, (2) Relação entre vitórias e derrotas e (3) A frequência da proposta de atividades competitivas para essa população. Contudo, assim como o sugerido por Flick (2009), no decorrer da realização das entrevistas, outras categorias oriundas dos depoimentos foram estabelecidas para melhor interpretar os resultados obtidos.

Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010) recomendam que o instrumento seja submetido ao processo de validação de conteúdo para investigar a clareza, a representatividade e a relevância das questões presentes no instrumento. Para isso foram necessários três juízes-avaliadores, que a partir de uma avaliação subjetiva (pessoal e opinativa), verificaram se o roteiro de entrevista avalia o que se propõe pelo viés do conteúdo.

Para identificar quais questões não estão adequadas aos objetivos do instrumento, Hernández-Nieto *apud* Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010)¹⁵ propõe um coeficiente de validade de conteúdo (CVC), que avalia a concordância entre os juízes. A avaliação foi feita utilizando uma tabela que contém as questões do roteiro de entrevista, os três critérios (clareza de linguagem, pertinência prática, relevância teórica) e um espaço para que o juiz-avaliador anote suas opiniões ou sugestões (APÊNDICE B). A partir dessa orientação, o CVC foi calculado através de uma escala tipo *Likert* que varia de 1 a 5 (sendo 1 o valor mais baixo e 5 o mais alto) pontos que serão atribuídos aos itens da tabela.

Cabe mencionar que o CVC engloba os conceitos citados anteriormente de clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica e analisa cada questão

¹⁵HERNÁNDEZ-NIETO (2002) *apud* Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro, 2010, p. 511.

separadamente e também em grupo. Após o cálculo do CVC é recomendado que sejam aceitas somente as questões que obtiveram um CVC maior que 0,8, contudo, como os juízes poderão ser de diferentes formações e por isso terão diferentes opiniões, o ponto de corte poderá ser relativizado (CASSEP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010). Neste estudo, devido as diferentes formações e a não familiaridade com a teoria que fundamenta o roteiro de entrevista, o ponto de corte foi relativizado para 0,5.

Os cálculos para se obter o CVC foram feitos da seguinte forma:

- 1) Inicialmente calculou-se a média de cada item (M_x) que é feita através da soma das notas de cada juiz para o item avaliado dividido pelo número de juízes que avaliaram o item.
- 2) Com base na M_x , calculou-se o coeficiente de validade de conteúdo inicial para cada item (CVC_i), que é resultado da divisão da M_x pelo valor máximo que cada item poderia receber (valor 5 na escala *Likert*).
- 3) Os autores Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010) recomendam o cálculo do erro (Pe_i) para cada item, para descontar possíveis vieses dos juízes. O Pe_i foi calculado através da divisão de 1 pelo número de juízes e o resultado deve ser elevado ao número de juízes.
- 4) Após o cálculo do Pe_i foi calculado o coeficiente de validade de conteúdo final de cada item (CVC_C), que é o CVC_i subtraído pelo Pe_i .
- 5) Para finalizar, foi calculado o coeficiente de validade de conteúdo total do questionário para clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Esse cálculo foi feito através da subtração da média dos coeficientes de validade de conteúdo dos itens ($MCVC_i$) pela média dos erros (MPe_i).

Seguem abaixo as tabelas que demonstram os cálculos descritos anteriormente.

CLAREZA DE LINGUAGEM

ITEM	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MX	CVCi	Pei	CVCc	CVct
1	3	4	4	3,67	0,73	0,03	0,70	0,63
2	5	2	2	3,00	0,60	0,03	0,57	
3	2	2	1	1,67	0,33	0,03	0,30	
4	5	3	3	3,67	0,73	0,03	0,70	
5	3	3	3	3,00	0,60	0,03	0,57	
6	4	2	4	3,33	0,67	0,03	0,64	
7	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
8	4	3	3	3,33	0,67	0,03	0,64	
9	5	3	3	3,67	0,73	0,03	0,70	
10	2	3	2	2,33	0,47	0,03	0,44	
11	4	3	5	4,00	0,80	0,03	0,77	
12	3	4	3	3,33	0,67	0,03	0,64	
Soma					7,87	0,36		
MCVCi					0,66			
MPei					0,03			

PERTINENCIA PRÁTICA

ITEM	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MX	CVCi	Pei	CVCc	CVct
1	5	4	4	4,33	0,87	0,03	0,84	0,70
2	5	2	2	3,00	0,60	0,03	0,57	
3	4	2	3	3,00	0,60	0,03	0,57	
4	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
5	5	3	3	3,67	0,73	0,03	0,70	
6	5	2	3	3,33	0,67	0,03	0,64	
7	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
8	5	3	4	4,00	0,80	0,03	0,77	
9	5	3	2	3,33	0,67	0,03	0,64	
10	4	3	1	2,67	0,53	0,03	0,50	
11	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
12	5	4	2	3,67	0,73	0,03	0,70	
Soma					8,80	0,36		
MCVCi					0,73			
MPei					0,03			

RELEVANCIA TEORICA

ITEM	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MX	CVCi	Pei	CVCc	CVct
1	5	4	5	4,67	0,93	0,03	0,90	0,73
2	5	2	3	3,33	0,67	0,03	0,64	
3	5	2	5	4,00	0,80	0,03	0,77	
4	5	3	4	4,00	0,80	0,03	0,77	
5	5	3	3	3,67	0,73	0,03	0,70	
6	5	2	1	2,67	0,53	0,03	0,50	
7	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
8	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
9	5	3	1	3,00	0,60	0,03	0,57	
10	4	3	2	3,00	0,60	0,03	0,57	
11	5	3	5	4,33	0,87	0,03	0,84	
12	5	4	3	4,00	0,80	0,03	0,77	
Soma					9,07	0,36		
MCVCi					0,75			
MPei					0,03			

Apenas as questões 3 e 10 do item clareza de linguagem ficaram abaixo do ponto de corte estabelecido, contudo, durante a realização de um estudo piloto não foi encontrada nenhuma dificuldade na compreensão dos itens citados. Cabe destacar que durante a realização das entrevistas também não foi identificado nenhum problema com relação às essas duas questões.

Por fim, completando o roteiro das entrevistas, foi utilizado um “Questionário de Identificação das Variáveis de Controle (QIVC)” que teve por objetivo trazer informações dos participantes da pesquisa como: nome (opcional), idade, tempo que atua como treinador, número de atletas treina, local de atuação profissional e formação profissional.

3.4 FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais foram utilizadas enquanto instrumento de investigação, cuja finalidade foi a obtenção de dados que, de alguma forma, foram registrados e são suscetíveis de serem utilizados para auxiliar no cumprimento dos objetivos da pesquisa. A proposta inicial era de analisar todos os documentos oficiais relacionados às competições (notas, boletins, circulares, resoluções, regulamentos, diretrizes, declarações), assim como arquivos privados que, por

ventura, forem autorizados à divulgação para fins acadêmicos. Entretanto, apenas foram encontrados os regulamentos de competição e os calendários competitivos.

3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior – “projeto guarda-chuva” – denominado: Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório, já aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob número de protocolo 271.526 na data de 7 de Fevereiro de 2013.

Este estudo procurou seguir os mesmos princípios éticos do “projeto guarda-chuva” do qual integra. Dessa forma, para conhecer os potenciais participantes da pesquisa foram acessados os resultados dos Campeonatos Brasileiros dos últimos cinco anos através do site da JKA do Brasil. Assim, foram identificados os nomes dos atletas e de seus treinadores que estão entre os três primeiros colocados nas faixas etárias pertencentes à categoria infantil. Após a identificação dos participantes, foi realizado o primeiro contato via correio eletrônico. Tendo realizado o primeiro contato, foram esclarecidos os objetivos do estudo e, também, questionado ao treinador se o mesmo teria interesse em participar da pesquisa. Caso a resposta fosse afirmativa, foi feito o agendamento da entrevista, para sua posterior realização. Nessa ocasião foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que o treinador registre o seu consentimento em participar do estudo.

No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o tema, o objetivo geral da pesquisa e como o treinador participaria do estudo estavam explanados. Foi explicado aos treinadores que os mesmos poderiam optar por não participar (se assim o desejarem), ou (no caso de participarem) não querer que seus dados sejam utilizados no estudo. Por fim, foi acordado com os participantes o respeito aos critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordarem em expor.

As entrevistas transcritas e os Termos de Consentimentos assinados pelos entrevistados e pelas instituições serão armazenados no arquivo do “Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte”, na Escola de Educação Física

(ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo período de cinco anos, de acordo com o procedimento adotado pelos grupos de pesquisa desta Universidade.

3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados mediante a aplicação das entrevistas, cabe salientar que a aplicação da entrevista foi realizada de forma individual, sempre pelo mesmo entrevistador/pesquisador, e foi gravada para que não se percam dados importantes. Após a gravação da entrevista (feita através de gravador digital de áudio), a mesma passou por uma transcrição e análise de depoimento oral. Tendo sido concluídas as transcrições, as mesmas foram encaminhadas, via correio eletrônico, para os entrevistados. Assim, os mesmos puderam avaliar o conteúdo transcrito, aprovando-o, refutando-o, ou aprovando-o com correções. Conforme foi acordado com os participantes, foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordarem em expor.

3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O material obtido através da realização das entrevistas e fontes documentais passou pelo processo de análise de conteúdo, que consiste em explorar o conjunto de opiniões e representações sobre o tema que está sendo investigado (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). De acordo com Bardin (2011) e Bacellar (2008), esse método é feito através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Esses procedimentos visam obter indicadores que possibilitam inferências para auxiliar a compreender o contexto de elaboração, o significado de suas expressões e as intenções de seu autor(es). Inicialmente, as informações coletadas foram organizadas e categorizadas de acordo com os objetivos do estudo e com a fundamentação teórica. Para auxiliar a interpretação

dos dados de forma mais objetiva, conforme o sugerido por Bardin (2011), foram estabelecidas novas categorias nativas ao estudo.

As categorias utilizadas neste estudo foram categorias semânticas, por centrarem-se nos temas dos textos analisados, ou seja, “no que é dito no texto” (BAUER, 2013; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). *A priori* foram estabelecidas três categorias: (1) Competições adequadas às necessidades e capacidades das crianças e dos jovens, (2) Relação entre vitórias e derrotas e (3) A frequência da proposta de atividades competitivas para essa população. Essas categorias são baseadas na teoria proposta por Marques (2004) e são as que orientam também as questões norteadoras e o roteiro de entrevista deste estudo. Após essa etapa, os materiais foram analisados profundamente buscando produzir as devidas interpretações de modo a estabelecer um diálogo com os objetivos da investigação (FLICK, 2009; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme apresentado anteriormente no item metodologia, para a interpretação dos materiais obtidos através das entrevistas e das fontes documentais selecionadas será utilizado método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). As informações provenientes das 10 entrevistas realizadas foram classificadas de acordo com o conceito de categoria semântica, que estabelece diferentes categorias de acordo com os diferentes temas. Inicialmente, para responder as questões norteadoras da pesquisa foram estabelecidas três categorias semânticas que tem como base a teoria proposta por Marques (2004).

A utilização dessa metodologia de análise de conteúdo permitiu também que, durante e através a análise das entrevistas, outras categorias oriundas do próprio estudo fossem incluídas como categorias de análise nativas. Essas categorias são elaboradas através da identificação de temas diferentes dos que estão presentes nas categorias teóricas propostas inicialmente. Neste estudo emergiram duas categorias nativas originadas das respostas às entrevistas (1) A forma como os treinadores apresentam a competição para seus alunos e (2) A competição atuando na formação educacional de crianças e jovens.

Os resultados dos dados obtidos na análise de conteúdo das entrevistas e das fontes documentais serão apresentados e discutidos na seguinte ordem:

- 1) A forma como os treinadores apresentam a competição para seus alunos.
- 2) Competições adequadas às necessidades e capacidades das crianças e dos jovens.
- 3) Relação entre vitórias e derrotas.
- 4) A frequência da proposta de atividades competitivas para crianças e jovens.
- 5) A competição atuando na formação educacional de crianças e jovens.

4.1 A FORMA COMO OS TREINADORES APRESENTAM A COMPETIÇÃO PARA SEUS ALUNOS

De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), a palavra “competição” pode ser definida como o ato ou o efeito de competir. Alguns dos seus significados seriam “reivindicação simultânea do mesmo poder”, “luta, conflito, oposição” e “prova que põe em concorrência duas ou mais pessoas no que tange a determinadas aptidões físicas ou atléticas”. A partir dessas concepções é possível conhecer um pouco do que a sociedade entende como competição.

No entanto, no caso do esporte infantojuvenil muitas vezes seus participantes não possuem ainda o entendimento necessário para compreender a abrangência dos termos apresentados acima. Caberia então aos treinadores, os responsáveis pela condução dos jovens atletas nesse processo, apresentar e explicar o que seria uma competição de modo a criar o interesse e a vontade de participar das mesmas. A relevância deste questionamento não reside somente no que diz respeito à compreensão da criança, mas principalmente à concepção que o próprio treinador possui sobre o que é e como seria uma competição de Karate-do JKA infantojuvenil.

Na temática da forma de como os treinadores apresentam a competição para seus alunos, o aspecto que mais se destacou nas entrevistas foi o que tratou da competição como um momento para colocar à prova suas habilidades e seus conhecimentos. Os trechos abaixo caracterizam melhor as respostas dos entrevistados.

Entrevistado 1: *“Uma forma de treinamento, como o exame de faixa, onde o aluno tem que se expor mostrando o seu melhor [...]”*

Entrevistado 2: *“Que é um encontro onde ele irá ser testado naquela modalidade que escolheu para competir [...]”*

Entrevistado 4: *“A competição para mim é uma forma de mostrar o que o aluno aprendeu e se colocar a prova, além de adquirir mais conhecimento observando outros atletas e academias [...]”*

Entrevistado 6: *“Explico sempre que é algo de momento, onde você se prepara durante muito tempo para fazer o melhor que você pode [...]”*

Entrevistado 8: “*Uma forma deles se testarem. De conquistar um sonho. Não priorizo o resultado, mas a forma de como chegaremos lá [...]*”

Segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2013), o esporte contemporâneo representa uma possibilidade de ruptura com a rotina, quando praticado como uma atividade de lazer, e como um modo de vida, que alcança todas as dimensões da atividade humana, quando praticado profissionalmente. Para os que almejam o contexto esportivo profissional, participando de competições de alto nível técnico e obtendo reconhecimento social, é sugerida a preparação dos iniciantes desde seus primeiros momentos de vivência esportiva (BALBINO *et al*, 2013). Com isso é possível perceber o incentivo que há para a inserção em programas esportivos desde as idades iniciais, para que dessa forma seja possível lograr o objetivo final. No entanto, muitas vezes essa inserção não é feita pela vontade da criança, mas sim por decisão dos pais.

Ao ingressar em escolas esportivas, os participantes são quase sempre direcionados para a participação em competições, porém poucas vezes nos perguntamos a origem desse sistema de condução. De acordo com Balbino *et al* (2013), essa concepção é oriunda da mitificação do atleta de alto rendimento. Dessa forma, o atleta de alto rendimento e todos os processos de treinamento e competição aos quais ele é submetido tornam-se referência para todos os que aspiram à essa condição. Apesar de que o anseio de se tornar um atleta de destaque esteja presente nas crianças e adolescentes e não somente nos pais e técnicos, a maneira como a competição da qual eles participam é estruturada é o que irá definir se esse início é prejudicial ou não para seus participantes (KORSAKAS, 2002; GALATTI *et al*, 2013).

De acordo com as fontes documentais encontradas, que foram os regulamentos de competição de Karate-do JKA, pode-se perceber que as competições infantojuvenis seguem o mesmo modelo de realização que as competições da categoria adulto (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012). Com a realização do *Shiai Kumite*¹⁶ para as categorias a partir dos 9 anos em âmbito internacional e dos 13 anos em âmbito nacional fica evidenciada a inadequação

¹⁶As expressões em itálico no corpo do texto são encontradas no Glossário, nas páginas 107 a 109.

dessas competições (JAPAN KARATE ASSOCIATION 2012; JAPAN KARATE ASSOCIATION DO BRASIL, 2015).

A concepção dos treinadores em entender a competição como um momento no qual os praticantes tem a possibilidade de “colocar-se à prova” não está equivocada. Contudo, as competições de categorias iniciais quando propostas à semelhança do modelo de competição adulto podem conduzir à especialização precoce. Segundo Kunz (2010), a esse processo pode levar à formação escolar deficiente, devido à grande exigência para obter êxito na carreira esportiva; a unilaterização do desenvolvimento, que deveria ser plural e a reduzida participação em atividades e brincadeiras do mundo infantil.

Galatti *et al* (2013) apresentam uma característica preocupante do universo das lutas, enquanto em alguns esportes como o futebol, o futsal, o voleibol e o tênis já existe a conscientização sobre os efeitos negativos da especialização precoce e em consequência disso as competições para as categorias iniciais foram modificadas, nas lutas o contexto é o inverso. De acordo com os autores esse comportamento é sustentado, pois os pais e treinadores estão apenas interessados em resultados esportivos em curto prazo. Entretanto, devido à especialização precoce, as consequências desse processo irão levar ao abandono da prática daquela modalidade e não havendo resultados competitivos favoráveis, os pais direcionam seus filhos para outra atividade e assim o processo inicia-se novamente.

Balbino *et al* (2013) e Kunz (2010) mencionam que se organizado dessa forma, o esporte infantojuvenil pode gerar situações desagradáveis, principalmente quando ocorrem desilusões e fracassos, levando o praticante a desistir da prática por considerar-se sem talento para a modalidade ou para o esporte em geral. Com relação a isso, em alguns trechos os entrevistados fazem menção a importância do momento da competição como um meio para aprender a lidar com seus sentimentos e emoções.

Entrevistado 1: “[...] *trabalhando com o sentimento de se expor, o nervosismo e outras sensações e não deixando que isso atrapalhe o seu desempenho.*”

Entrevistado 4: “[...] *é uma forma de aprender e também crescer no karate e na vida.*”

Entrevistado 7: “[...] *que é ótimo, pois nos ajuda a enfrentar os medos, ver na hora “h” se o corpo e a mente conseguem reagir de forma natural. Porque um dia vamos precisar dessa mesma coragem seja para uma apresentação na escola, uma prova de vestibular, uma entrevista de emprego, ou até mesmo manter a calma durante um assalto.*”

Entrevistado 9: “*Superar o medo e melhorar a auto estima para os tímidos. E controle para os mais agitados.*”

Por meio dos trechos destacados nos relatos dos entrevistados é possível compreender que a concepção dos treinadores sobre o que seria uma competição está relacionada com uma situação de teste, como mencionado anteriormente, que auxilia na maneira como o indivíduo consegue lidar com seus sentimentos e emoções. Autores como Kaneta e Lee (2011) e De Rose Jr. (2004) corroboram com esse ponto mencionando que a competição é um momento para aprender a lidar com suas reações, pois devido à situação de confronto afloram os mais diversos sentimentos.

O fato de as competições esportivas serem consideradas como meios potenciais para aprender a lidar com suas reações converge com a ideia inicial do *Sensei Gichin Funakoshi*, criador do estilo *Shotokan*, ao iniciar a prática do *Kumite* no Karate-do. Anteriormente ao *Sensei Funakoshi* a prática do Karate consistia somente em *Kata*, foi através de seus estudos que se desenvolveram as metodologias de treinamento de *Kihon* e de *Kumite*. Em seu livro *Karate-do Kyohan* (2014) ele coloca que a essência do combate encontra-se na alternância de situações as quais o praticante é exposto, algumas vezes ele estará em vantagem, outras em desvantagem. E que saber controlar suas reações durante esses momentos é o que gera o autoconhecimento e somente quem conhece o *Do* (o caminho, nesse caso refere-se especificamente ao desenvolvimento do autoconhecimento pessoal) é que poderá vencer os combates (FUNAKOSHI, 2014).

As competições de Karate-do são disputas de *Kata* e *Kumite*, nas disputas de *Kata* não há a luta entre dois praticantes, não havendo riscos de danos físicos que possam ser causados pelo oponente durante sua realização. Essas disputas, como mencionado no item referente aos conteúdos da competição (item 3.4), são realizadas de forma semelhante em todas as categorias, pois o fator limitante para sua realização não é a idade, mas sim a graduação do competidor. As competições

de *Kumite* são caracterizadas pela luta entre dois oponentes buscando atingir com socos, chutes e outras técnicas o corpo do oponente para assim conseguir marcar o ponto. Nas disputas de *Kumite* realizadas em competições, diferentemente das disputas de *Jyu Kumite (Kumite livre)*, não é permitido o uso de técnicas contra a zona genital, olhos nem chaves de articulação.

As lutas realizadas em um campeonato de Karate-do JKA são desenvolvidas no sistema de pontuação conhecido como *Shobu Ippon*, que é baseado no conceito do “*Ikken hissatsu*” que seria derrotar o oponente com apenas um golpe (SASAKI, 1991). Entretanto, como se trata de uma difícil tarefa, muitas vezes não é possível realizá-la, por isso o sistema de *Shobu Ippon* compreende também o conceito de *Waza-ari* que seria a divisão do *Ippon* em duas partes. A utilização do *Shobu Ippon* como método de determinação do vencedor nas competições vai ao encontro da essência da prática do *Kumite*, que é a alternância entre situações de vantagem e desvantagem, citada anteriormente. Dessa forma, pode-se encarar a luta no momento da competição como uma tarefa a ser superada, para que dessa forma ela ensine a refletir e auxilie na compreensão da vida em sociedade, contribuindo para a formação integral do praticante (SASAKI, 1989).

Por mais que as competições de *Kumite* possuam em sua idealização a finalidade de auxiliar na formação do indivíduo, não podemos deixar de observar que as crianças estão sendo inseridas em uma atividade idealizada para jovens e adultos. Um sistema de luta que tem como essência a definição de uma luta em somente um golpe, além de ser de difícil compreensão é algo perigoso para essas idades. Mesmo os treinadores possuindo uma adequada concepção sobre o que é uma competição, sobre quais sensações podem surgir no momento da disputa, como poderiam eles motivar seus alunos a participar de disputas que podem machucá-los? Como foi visto no referencial teórico que alicerça este estudo as crianças são introduzidas nessas idades a outros tipos de luta (*Ippon Kumite e Jyu Ippon Kumite*) nos quais não há um risco tão grande de dano físico. A partir dessa questão emerge a necessidade de saber quais seriam os conteúdos adequados para as competições da categoria infantil, temática que será abordada na segunda categoria proposta por este estudo.

4.2 COMPETIÇÕES ADEQUADAS ÀS NECESSIDADES E CAPACIDADES DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS

A adequação das competições de acordo com a população infantojuvenil – no que diz respeito ao regulamento das competições, aos conteúdos trabalhados e ao modelo de competição seguido – faz com que elas se tornem agentes potencializadores de aprendizagens. Dessa forma auxiliarão na formação integral desses jovens praticantes proporcionando experiências que estejam à medida de suas necessidades e capacidades.

A educação do indivíduo é um processo complexo e repleto de interrelações, pois não é somente através do núcleo familiar que se dá a construção de sua personalidade e de seu caráter, professores e treinadores também tem forte influência nesse processo. No que diz respeito aos treinadores, todas as escolhas e ações realizadas durante os treinamentos e competições são de sua responsabilidade e tem reflexos na educação de seus atletas. Portanto, a partir do momento em que optamos por expor as crianças e os jovens a competições, devemos avaliar se as mesmas estão adequadas ou não as suas necessidades e capacidades. Assim, vamos poder avaliar os possíveis efeitos (positivos ou negativos) dessas experiências que são de nossa total responsabilidade enquanto treinadores.

Nas falas dos entrevistados sobre como são organizadas e estruturadas as competições de Karate-do JKA, se elas são adequadas ou não as capacidades e necessidades do público infantojuvenil, três temas se destacaram: 1) A modificação ocorrida no regulamento de arbitragem, 2) Os conteúdos ideais para essas categorias e 3) O modelo de ideal de competição para as categorias infantojuvenis.

Sobre o primeiro tema relacionado ao regulamento das competições infantojuvenis, as colocações dos entrevistados, em sua maioria, relataram considerar inadequada a modificação do regulamento ocorrida inicialmente no ano de 2011. A seguir, alguns trechos expressam os motivos que os levam a pensar dessa forma:

Entrevistado 1: “[...] não pois com relação as aspectos cognitivos e emocionais a criança nessa faixa etária ainda não tem maturidade

para o Shiai Kumite principalmente se considerarmos que no regulamento é permitido ataque jodan (golpes em direção ao rosto). Nesta faixa etária as crianças ainda não tem controle dos golpes o que pode gerar acidentes.”

Entrevistado 4: “Não, as crianças nessa idade ainda não estão prontas para confrontos tão abertos podendo se assustar e até mesmo desestimular para futuras competições, o que também pode acontecer são mais acidentes durante as lutas, pois as crianças pequenas tem menos noção de seus golpes e defesas.”

Entrevistado 8: “Não. Entendo que o processo de formação de um atleta é gradual, desenvolvendo várias capacidades físicas e condicionantes ao longo de sua evolução e crescimento para que seja útil não só nas futuras competições, mas em sua qualidade de vida. Sabemos também que as competições de Karate não foram feitas para crianças, mas que vem, em todos esses anos, passando por adaptações para esse grupo. Cada vez mais forçam para que as crianças sejam adultos em miniaturas, isso não concordo. Shiai-Kumite não é o verdadeiro, faz parte de uma parte do Karate, e para isso é preciso condicionar o corpo e as técnicas para seus objetivos. Será que com 9 anos, a criança já tem uma vivência suficiente na modalidade para sofrer por essas adaptações sem adulterar a verdadeira técnica que dará consistência para seu Karate Budo [..]. No aspecto formativo da criança, ela se aprenderá mais se aperfeiçoando nos conceitos de Kihon-Ippon e Jyu-Ippon, ou na performance exigida do Shiai-Kumite? Fora as consequências psicológicas gerados pelo sistema de forma precoce.”

Como é possível perceber através dos trechos destacados, um dos motivos que os treinadores salientam em seus relatos é o acontecimento de acidentes devido à falta de preparação das crianças e adolescentes para realizar a tarefa proposta. O estudo de Galatti *et al* (2007) apresenta algumas características similares aos objetivos deste estudo que contribuem para a discussão do tema. Contudo, o estudo foi realizado com praticantes de Karate Toshin-kaikan, um estilo próximo ao *Kyokushin* (Karate de Contato), sendo o objetivo analisar as competições infantis e propor novos caminhos para torná-las mais atuantes na formação das crianças.

A partir das análises realizadas, que estão em consonância com o que foi referenciado acima pelos entrevistados, os autores puderam perceber que o modelo competitivo utilizado continha erros em sua estruturação e organização para essa categoria, pois o foco exclusivo dos treinadores era o resultado competitivo, não

importando os riscos aos quais os praticantes são expostos. Diferentemente do Karate-do Shotokan e das competições regulamentadas pela JKA, o estilo estudado no artigo acima referenciado busca o nocaute de um dos oponentes, sendo essa a forma mais comum para determinar o vencedor de uma luta, não importando a idade. Quanto a isso, em sua maioria, os entrevistados afirmaram considerar inadequada a mudança no regulamento justamente por expor as crianças e os jovens a um número elevado de possíveis acidentes.

O maior índice de acidentes que pode acontecer ao utilizar esse regulamento para essas idades se deve à pouca relação que o treino para essas faixas etárias possui com a competição que lhes é proposta (GALATTI *et al*, 2007). O Entrevistado 2 traz em uma de suas falas justamente esse ponto e apresenta as razões para que haja uma relação eminente entre os conteúdos do treino e da competição.

Entrevistado 2: “[...] a diferença do treinamento nesta faixa etária está fundamentada em formas de lutas que são pré-estabelecidas, isto é realizado dessa forma para que a criança tenha o tempo necessário para compreender cognitivamente e motora o que é a luta, se esse processo é invertido, muitos elementos específicos da arte marcial deixarão de ser praticados e assimilados, principalmente o conceito de defesa pessoal.”

Conforme mencionado e ressaltado na fala do Entrevistado 2, as crianças e os jovens tem seu treinamento de *Kumite* baseado em formas de luta, com técnicas de ataque, tempo de ataque e distância pré-estabelecidos, o que faz com que a realização do *Shiai Kumite* seja um desafio para essas idades. A realização do *Shiai Kumite* é uma tarefa que deve ser incluída gradativamente no aprendizado dos praticantes, sempre e depois que haja o domínio dos requisitos exigidos nos exercícios anteriores, como por exemplo, a distância. Nesse contexto, Olivier (2000) apresenta algumas das contribuições que o desenvolvimento de diferentes formas de luta trazem para o desenvolvimento integral infantojuvenil:

- Na perspectiva motora: as situações imprevisíveis relacionadas ao confronto estimulam o desenvolvimento de diversas competências, conduzindo a diferentes condutas motoras que tem como base as regras estabelecidas;

- Na perspectiva cognitiva: ocorre constantemente o surgimento de situações de avaliação, o que exige que a criança estabeleça a relação de causa e efeito;
- Na perspectiva socioafetiva: a partir da compreensão do oponente como essencial para o desenvolvimento da luta e da relação de risco existente entre os dois, o estabelecimento de regras adequadas para essas idades faz com que o respeito contra o adversário surja de forma natural. A vivência da vitória e da derrota seria favorecida devido ao curto tempo de duração de um combate, pois durante uma luta o praticante teria as duas possibilidades da competição.

Retomando a fala do Entrevistado 2 e a citação de Olivier (2000) e estabelecendo uma relação entre os conteúdos do treino e o correto estabelecimento e adequação das regras, pode-se perceber que nada há de “perverso” na realização de confrontos “livres” como o *Shiai Kumite*, pois os mesmos contribuem com aspectos positivos do desenvolvimento do praticante. Entretanto, como já referenciado anteriormente e de acordo com os entrevistados, a mudança ocorrida no regulamento torna-se inadequada, pois a competição deixa de oferecer apoio ao treinamento, mas acaba tornando-se o agente para a modificação do treino uma vez que deve-se buscar o êxito competitivo e através disso aumentar as chances de possíveis acidentes.

Outro tema integrante dessa categoria diz respeito aos conteúdos a ser trabalhados com essas idades. A teoria que embasou o estabelecimento das categorias de análise de conteúdo deste estudo proposta por Marques (2004) propõe que não somente as regras, mas também que algumas características da modalidade possam ser modificadas. Em essência, os conteúdos desenvolvidos na competição devem estar em consonância com as características do público infantojuvenil, de modo a tornar a competição mais acessível para os que dela participam (MACHADO *et al*, 2013).

Conforme os trechos destacados abaixo, no que é referente aos conteúdos ideais para uma competição infantojuvenil de Karate-do JKA, os entrevistados trataram tanto da temática dos exercícios formais que deveriam ser utilizados para

essas categorias como dos conteúdos atitudinais que devem ser enfatizados.

Entrevistado 2: *“Kata, Gohon Kumite, Sanbon Kumite, Ippon Kumite, Jyu Ippon Kumite.”*

Entrevistado 3: *“Disciplina, respeito aos atletas e árbitros, competitividade sem agressividade.”*

Entrevistado 5: *“Um simulador do Kumite, tais como Gohon, Ippon e Jyu Kumite.”*

Entrevistado 8: *“Enfatizo que os aspectos educacionais e disciplinares devem ser primordiais. Os conteúdos devem ser de acordo com o processo-técnico-pedagógico da faixa etária em disputa, onde, em algumas categorias, o fundamento técnico deve ser mais importante que a performance.”*

Analisando os regulamentos anteriores das competições de Karate-do JKA, percebemos que desde que foram propostas competições para crianças e jovens (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 1997) nenhuma modificação foi feita no que diz respeito aos conteúdos propostos para essas categorias. Nos relatos dos treinadores, no que é referente a parte técnica, algumas das sugestões que foram feitas são as mesmas tarefas que eram realizadas antes da modificação do regulamento e também são os mesmos conteúdos realizados no treino para essas idades.

Em suas falas, além dos aspectos técnicos, os treinadores sugerem também alguns conteúdos atitudinais que devem ser enfatizados nessas fases. A disciplina, o respeito aos adversários e aos árbitros e o controle da agressividade foram trazidos pelos entrevistados e tem uma relação muito forte com o *Dojo Kun*. O *Dojo Kun* é um conjunto de cinco preceitos que são a base da filosofia do Karate-do, nenhum preceito possui um grau de importância superior ao outro, todos são considerados como primordiais (SASAKI, 2010). Ao término de cada treino, no *Dojo*, os praticantes repetem em voz alta esses cinco preceitos como uma tarefa a ser cumprida dentro e fora do *Dojo* buscando a incorporação dos mesmos à sua conduta. Os cinco preceitos que configuram o *Dojo Kun* são:

Esforçar-se para formação do caráter.

Fidelidade ao verdadeiro caminho da razão.

Criar o intuito de esforço.

Respeitar acima de tudo.

Conter o espírito de agressão.

A utilização e o reforço constante desses preceitos durante as competições esportivas é o que faz o Karate-do manter suas características de Arte Marcial. A inclusão do *Dojo Kun* nas competições se dá de forma implícita através da regras que determinam as condutas dos atletas desde as categorias iniciais. Pode-se perceber a existência de algumas semelhanças entre alguns aspectos existentes no *Dojo Kun* e o preceitos propostos pelo *Fair Play*, que constitui-se no respeito às regras do esporte e também no comportamento generoso com os demais atletas, até mesmo os adversários, sendo esse que esse item não consta nas regras obrigatórias do esporte (TREPAT DE FRANCISCO, 1995). Em consonância com os entrevistados, os autores Pinheiro, Camerino e Sequeira (2013) propõem que a iniciação esportiva seja sustentada fortemente por um modelo que possua os valores do *Fair Play*. Em seu estudo, esse mesmo de grupo autores (2013) apresenta uma série de situações competitivas que se conduzidas de acordo com os princípios do *Fair Play*, constituem-se em conteúdos atitudinais essenciais para a formação do caráter do indivíduo.

Outro tema abordado nessa categoria trata do modelo de competição e de como seria um modelo de competição ideal para essas idades. Os trechos abaixo apresentam os diferentes requisitos apontados pelos treinadores para a elaboração de modelo ideal de competição infantojuvenil.

Entrevistado 2: *“No karate-do se fala muito da Tríade formada pelos conteúdos específicos da arte que são: Kihon, Kata e Kumite. Como professor acredito que a conexão de estes três conteúdos alinhados de uma forma que aquilo que o aluno treina no kihon possa aplicar no Kumite e no Kata seria a forma de competição mais completa principalmente no entendimento do que se está treinando.”*

Entrevistado 3: *“Participação de todos os envolvidos e premiação a*

todos, identificando os pontos positivos e negativos de cada participante.”

Entrevistado 4: *“Nas competições é importante que se alimente a justiça, os juízes devem ser mais preparados e evitar erros e favorecimentos, é importante que os jovens aprendam a ter responsabilidade, respeito e que saibam competir de forma limpa e honesta. Para as crianças menores que estão iniciando nos campeonatos pode se pensar em dar além das medalhas de ouro, prata e bronze, também medalhas de participação para aumentar seus estímulos com relação ao esporte.”*

Entrevistado 7: *“Para crianças, fazer competições adaptadas, em forma de brincadeiras, seguindo as regras, com premiação para todos, e muita orientação sobre o verdadeiro sentido da competição. Quando não há preocupações em vencer ou perder, os treinos podem se tornar mais prazerosos desenvolvendo um melhor relacionamento entre os praticantes. [...]”*

Entrevistado 8: *“Acho isso um pouco utópico. Não existe modelo de competição ideal. [...] Há individualidade de cada um, a educação recebida, o ambiente onde foram criados e onde vivem, e há também os pais, nossos parceiros constantes na educação do jovem atleta. Todos inconstantes. Talvez o modelo ideal seria o que se ajusta melhor para o momento, para a proposta visada, planejada para determinado período, que também pode sofrer alterações. Mas um modelo que visa o crescimento do jovem atleta dentro do ponto de vista educacional, disciplinar, técnico, físico, mental, espiritual e biopsicossocial seria excelente. Mas qual seria esse modelo? Acredito que seja o modelo que faz seu atleta ficar feliz no Karate, que faz com ele acredite em você, em sua equipe, em seu trabalho e para isso cada técnico precisa conhecer bem seus atletas.”*

Nas falas dos entrevistados podemos destacar os seguintes requisitos:

- a) Conteúdos de competição que possuam ligação com o que é realizado no treino;
- b) Inclusão de todos os participantes através da premiação, mas sempre fornecendo um retorno sobre sua performance;
- c) Fomentar o desenvolvimento de atitudes positivas como responsabilidade, respeito e honestidade;

d) Adaptar as competições de forma a torná-las mais prazerosas e que vencer ou perder não sejam supervalorizados em detrimento dos aspectos positivos da competição, tais como a identificação de potencialidades e defeitos, o desenvolvimento de atitudes positivas e a integração social entre os participantes (aspectos relatados pelos entrevistados).

Os estudos de Arena e Böhme (2004), Galatti *et al* (2007), Galatti *et al* (2013) e Milistetd *et al* (2014), realizaram a análise da estrutura competitiva de diferentes federações esportivas e propuseram alternativas ao modelo competição vigente (exceto o de Milistetd, 2014). Nessas pesquisas, no que é referente aos problemas encontrados na estrutura competitiva das modalidades estudadas, podemos citar alguns pontos que possuem semelhança com o que foi abordado pelos entrevistados em suas falas até o momento:

- a) A pouca ou a inexistência de adaptações das regras ao público infantojuvenil;
- b) O nível elevado de exigência das tarefas realizadas nas competições, o que faz com que o treino tenha que ser modificado para que se obtenha resultados competitivos.

A partir da identificação dos problemas estruturais os estudos propuseram alternativas de modelos competitivos que tratam da adequação das regras da modalidade para o público infantojuvenil (Galatti *et al*, 2007 e Galatti *et al*, 2013) e da modificação do sistema de competição, optando pela realização de festivais para que seja possível fazer com que os aspectos positivos da competição prevaleçam (ARENA; BÖHME, 2004). Relacionando as propostas idealizadas pelos autores dos estudos acima citados com os requisitos apontados pelos treinadores entrevistados como necessários para um modelo ideal de competição infantojuvenil é possível visualizar semelhanças e complementaridades.

Os estudos (Arena; Böhme, 2004, Galatti *et al*, 2007, Galatti *et al*, 2013) trazem como alternativa a adequação das regras das competições e os entrevistados, por sua vez, apontam diferentes formas de realizar essa adequação, como o estabelecimento de conteúdos que possuam relação direta com o que é realizado no treino e pela adaptação da competição de modo a não supervalorizar o

resultado competitivo. Há também a clara semelhança entre a proposta da realização de festivais e o fato de que o modelo competitivo deve incluir a todos através da premiação. Contudo, os treinadores entrevistados vão além do abordado pelos estudos citados quando estabelecem como requisitos o desenvolvimento de atitudes positivas e a promoção da integração social, aspectos fundamentais quando se trata de elaborar um modelo de competição ideal que seja atuante na formação integral dos seus participantes.

O modelo ideal de competição é composto por diversos elementos, entre eles estão os que foram citados pelos entrevistados e discutidos ao decorrer deste tópico. A importância de discutir a elaboração de modelos mais à medida das crianças e dos jovens está em amenizar os aspectos negativos da competição e potencializar os aspectos positivos. Contudo, com o modelo vivenciado atualmente e retratado neste estudo, a tendência é que poucos consigam extrair e incorporar os aspectos positivos da competição. Os aspectos negativos são identificados principalmente no momento em que nós enquanto treinadores temos que lidar com a derrota e também quando devemos dar uma correta orientação ao significado da vitória aos nossos alunos. Devido a esse fato, a categoria seguinte é dedicada a apresentar e discutir como os treinadores trabalham a relação existente entre vitórias e derrotas com seus alunos.

4.3 RELAÇÃO ENTRE VITÓRIAS E DERROTAS

Lovisoló, Borges e Muniz (2013) mencionam que as competições muitas vezes são vistas como o componente negativo do esporte por seus resultados apresentarem situações dicotômicas: vencer ou perder. Entretanto outros autores (MARQUES, 1997; 2004; BARATA, 1998) defendem que justamente devido à essa dicotomia é que as competições são ferramentas importantes na formação integral dos seus participantes e que dessa forma além de aprender a lidar com as situações que ocorrem no contexto do esporte, eles estarão aprendendo a lidar com situações vivenciadas no cotidiano da sociedade. Entre as falas dos treinadores sobre o tema dessa categoria “Vitórias e derrotas”, destacam-se dois diferentes aspectos

relacionados ao tema central, são eles: 1) Os diferentes efeitos dos resultados competitivos nas atitudes dos participantes e 2) Como os treinadores orientam seus alunos mediante as vitórias e derrotas nas competições.

Os posicionamentos dos entrevistados no que é referente ao aspecto relacionado aos diferentes efeitos dos resultados competitivos nas atitudes dos participantes apresentam-se abaixo.

Entrevistado 1: *“Se não for trabalhado corretamente e conversado, a derrota pode gerar frustração e desmotivação fazendo até que o aluno pare de treinar. Do outro lado a vitória, quando muito valorizada, pode fazer com que o aluno fique arrogante e se ache imbatível.”*

Entrevistado 3: *“[...] avaliar a atitude de cada criança após a vitória e/ou derrota para a partir disso, aprimorar os pontos falhos detectados na sequencia de treinamentos.”*

Entrevistado 4: *“[...] o que as competições podem ensinar é que quando ganhamos não significa que somos superiores, mas que estamos indo bem em nosso trabalho e quando perdemos não significa que somos inferiores [...] nós temos que nos superar e não apenas superar o adversário. Se isso não ficar claro, pode haver frustração e desestímulo ou comportamentos agressivos e arrogantes.”*

Entrevistado 7: *“Ganhar é bom para confiança e autoestima e perder é bom para aprender que nem sempre conseguimos o que desejamos, mas que de qualquer forma não devemos desistir dos sonhos.”*

Entrevistado 8: *“Pra mim a competição é uma faca de 2 gumes. Ou aprendemos com elas ou nos deixamos levar por elas – vitórias e derrotas. Uma vez entendido que nesta vida erramos mais do que acertamos e que, devido a isso, devemos aprender com as derrotas, analisando os erros cometidos, para criar uma mente forte e persistente, vejo essa ótica como a mais importante.”*

Como mencionado, as ideias expostas nos trechos destacados tratam essencialmente das atitudes que os atletas apresentam no momento em que vencem ou perdem uma competição. Essas atitudes, se sustentadas ao longo do tempo, poderão ser incorporadas ao caráter adquirindo vieses positivos ou negativos, sempre de acordo com a orientação que for dada assim que a atitude se

apresente novamente (PADDICK, 1991). Ao considerar os resultados competitivos a partir da perspectiva apresentada pelos treinadores não estamos nos apropriando de uma posição que menospreza a vitória e não a considera importante, mas sim de um ponto de vista que não apresenta a vitória como o único resultado possível e por consequência não encara a derrota como o pior dos acontecimentos (BARATA, 1998). Complementando os autores recém referidos, Palmeira (1999) acrescenta que “saber perder” é uma atitude que envolve muito mais elementos do que apenas uma ação adequada de acordo com ética esportiva. Para esse autor a derrota pode desencadear mais interesse na prática e como consequência a descoberta de novas habilidades, resultando no desenvolvimento positivo da pessoa.

Marques (1997) em consonância com as falas dos treinadores sobre a valorização excessiva da vitória e as atitudes que podem surgir em consequência dessa supervalorização, aponta que as críticas mais duras feitas em relação à competição estão baseadas justamente no ponto de que as atividades competitivas levam ao pouco relacionamento social o que geraria indivíduos introvertidos e egocêntricos. Gonçalves (2014) em um estudo realizado com treinadores de tênis abordou fortemente a questão das vitórias e derrotas como o elemento principal para a formação dos participantes. Nesse estudo, os treinadores também mencionaram que o direcionamento das atitudes dos competidores de acordo com o resultado competitivo é o ponto chave da construção educacional do indivíduo.

O principal objetivo da prática do Karate-do, de acordo com Mori (2010), é o desenvolvimento do caráter do indivíduo de forma que ele se torne consciente de suas atitudes e procure agir de forma a proporcionar o bem-estar na sociedade em que vive. Por sua vez, nos regulamentos de competições encontrados, especificamente no regulamento atual (2012), logo nas páginas iniciais encontra-se o objetivo do estabelecimento de regras para as competições de Karate-do JKA. Objetivo esse que está centrado em buscar que os torneios sejam eventos justos e “suaves” no sentido de que não ocorram atitudes inadequadas por parte dos participantes. No item anterior, que tratava das adequações das competições, foi apresentado o *Dojo Kun* como um “guia” para as atitudes do praticante de Karate-do e que os preceitos do *Dojo Kun* estão inseridos de forma implícita na formulação das regras, como foi exposto acima.

Nos trechos destacados das falas dos treinadores pode-se perceber que em seus discursos alguns elementos presentes no *Dojo Kun* são encontrados, como o esforço para a aprimoração do caráter que muitos citaram quando falaram das atitudes que são advindas dos resultados competitivos. Para que ocorra esse processo de aprimoração do caráter é necessário inicialmente que o treinador “dê o primeiro passo”. Porém, a tarefa de modificar a atitude é exclusiva do praticante, o que caracteriza outro aspecto abordado no *Dojo Kun* que se refere a criar o intuito de esforço. Outro ponto abordado pelos treinadores foi o surgimento de atitudes agressivas e arrogantes em resposta ao resultado competitivo, esse aspecto por sua vez pode-se relacionar com as questões de respeitar aos demais e conter a intenção de agressão, ações essenciais para se alcançar o objetivo da prática do Karate-do citado por Mori (2010). Ao mesmo tempo, se analisarmos o conjunto dos aspectos abordados pelos treinadores, é possível perceber que esse conjunto trata essencialmente do aspecto do *Dojo Kun* relacionado a “ser fiel ao verdadeiro caminho da razão”, no qual o “caminho da razão” pode ser interpretado como a orientação das atitudes do indivíduo para promover o bem-estar próprio e de seus semelhantes.

Segundo Mendonça (2013), o ato de lutar é um exercício de autocrítica constante que o indivíduo realiza ao analisar as chances de seus golpes terem sucesso ou não e que também ocorre no momento em que é atingido por algum golpe e deve dimensionar o quanto isso o afetou para decidir seguir ou não na luta, buscando a autossuperação e a vitória. Ainda segundo esse autor, a filosofia das artes marciais - de forma geral - promove que o indivíduo desenvolva ações contra três diferentes situações: a dormência, a preguiça e o medo. A seguir é apresentada a caracterização das diferentes situações.

- 1- No que é referente a dormência, o indivíduo deve “despertar” para a luta contra suas próprias armadilhas internas, caso ele não seja capaz percebê-las ele seguirá o caminho que leva a derrota, pois não teve a capacidade de perceber que algo acontecia. Contudo, o indivíduo que conseguir através da utilização da autocrítica ter a percepção de que se encontra em um estado dormente e por meio do seu esforço individual viabilizar o “despertar”. Dessa forma,

poderá a partir de então utilizar-se mais amplamente da racionalidade, das emoções e da criatividade em suas ações.

- 2- A preguiça se caracteriza nas ações planejadas pelo indivíduo, mas que são impedidas de alguma forma por uma força intrínseca que faz com o próprio indivíduo se derrote. Sendo a preguiça “culpa” do próprio sujeito, cabe a ele utilizar-se de seu próprio entendimento e novamente do seu esforço individual para buscar superá-la e abandonar esse estado de impotência.

- 3- O medo nesse caso se caracteriza pelo medo que o ser humano tem de si mesmo e de seus conflitos internos, o que faz com que ele não busque sua liberdade, mas que siga de acordo com um modelo proposto pela sociedade. Para superar o medo é necessária a busca do autoconhecimento de forma que seja possível lidar com essa condição de forma franca, direta e objetiva.

A três diferentes situações apresentadas pela filosofia das artes marciais buscam propiciar a superação do estado de ser do sujeito conduzindo-o para um estado de liberdade (MENDONÇA, 2013). Os aspectos abordados pela filosofia das artes marciais são vivenciados constantemente pelos praticantes nos treinamentos. Entretanto, devemos compreender que, devido à sua pouca idade, muitas vezes as crianças e os jovens tem dificuldades de entender e lidar com essas situações, por isso faz-se muito necessário que haja a intervenção do treinador junto ao seu atleta. Devido a isso, cabe saber como os treinadores orientam seus alunos frente as vitórias e derrotas nas competições. Alguns pontos de vista são expostos a seguir.

Entrevistado 1: *“Conversando e avaliando o que foi feito, o desempenho de cada um, o que deu certo e o que deu errado e porque deu certo ou errado e como podemos fazer para melhorar na próxima vez. O importante é sempre valorizar o que foi feito e principalmente valorizar a participação [...]”*

Entrevistado 2: *“Com muita conversação sobre os fatos, muitas vezes o atleta tem muito potencial, porém ele precisa ser ouvido pelo professor para conseguir externar isso e transferir para o plano motor e assim ter resultados.”*

Entrevistado 4: *“Sempre antes e depois das competições é importante conversar com os atletas e estimular a competição saudável, fazer com que esse seja um evento de crescimento, troca de informação e amizade e não só alimentar o clima de “ganhar e perder”, acima de tudo vamos conhecer novos lugares, novos atletas, academias, professores e técnicas ampliando nosso conhecimento e também nossos amigos.”*

Entrevistado 5: *“Bom, primeiramente 10% das minhas crianças e adolescentes participam de competições, mas os que participam desenvolvem uma dinâmica pré-competição [...] tirando assim a sobrecarga do resultado.”*

Entrevistado 6: *“Acredito que isto varia de criança para criança, de cultura para cultura, não é possível uma resposta precisa em um fato subjetivo como este, mas acredito que o educador deverá compreender primeiro a cultura de onde seu educando é oriundo, para depois saber como orientá-lo [...] cada caso é um caso, acredito que não é possível generalizar, cada indivíduo reage de uma maneira à conceituação de valores, mas procuro compreender cada um, saber de seus objetivos para então colaborar para a realização do que deseja.”*

Entrevistado 10: *“Explico que se não houver vitórias e derrotas o aluno não conseguirá chegar perto do limite de sua capacidade máxima de esforço.”*

Através dos trechos destacados é possível perceber que os treinadores se utilizam de diferentes abordagens para auxiliar seus atletas a lidarem com as sensações advindas das vitórias e derrotas esportivas. Ressaltando a importância do papel desempenhado pelo treinador na educação de seus alunos, Silva (2004) aponta que os efeitos positivos e negativos que são associados ao esporte não têm relação direta com a participação esportiva em si, mas sim com a forma de como foi conduzida a experiência vivida. No mesmo sentido, Catita (2001) afirma que por mais que haja inúmeras razões para que os atletas abandonem a prática esportiva, a qualidade da relação com o treinador é a mais decisiva delas.

A partir da fala de Catita (2001) é possível perceber a importância da construção de uma relação saudável entre o treinador e seus atletas. Walinga (2012) realizou um estudo com mulheres treinadoras de diferentes modalidades esportivas buscando investigar quais os valores eram enfatizados por elas para combater a ideia de “vencer a qualquer custo”. Primeiramente cabe destacar que as treinadoras

entrevistadas ressaltaram que o estabelecimento de uma relação acolhedora com seus atletas é fundamental para garantir a transferência dos valores vivenciados no esporte para a vida. Os valores fomentados por elas em suas ações eram: a camaradagem, a iniciativa, a dedicação, o apoio, a confiança, a paixão, a colaboração e o respeito.

A vivência desses valores tinha como principal objetivo apresentar aos atletas uma visão de mundo mais abrangente, de forma que eles conseguissem estabelecer relações entre o comprometimento que eles tinham com o esporte e o seu compromisso e responsabilidade enquanto cidadãos. As entrevistadas relataram que sua principal crença é fundamentada em que o seu papel é preparar seus atletas para o “resto do mundo”, para a cidadania e para a contribuição com comunidade. Não somente prepará-los com as habilidades necessárias para se destacar em seu esporte, mas com as habilidades necessárias para prosperar no mundo como um ser humano.

Nos trechos destacados das falas dos entrevistados pode-se perceber que as ações utilizadas por eles para conduzir seus atletas mediante os resultados competitivos estão centradas no desenvolvimento positivo do indivíduo. Os treinadores buscam entender as individualidades de cada um, ouvir seus atletas, refletir junto com eles, valorizar os aspectos positivos que houve e estimular a novos desafios, para que dessa forma seja possível reduzir um pouco da carga advinda da competição. Estabelecendo uma relação com o estudo de Walinga (2012), pode-se avançar e afirmar que através da proposta de ações como as que os treinadores entrevistados relataram, os atletas também tem sua visão de mundo ampliada e são preparados para “prosperar no mundo como um ser humano” como mencionou a autora Jennifer Walinga.

Barata (1998) aponta um fato importante em treinadores que promovem ações como as citadas acima: eles possuem sua própria filosofia e não reproduzem apenas o modelo vigente no esporte de alto rendimento que visa vencer a qualquer custo. Dessa forma o autor menciona que os atletas passariam a entender as vitórias e derrotas como um processo e não como um fim. Kemp (1991) afirma que para isso torna-se necessário que, na elaboração de sua própria filosofia de

treinamento e condução dos resultados, os treinadores não se concentrem somente nos aspectos referentes a preparação física, mas sim que prezem da mesma forma a preparação intelectual e social para as competições.

Paccagnella (2003) estabelece princípios que auxiliam os treinadores a elaborar sua própria filosofia para orientação dos atletas frente aos resultados competitivos. A autora propõe um sistema chamado *FAILURE* (falha) para promover a compreensão do insucesso competitivo. O sistema é apresentado abaixo:

F *Forget* - Esqueçam os erros do passado. Não pensem demais neles.

A *Anticipate* - Antecipem as decepções. Imaginem que vão errar.

I *Intensity* - As ações devem ser intensas. Não falhem por falta de esforço.

L *Learn* - Aprendam com os erros, evitem repetir os erros do passado.

U *Understand* - Compreendam porque cometam erros para que eles não ocorram novamente.

R *Respond* - Respondam aos erros. Corrijam e não deem muita importância.

E *Elevate* - Os insucessos são consequência de para serem melhores, um caminho para a excelência.

Os princípios propostos pela autora Paccagnella relacionam-se e completam-se com as ações promovidas pelos entrevistados. Podemos encontrar os elementos propostos pela autora em trechos das falas dos treinadores, como a fala do entrevistado 1 que se relaciona com os elementos *forget*, *learn*, *understand* e *respond*, pois aborda como lidar com a ocorrência do erro:

“Conversando e avaliando o que foi feito, o desempenho de cada um, o que deu certo e o que deu errado e porque deu certo ou errado e

como podemos fazer para melhorar na próxima vez.”

As falas dos entrevistados 2 e 6, por sua vez relacionam-se com o elemento *elevate*, pois tratam da capacidade de entender a falha com uma consequência da busca pela melhora:

Entrevistado 2: “[...] muitas vezes o atleta tem muito potencial, porém ele precisa ser ouvido pelo professor para conseguir externar isso e transferir para o plano motor e assim ter resultados.”

Entrevistado 6: “[...] cada caso é um caso, acredito que não é possível generalizar, cada individuo reage de uma maneira à conceituação de valores, mas procuro compreender cada um, saber de seus objetivos para então colaborar para a realização do que deseja.”

Os entrevistados 4 e 5 propõem ações que apresentam outras perspectivas da participação em competições além de vencer ou perder para que dessa forma o erro não seja o fato mais importante da competição dessa forma relacionando-se com o elemento *anticipate*:

Entrevistado 4: “[...] é importante conversar com os atletas e estimular a competição saudável, fazer com que esse seja um evento de crescimento, troca de informação e amizade e não só alimentar o clima de “ganhar e perder”, acima de tudo vamos conhecer novos lugares, novos atletas, academias, professores e técnicas ampliando nosso conhecimento e também nossos amigos.”

Entrevistado 5: “[...] primeiramente 10% das minhas crianças e adolescentes participam de competições, mas os que participam desenvolvem uma dinâmica pré-competição [...] tirando assim a sobrecarga do resultado.”

A fala do entrevistado 10 trata do esforço realizado para se atingir a meta de vencer a competição, dessa forma ela se relaciona com o elemento *intensity* que estimula o atleta a se esforçar o máximo possível para ter um bom resultado.

Entrevistado 10: “Explico que se não houver vitórias e derrotas o aluno não conseguirá chegar perto do limite de sua capacidade máxima de esforço.”

A categoria abordada neste tópico tratou das vitórias e derrotas, mais especificamente dos seus efeitos nas atitudes dos atletas e das orientações dos treinadores frente esses comportamentos. Muitas vezes o impacto dos resultados competitivos é intensificado, pois as situações de competição são pouco vivenciadas pelos jovens atletas. Devido a isso a próxima categoria procurará abordar o número e a frequência da proposta de atividades competitivas para as crianças e os jovens e as consequências oriundas das diferentes oportunidades de participação em competições.

4.4 O NÚMERO E A FREQUÊNCIA DAS PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS

O número e a frequência da participação em atividades competitivas constituem-se como um dos temas importantes a serem estudados quando se trata de pensar um modelo de competição infantojuvenil no qual os aprendizados adquiridos nas competições consigam ser transferidos e utilizados pelo indivíduo em sua vida fora do esporte. Como mencionado no final do item anterior, as diferentes quantidades de participação competitiva podem influenciar na maneira que a criança ou jovem vê as competições. Quando as competições são eventos “raros”, a vontade de participar e ter um bom resultado podem ser revertidas e gerar o efeito contrário caso o resultado não seja o esperado. Da mesma forma, quando as competições são muitas, as crianças e os jovens podem ter uma diminuição da motivação por não conseguirem recuperar-se de forma adequada.

Nas falas dos treinadores entrevistados três diferentes aspectos relacionados ao tema central da categoria destacaram-se predominantemente, 1) A quantidade da participação competitiva, 2) O tempo de preparação entre cada competição e 3) A realização de atividades competitivas nas sessões de treino.

No que diz respeito à quantidade da participação competitiva, os posicionamentos dos entrevistados são destacados abaixo.

Entrevistado 1: *“Depende de campeonato mas quando tem muitas categorias incluindo individual e equipe e a criança participa de todas*

acho que acaba sobrecarregando.”

Entrevistado 3: *“Poucas competições anuais seria ideal. Algo em torno de 2 ou 3.”*

Entrevistado 8: *“Sim. Aqui em São Paulo, eles participam de até no máximo 2 competições oficiais, onde sabem que, apesar de não haver cobrança de resultados por parte dos técnicos, a classificação individual de cada é muito importante. Há uma cobrança interna por parte de cada um. Nesse processo, conversamos muito com cada um deles para competirem sem estresse, sem a cobrança exagerada. Depois dessas competições oficiais, há a participação de pelo menos mais 3 eventos amistosos, onde eles ficam mais à vontade e onde inserimos novos integrantes que irão compor a equipe no próximo ano.”*

Diferentemente das categorias abordadas até o momento neste estudo, é possível perceber que quando tratamos do número e da frequência de participações competitivas não há predominância de um determinado ponto de vista por parte dos treinadores entrevistados. No que é referente à quantidade da participação competitiva os entrevistados 3 e 8 apresentaram diferentes perspectivas. O entrevistado 3 julga ser ideal poucas competições para as categorias infantojuvenis, mais especificamente ele cita que duas ou três competições seriam o ideal para essas idades. Marques (2004) afirma que essa linha de pensamento está relacionada com a condição de despreparo da criança, assumida antigamente como a justificativa para a pouca participação em competições. Em contrapartida, o entrevistado 8 propõe que a participação competitiva seja diferenciada, mas que seja mais presente durante o ciclo de treinamento. Para o entrevistado 8 as categorias infantojuvenis deveriam participar de 5 eventos anuais, sendo 2 deles oficiais e 3 amistosos. Já no estudo de Marques (2004) pode-se ver que o ponto de vista sobre a quantidade da participação competitiva foi modificado, ao contrário do que era defendido anteriormente, sabe-se que as participações competitivas devem estar presentes em maior número e devem ocorrer desde a iniciação.

A teoria proposta por Marques (2004) e que embasa este estudo defende o ponto de vista apresentado pelo entrevistado 8, o qual sugere uma maior participação em atividades competitivas, contudo o autor concorda que muitas vezes as competições possuem exigências que vão muito além das capacidades de seus

participantes. Os dois posicionamentos assumidos pelo autor inicialmente parecem contraditórios, entretanto, ele aponta que o problema não está na quantidade da participação competitiva, mas sim na natureza da competição, ou seja no tipo da competição. Na fala do entrevistado 8 pode-se destacar o seguinte trecho:

“[...] eles participam de até no máximo 2 competições oficiais, onde sabem que, apesar de não haver cobrança de resultados por parte dos técnicos, a classificação individual de cada é muito importante [...] Depois dessas competições oficiais, há a participação de pelo menos mais 3 eventos amistosos [...].”

Apesar de que o treinador não priorize os resultados nessas competições, a partir do momento em que o atleta consegue classificar-se em um evento oficial ele será convocado para participar dos seguintes torneios oficiais, que podem ser os campeonatos nacionais que geralmente são seguidos dos campeonatos internacionais. Nesse contexto ocorre o aumento da participação em atividades competitivas, que é um aspecto positivo. No entanto, por se tratarem de competições oficiais cabe ao treinador conduzir o processo de forma a não sobrecarregar seu atleta, já que no caso da competição de Karate-do JKA não há adaptações pensadas de acordo com as crianças e os jovens.

Cazetto e Montagner (2013) mencionam que esse tipo de situação também é enfrentada no Judô, pois se os atletas se classificam em uma determinada etapa e somam pontos para sua equipe, para que eles possam chegar ao campeonato principal é necessário que estejam presentes em todos os eventos seguintes e que se classifiquem entre os quatro primeiros colocados. Essa situação, além de sobrecarregar pela alta frequência de competições oficiais, contribui também para aumentar a pressão de vencer a competição. Outro fator importante mencionado pelo entrevistado 1 é a quantidade de disputas que o atleta realiza na competição:

“Depende do campeonato mas quando tem muitas categorias incluindo individual e equipe e a criança participa de todas acho que acaba sobrecarregando.”

Sobre esse aspecto, Cazetto e Montagner (2013) mencionam que o tempo de

permanência em uma competição também é um fator a ser considerado quando inserimos nossos atletas em uma competição. De acordo com os autores esse é um quadro que tende a se agravar pois, as federações buscam promover competições para estimular os atletas e tornar mais acessível o esporte, com isso o número de atletas nas competições de Judô se eleva cada vez mais, chegando a ter 600 ou mais crianças participantes. Segundo os autores o elevado número de participantes e por consequência o elevado número de disputas faz com que as crianças permaneçam muito tempo envolvidas na competição oficial, o que também poderia sobrecarregar as categorias infantojuvenis, já que devido a idade na maioria das vezes eles não possuem as condições necessárias para suportar eventos dessas magnitudes.

Outro aspecto relatado pelos treinadores diz respeito ao tempo de preparação entre cada competição. Os pontos de vista dos entrevistados sobre a proposta da realização de competições com curtos períodos de preparação entre os eventos são apresentados abaixo.

Entrevistado 1: *“Sim, para cada competição tem que ter a preparação específica.”*

Entrevistado 3: *“Sim. Como se fossem simulados.”*

Entrevistado 4: *“O tempo de preparação não deve ser muito curto, pois isso atrapalha o desenvolvimento do atleta e inclusive pode trazer insegurança no momento de competir.”*

Entrevistado 5: *“Não concordo pois o atleta de Karate, sofre uma fadiga física e principalmente psicológica, ainda mais se tratando de adolescentes.”*

Entrevistado 7: *“Sempre digo que se quer competir deve-se preparar fisicamente, tecnicamente e psicologicamente.”*

Entrevistado 8: *“Para as categorias de base selecionamos as competições mais interessantes para eles participarem, aquelas em que os técnicos acham que ocorrerão crescimento e desenvolvimento, onde não seja necessário alterar muito a nossa periodização, que é elaborada respeitando a idade e o kyu de cada jovem atleta.”*

Entrevistado 9: *“Sim, porque a criança vai se familiarizando aos poucos.”*

Entrevistado 10: *“Depende dos níveis técnicos e da faixa etária do atleta.”*

Bompa (2000) afirma que ao introduzir as crianças e os jovens em sistemas de competições oficiais, que tem como objetivo primário a vitória, os pais e os treinadores geralmente terminam por criar em torno do esporte e da competição um sentimento negativo de estresse que poderia levar ao abandono da prática antes de ocorrer o total desenvolvimento de suas habilidades. Em consonância com a citação de Bompa (2000) é possível perceber que, em suas falas, os treinadores 4 e 5 mostram-se contrários a proposta. Suas posições são justificadas com base nos argumentos relacionados ao desgaste físico e psicológico causados pela competição e que essa proposta geraria um sentimento de insegurança ao participar da competição por não se sentirem preparados. Os posicionamentos de Bompa (2000) e dos entrevistados 4 e 5 encontram sustentação no estudo de Cafruni, Marques e Gaya (2006) que teve como objetivo verificar se atletas adultos de destaque já apresentavam resultados altos desde a formação esportiva. Os resultados apontaram que na etapa de formação 72,5% da amostra não teve altos resultados competitivos, o que poderia justificar a opção dos treinadores 4 e 5 de não promover a participação em competições oficiais com um curto tempo entre um evento e outro, pois dessa forma eles estariam exigindo além da capacidade de seus atletas e de acordo com o proposto por Bompa (2000) isso poderia levar ao abandono da prática antes da concretização das habilidades do atleta.

De encontro com as ideias expostas no parágrafo anterior, há um outro grupo de entrevistados, os treinadores 1, 3, e 9, que se mostra favorável a proposta da realização de atividades competitivas com curtos períodos de preparação. Esse grupo de treinadores justifica seu posicionamento afirmando que dessa forma ainda haveria a preparação para cada competição porém o tempo seria menor. O que não necessariamente causaria prejuízos, pois dessa forma as crianças estariam se familiarizando. Outro argumento utilizado afirma que dentro dessa perspectiva as competições realizadas poderiam ser encaradas como simulados para uma competição principal. Ao encontro dos posicionamentos dos entrevistados 1,3 e 9 a teoria base para este estudo apresentada por Marques (2004) defende a proposta da realização de atividades competitivas com curtos períodos de preparação entre

elas, contudo, o tipo de competição deve ser modificado. Para a adoção dessa proposta as competições oficiais devem ser substituídas em parte por atividades competitivas de diferente estrutura, buscando evitar os aspectos evidenciados pelos entrevistados 4 e 5.

A partir disso emerge nas falas dos entrevistados o aspecto relacionado ao tipo de competição. Apesar de não possuir uma conexão direta com a quantidade ou com a frequência das atividades competitivas, possui destaque quando pensamos as competições infantojuvenis de acordo com a proposta de Antonio Marques (2004), que defende a alta frequência e a participação em atividades competitivas desde as fases iniciais do treinamento. Ao falar dos tipos de competição que consideram adequados para a categoria infantojuvenil, os treinadores estabelecem uma relação implícita com o efeito que os resultados competitivos, abordados no item anterior, tem sobre a participação competitiva. O tipo de competição do qual as crianças e jovens participam se relaciona intimamente com a sensação que a participação competitiva traz. Em outras palavras, o tipo de competição – oficial, amistosa, festival, e etc. – é um fator que influencia em sentimentos como a pressão por vencer, a decepção da derrota e o prazer em competir e conseqüentemente na vontade de participar de competições. Abaixo são apresentados alguns trechos das falas dos entrevistados sobre o tema.

Entrevistado 2: “[...] no meu entendimento crianças até 9 anos em Festivais, até 13 anos somente deveriam participar em eventos regionais, 14 a 17 a nível de país, 18 a 21 continentais e acima de 22 em mundiais.”

Entrevistado 5: “Como educador acredito que as mudanças feitas nas competições para crianças de 4 a 13 anos tornaram prazerosas e divertidas pois todos são premiados e tem a oportunidade de participar, assim teremos menos cobrança por parte de familiares e professores e um crescimento muito grande de crianças no Karate.”

Entrevistado 9: “[...] a criança deve aprender a ser competitiva de uma forma lúdica. Porque não tem maturidade suficiente para diferenciar.”

Entrevistado 10: “Eventos que não prejudicam o avanço educacional do praticante é adequado.”

No item que tratou das adequações das competições, alguns treinadores sugeriram que a realização de festivais seria um modelo que poderia ser implementado nas disputas de Karate-do JKA para a categoria infantojuvenil. Novamente essa temática ressurge de modo que nas falas dos entrevistados é possível reconhecer passagens que relatam aspectos integrantes da realização de festivais:

- O entrevistado 2 estabelece que o ideal para as categorias menores seria a realização de festivais como forma competitiva e apenas a partir dos 11 anos haveria a participação em eventos oficiais, mas em pequena escala, como os regionais.
- O entrevistado 5 aborda o tema premiação para todos os participantes.
- O entrevistado 9 faz referência a utilização da ludicidade para introdução à competição.
- O entrevistado 10 ressalta que os eventos competitivos adequados são aqueles não prejudicam o avanço educacional do praticante.

De acordo com Scaglia, Medeiros e Sadi (2013), a utilização de festivais para crianças como alternativa às competições oficiais (contextualizando agora no sentido da frequência da participação e não da adequação de conteúdos como feito no item 4.2) tem como alguns de seus objetivos:

- A não caracterização da situação de disputa.
- A diminuição do efeito dos componentes de vitória e derrota.
- A integração dos participantes de forma que seja possível ensinar a competir, contribuindo assim para a formação educacional e social dos indivíduos.

Marques (2004) aponta que se a competição proposta para as crianças e jovens tiver como fundamentação os objetivos como os citados por Scaglia, Medeiros e Sadi (2013), sua utilização é ampliada de tal modo que pode vir a inserir-se como um conteúdo fortemente presente nas sessões de treinamento infantojuvenis. As opiniões dos entrevistados sobre a utilização de atividades

competitivas nas sessões de treinamento são apresentadas abaixo.

Entrevistado 1: “*Sim, para que o aluno tenha um conhecimento prévio de como funciona uma competição e vá se ambientando com forma competitiva.*”

Entrevistado 2: “*Se o objetivo é explicar como funciona uma competição, sim. Não concordo fazer dessas atividades o dia a dia das crianças.*”

Entrevistado 3: “*Poucas realizações durante treinos.*”

Entrevistado 4: “*Sim, assim o aluno já começa a se familiarizar com os campeonatos, trazendo mais tranquilidade para suas participações em competições, mas esse não deve ser o foco principal durante os treinos, o principal é sempre difundir a arte do Karate e não apenas ganhar medalhas e troféus [...].*”

Entrevistado 5: “*Também não concordo, acho e acredito que os treinos para competição tem que ser realizado para quem quer ser atleta em dias e horários específicos, pois assim estaríamos invertendo os inúmeros benefícios que o Karate trás a seus praticantes [...].*”

Entrevistado 6: “*Sim, acredito que assim se quebra um pouco o foco arraigado apenas na medalha e no resultado.*”

Entrevistado 7: “*É interessante às vezes fazer isso no horário normal de treino porque eles vão competir com pessoas conhecidas e num ambiente já acostumado. A pressão sempre aumenta quando há mudanças.*”

Entrevistado 8: “*Sim. Mas não visando resultados, e sim outros quesitos mais importantes para o futuro do jovem atleta, como trabalho em equipe, criatividade, persistência, entendimento das regras, etc. E claro, em muitos momentos, a forma lúdica deve estar presente.*”

Entrevistado 9: “*Sim, como disse no mundo tudo é competição. Tanto na vida profissional como escolar.*”

Entrevistado 10: “*Poderá introduzir até uma vez por semana.*”

Como é possível perceber através dos trechos destacados acima, grande parte dos entrevistados é favorável a realização de atividades competitivas nas sessões de treinamento, apenas o entrevistado 5 não concorda com a proposta. As

justificativas dos treinadores para essa escolha é que dessa forma as crianças e os jovens conseguiriam conhecer o que é uma competição, ambientar-se, familiarizar-se e reduzir o foco do resultado. Deve-se considerar que ao refletir sobre a quantidade e a frequência da participação competitiva tem-se o objetivo de criar estratégias que manejem esses dois aspectos de forma a tornar a competição menos estressante para seus participantes.

Nesse sentido, Verardi *et al* (2012) afirmam que o estresse é um estímulo que pode ser causado por um evento gerador de tensão que desencadeia respostas psicológicas e fisiológicas no indivíduo. Os autores ressaltam que não é o evento em si que gera o estresse no indivíduo, mas sim a percepção que ele tem do evento. Essa colocação vai ao encontro do mencionado no início deste tópico sobre o fato de que a escassez de competições poderia criar uma supervalorização da competição. Verardi *et al* (2012) mencionam também o estresse é um componente necessário para a competição e que a falta dele pode causar queda no rendimento, da mesma forma como o excesso. Para conduzir as situações de estresse de forma adequada os autores mencionam que a utilização de estratégias de enfrentamento, buscando a mudança de comportamentos e centrando as atenções do indivíduo em atitudes positivas, autocontrole e em sua autoestima, são uma das alternativas que podem servir aos treinadores. Como visto no decorrer deste estudo, outra das possíveis alternativas que os treinadores poderiam utilizar seria aumentar a quantidade e a frequência dos eventos competitivos, para dessa forma minimizar o impacto da competição.

Quando consultados os calendários competitivos dos anos de 2013, 2014 e 2015 da JKA do Brasil é possível perceber que as competições oficiais a nível nacional propostas são apenas duas: o Campeonato Brasileiro e o Campeonato Sul Americano que é exclusivo para os que conseguem classificação no Campeonato Brasileiro. A nível estadual, citando especificamente o caso do Rio Grande do Sul, os praticantes que não integram a seleção gaúcha possuem apenas dois campeonatos por ano. Pode-se perceber que o número de competições oficiais integrantes dos calendários das entidades em estudo está de acordo com o pensamento dos treinadores sobre o tema, uma vez que os mesmos consideram adequado um número menor de eventos competitivos oficiais. Entretanto, quando se

trata da frequência da participação competitiva e da realização de atividades de competição nas sessões de treino pode-se perceber que os posicionamentos são diferentes, pois partem do princípio da realização de atividades competitivas de diferente estrutura como os festivais, por exemplo.

Até o presente momento a discussão deste estudo centrou-se em aspectos relacionados à estrutura e organização da competição de crianças e jovens e como as escolhas dos treinadores sobre esses aspectos contribuiriam para um melhor aproveitamento da competição para o público infantojuvenil. A partir disso, o último item da discussão dos resultados desta dissertação de mestrado procura focar não mais os aspectos estruturais das competições, mas sim como a competição e os demais aspectos abordados nos itens anteriores contribuem como elemento estruturante da formação e educação dos seus participantes.

4.5 A COMPETIÇÃO ATUANDO NA FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

A partir das falas dos entrevistados e da discussão realizada nos tópicos acima foi possível compreender como os diferentes aspectos enfocados em cada uma das categorias se relacionam com o contexto atual das competições de Karate-do JKA infantojuvenis. A quinta e última categoria de análise de conteúdo deste estudo remete a um questionamento realizado no roteiro de entrevistas “A competição atua de forma positiva na formação e educação de crianças e jovens?” Nesta categoria, procurou-se através das falas dos entrevistados a compreensão da competição infantojuvenil como um todo e como ela atua na formação e educação dos jovens que dela participam.

Primeiramente, antes de expor as falas dos entrevistados sobre o tema, é necessário definir as palavras formação e educação tão referenciadas ao longo deste estudo. De acordo com o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2009) a palavra formação tem como alguns de seus significados ação ou efeito de formar ou formar-se e o modo como se constitui um caráter ou uma mentalidade. Por sua vez,

alguns dos significados da palavra educação são: aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano, processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício e formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo. É possível perceber através dos significados expostos acima que as palavras formação e educação se complementam. Formar está relacionado ao modo como se constitui um caráter ou mentalidade e educar significa aperfeiçoar as faculdades morais (caráter) do ser humano através de um processo consciente que segue determinados ideais.

Com os conceitos de formação e educação estabelecidos emerge a questão: “A competição atua de forma positiva na formação e educação de crianças e jovens?” As falas dos entrevistados sobre o tema são expostas abaixo.

Entrevistado 1: *“Sim, desde que o professor trabalhe a competição não somente com o objetivo de ganhar. A competição deve ser vista como uma parte do treinamento, e do aprendizado do aluno. [...] Na competição a formação educacional pode ser influenciada pelo trabalho em equipe, pela responsabilidade e comprometimento. [...] Os resultados, positivos ou negativos, geram sensações boas e ruins que devem ser trabalhadas de forma que o aluno possa entender o que está acontecendo e usar isso para crescer e melhorar tanto com relação a parte técnica como melhorar como pessoa.”*

Entrevistado 2: *“Sim, acredito ser positiva a participação sempre e quando seja respeitado o universo infantil, a criança deve ser incentivada a competir com os outros colegas sempre respeitando o outro e em um ambiente onde a disputa pelo título não seja o objetivo final e sim a participação. [...] É muito importante que as crianças entendam que a competição só funciona se ela é limpa e justa. [...] A competição nesta faixa etária deve contribuir além da formação educacional e sim deixar sedimentado valores que ela, a criança irá utilizar em toda a vida.”*

Entrevistado 3: *“Sim. Oportunidade de mostrar a evolução técnica e social do participante. [...] sempre as crianças estão se comparando e sem elas haveria um nivelamento por baixo dos participantes, sem estímulo para melhorar.”*

Entrevistado 4: *“Sim. Pois elas devem desde cedo aprender a lidar com a vitória e a derrota, de forma que não se tornem arrogantes na vitória ou se desestimulem na derrota, além de também interagir com outros competidores e atletas, sabendo participar em grupos e*

equipes. [...] outros componentes importantes que podem ser aprendidos e exercitados nas competições é a responsabilidade, o foco, a concentração e o espírito esportivo. [...] independente do resultado sempre temos uma lição a ser tirada, de humildade ou de superação, assim como se deve aprender a ser um bom perdedor e com isso se superar e não desistir de seus objetivos é muito importante aprender a ser um bom ganhador tirando proveito do que aprendeu na vitória sem pensar que o aprendizado acabou e sem humilhar seu oponente.”

Entrevistado 5: *“Acredito na participação positiva [...] se tratando de competição por resultados não tendo vitórias e derrotas acho que não só perderiam o valor como não estaríamos preparando as crianças para o futuro adulto [...] o Karate tem que ser trabalhando de forma educativa e formativa no dojo, se conseguirmos estes dois importantes conceitos a competição torna-se prazerosa e divertida para as crianças e adolescentes.”*

Entrevistado 6: *“Acredito ser positiva a participação em competições na formação educacional das crianças, desde que bem orientadas por aquelas que a conduzem a determinado ato, isto pelo fato de ser a competição uma das formas de problematizarmos as crianças desde a mais tenra idade a lidar com os seus desejos, seus medos, suas frustrações, preparando assim indivíduos mais capazes para lidar com situações corriqueiras no trabalho ou com seus pares nas mais diversas situações sociais da sua vida. [...] não é apenas o resultado que influencia educacionalmente em uma competição, existe todo um aparato complexo que nos permite educar através de eventos competitivos, desde a preparação para ele, o desejo de estar competindo, conhecer e contemplar novos lugares e novas culturas, novas amizades, isto tudo nos faz mudar, sair da zona de conforto para ver o mundo de outra forma, e buscar assim, mudar a própria realidade. [...] resultado é algo momentâneo, e a educação não possui cortes, ela acontece sempre e de maneira contínua, os resultados colaboram, mas o que educa é a vivência de que estes fizeram parte.”*

Entrevistado 7: *“Acredito que as competições são ótimas para que as crianças aprendam a superar limites, medos, auto-controle, fazer novas amizades, mas deve-se tomar muito cuidado para que a busca pelos títulos e medalhas, não acabe virando o objetivo principal, desta forma, podendo criar o individualismo, rivalidade ou até mesmo passar por cima dos outros para conquistar o que deseja.[...] Na verdade, mesmo sendo em forma de brincadeira, mesmo que todos ganhem medalhas, sempre vai ter um que ganha e um que perde. E isso é necessário para o desenvolvimento das crianças principalmente para aprender que nem tudo vem fácil e nem sempre conseguimos o que desejamos. Na vida, muitas coisas são assim. E*

os obstáculos da vida são muito mais difíceis e dolorosos! Podemos mostrar que o karatê não é apenas dar socos e chutes, é também aprender o que é persistência, ser humilde, honesto, ter um bom caráter, seguir as regras, ter respeito. O que é necessário para se tornar um bom atleta e não um lutador malandro e ganancioso.”

Entrevistado 8: *“Sim. Tudo dependerá da qualificação do educador e o método que utilizará. As atividades competitivas, junto com uma metodologia educacional correta, proporcionam interação e educam, promovem o respeito entre os competidores, o respeito pelas regras e a evolução técnica e pessoal. Vivemos num mundo onde a competição faz parte do dia-a-dia, portanto faz parte da educação para a vida. Mas, dentro do processo de formação de jovens atletas, crianças e adolescentes, ao meu ver, seria prudente dar maior importância aos meios e não aos fins. [...] Talvez para determinada faixa etária, poderíamos excluir a vitória e a derrota, substituindo ou pontuando outros fatores de formação como meta principal, mas nas categorias próximas as da principal, o sentido de vitória e derrota devem estar bem definidas. Regras e condução das disputas são conduzidas por pessoas, e todos são falíveis, portanto existem N fatores que podem influenciar na formação educacional do atleta, principalmente a interpretação das regras/regulamentos.”*

Entrevistado 9: *“Sim, na vida tudo é competição, o mundo é competitivo, mas ensinar perder também faz parte, mas no sentido de superação.”*

Entrevistado 10: *“Sim, o instinto natural do ser humano é competitivo e de auto superação, ensinar crianças para adquirir hábitos saudáveis de se esforçar para a formação do caráter do aluno é ideal para formação do ser humano.*

De forma unânime todos os entrevistados concordam que a competição atua de forma positiva na formação e educação de crianças e jovens. Os entrevistados destacam que através das competições aprende-se a ter responsabilidade, comprometimento, a interagir com pessoas de diferentes realidades, a respeitar os adversários, a superar-se e que dessa forma o público infantojuvenil é preparado para o “mundo adulto”, como referenciado por alguns entrevistados. A partir da definição de formação realizada acima é possível perceber que os itens citados pelos treinadores entrevistados são essenciais para a formação do caráter do indivíduo. Nas falas dos entrevistados diversas vezes aparece o termo “formação educacional” o que nos permite compreender que para formar o caráter é necessário seguir um processo para alcançar esse objetivo, esse processo seria a educação.

Silva (2004) menciona que o espírito esportivo é a ferramenta mais efetiva presente na competição e nos esportes para a formação do caráter de seus participantes. Segundo o autor o espírito esportivo torna-se importante porque é através dele que são preservados aspectos como:

- Respeito às regras da competição;
- Respeito aos árbitros e as suas decisões;
- Respeito aos adversários;
- Preocupação com a igualdade de oportunidades para todos os competidores;
- Manutenção constante de sua própria dignidade durante a competição.

Como já mencionado ao longo deste estudo, os treinadores são os responsáveis pela condução das crianças e jovens ao longo desse processo (MESQUITA, 2000). De acordo com essa citação Silva (2004) propõem vinte princípios para orientar as ações dos treinadores de forma a educar para a formação do caráter e do espírito esportivo. Alguns princípios são destacados abaixo:

- Mostrar que se importa: o treinador não deve apenas exigir que os atletas assumam o espírito esportivo, ele deve ser o primeiro a assumir e a demonstrar isso através de suas ações.
- Estabelecer regras, costumes, rituais e tradições que reforcem os princípios do espírito esportivo: o treinador deve fazer com os aspectos referentes ao espírito esportivo sejam assumidos por seus atletas de forma natural e espontânea, para isso algumas regras de conduta devem ser adotadas, como cumprimentar os adversários e árbitros e auxiliar quando um adversário se machuca.
- Encorajar os atletas a adotar a perspectiva das demais pessoas envolvidas no processo esportivo: o treinador deve estimular que os atletas reflitam antes de atuar de forma negativa de modo que eles não façam aos demais o que não gostariam que fosse feito com eles.
- Falar sobre a relação entre espírito esportivo e êxito: o treinador

deve explicar aos seus atletas que êxito não é sinônimo de vitória e que uma vitória sem espírito esportivo é uma vitória “oca” não tem valor e conseqüentemente não pode ser considerada um êxito.

Para que os itens mencionados pelos entrevistados (respeito, responsabilidade, e etc.) e os princípios apresentados acima se concretizem é necessário um componente essencial para o ser humano, a socialização. Coakley (2014) menciona que a socialização é um processo de aprendizagem que ocorre quando interagimos com outros e aproximamos nossos contextos de vida. Dessa forma o autor ressalta que os esportes são meios muito ricos para o processo de socialização do indivíduo. Em um estudo realizado por Lage, Gonçalves Junior e Nagamine (2007) o Karate-do foi utilizado como conteúdo nas aulas de educação física para crianças, e ao final do período de intervenção a seguinte questão foi realizada: “O que é o Karate-do nas aulas de educação física para você?” Os resultados apresentaram que ao vivenciar o Karate-do foi possível percebê-lo não só como um esporte, mas como algo que pode ser aplicado em suas vidas. As crianças participantes relataram que o *Dojo Kun* faz com que seja possível aproximar as situações que ocorrem em seus cotidianos com os valores ensinados no Karate-do e que dessa forma elas conseguem “viver” o Karate em todas suas ações.

Todos os esportes de uma forma geral têm como objetivo a promoção de valores que promovam o bem-estar, a civilidade e o respeito pelos demais (PINHEIRO, CAMERINO, SEQUEIRA, 2013). No estudo de Lage, Gonçalves Junior e Nagamine (2007) é possível ver a contribuição da prática do Karate-do para a formação de valores e princípios para as crianças participantes do estudo. Ao iniciar o processo de socialização com o Karate-do e aproximá-lo de seu contexto de vida, as crianças conseguiram relacionar facilmente os ideais presentes *Dojo Kun* com suas vidas. Provavelmente essa facilidade se deve ao fato da repetição do *Dojo Kun* em todas as aulas e por ele ser identificado como o “lema do Karate-do”.

Outro aspecto considerado importante para a formação e educação do público infantojuvenil mencionado pelos entrevistados foram os resultados competitivos. As seguintes passagens destacam algumas falas sobre o tema:

“[...] os resultados, positivos ou negativos, geram sensações boas e

ruins que devem ser trabalhadas de forma que o aluno possa entender o que está acontecendo e usar isso para crescer e melhorar tanto com relação a parte técnica como melhorar como pessoa.” (Entrevistado 1)

“[...] a criança deve ser incentivada a competir com os outros colegas sempre respeitando o outro e em um ambiente onde a disputa pelo título não seja o objetivo final e sim a participação [...]” (Entrevistado 2)

“[...] como se deve aprender a ser um bom perdedor e com isso se superar e não desistir de seus objetivos é muito importante aprender a ser um bom ganhador tirando proveito do que aprendeu na vitória sem pensar que o aprendizado acabou [...]” (Entrevistado 4)

“[...] se tratando de competição por resultados não tendo vitórias e derrotas acho que não só perderiam o valor como não estaríamos preparando as crianças para o futuro adulto [...]” (Entrevistado 5)

Diferentemente do que foi discutido no item 4.3 (relação entre vitórias e derrotas), os resultados competitivos aparecem novamente nas falas dos treinadores porém agora o destaque não é para os comportamentos advindos deles. Por mais que não haja como excluir das falas acima a presença de aspectos relacionados ao comportamento resultante da participação competitiva, quando é pensada a contribuição dos resultados competitivos para formação e educação de crianças e jovens quatro termos se destacam dos trechos acima: “*trabalhadas*”, “*incentivada*”, “*aprender*” e “*preparar*”. Se analisados em seus contextos é possível perceber que esses termos se referem a ações que são responsabilidade do treinador. Coakley (2014) cita que muitas pesquisas são desenvolvidas para saber como a participação em atividades esportivas influencia na formação do caráter dos jovens atletas. O autor menciona que para ter seu caráter “moldado” através do esporte é necessário permanecer no esporte e que os jovens atletas estão constantemente refletindo sobre sua participação, sobre os motivos que os fazem seguir. Ainda é destacado pelo autor que essas decisões tem forte influência de outras pessoas que são significativas dentro do contexto do esporte para o atleta, ou seja os treinadores.

LaVoi (2007) afirma que dada importância do papel do treinador na vida de muitos de seus atletas a proximidade da relação treinador-atleta influencia diretamente em diversas facetas do desenvolvimento humano como a autoestima, a

motivação para realizar uma tarefa, o bem estar, a capacidade de se expressar autenticamente a partir do encorajamento e o desenvolvimento da moralidade. Em outro estudo LaVoi e Power (2006) procuraram examinar a contribuição da participação esportiva para o desenvolvimento da cidadania em universitárias do sexo feminino. Segundo os autores a intensidade emocional dos esportes e o investimento pessoal dos participantes ajudam converter o esporte e a competição em ambientes ideais para a formação do caráter. Os resultados apresentaram que os treinadores devem conduzir seus atletas para a autonomia, no entanto, para uma autonomia que significa mais do que controle pessoal. No estudo, os autores apontam que a autonomia é fundamental para o desenvolvimento da cidadania em uma sociedade democrática, na qual os indivíduos tem a oportunidade de decidir sobre o futuro da mesma a partir de seus ideais que são fundamentados em seu caráter.

Quando se trata do Karate-do, a figura do treinador existe de forma diferente, sendo o treinador substituído pelo *Sensei*. O *Sensei* estabelece com seu aluno uma relação ultrapassa muito os limites da matéria que ensina, ele se limita a breves indicações (conceitos) e não espera que o aluno faça perguntas, pois entende que o desenvolvimento da maturidade na arte marcial requer tempo e reflexão (AIRES, AIRES, BARBOSA, 2011). Desde a criação da prática da arte marcial no Japão, por volta de 1500 d. C, os treinamentos eram direcionados não para buscar apenas vencer o adversário, mas sim para o aperfeiçoamento e melhoria do espírito que ocorria através da constante exigência para esforçar-se cada vez mais. O *Sensei* seria o responsável por conduzir esse processo e conscientizar o aluno de que através do esforço feito para manter-se ativo durante os treinamentos exigentes, que o praticante incorpora as virtudes mencionadas no *Dojo Kun* (SASAKI, 2010).

O autor António Marques quando propõe em seu estudo “Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação” (2004) que as competições infantojuvenis sejam de fato atuantes na formação e educação das crianças e jovens que dela participam, sugere a análise de alguns aspectos para que isso ocorra. As adaptações em regulamentos, os resultados competitivos e o número e a frequência das participações competitivas são os aspectos apontados pelo autor como essenciais para esse processo. Os treinadores e as entidades esportivas

seriam os responsáveis por atuar de forma a proporcionar competições que contemplem esse objetivo.

Segundo o autor, através do processo de avaliação e modificação dos aspectos citados acima, o primordial seria garantir que os jovens atletas conseguissem aproveitar os aprendizados de uma competição realizada à medida de suas capacidades e habilidades para a formação de seu caráter. Dessa forma, competir não seria uma atividade que promove a concorrência exacerbada e o individualismo, mas sim um processo de educação. Esse processo ocorreria através de situações desafiadoras pensadas de acordo com as características de seus participantes de forma a promover, e não a negar, valores essenciais para o ser humano e para a vida em sociedade como o respeito, o comprometimento e a superação.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que, na perspectiva dos treinadores e dirigentes, a competição infantojuvenil de Karate-do JKA atua de forma positiva na formação e educação dos seus participantes. Segundo os entrevistados, as situações adversas vivenciadas em uma competição e principalmente as vitórias e derrotas são oportunidades únicas para orientar seus alunos. O desenvolvimento do caráter e o fomento de valores como o respeito e a honestidade seriam privilegiados nesse processo. Entretanto, a inadequação das mesmas ao público infantojuvenil é evidente, principalmente quando se trata dos conteúdos realizados nas competições. O principal argumento utilizado pelos entrevistados para sustentar esse posicionamento é o de que a modificação ocorrida no regulamento tornou o conteúdo da competição infantojuvenil muito semelhante à adulta. No que é relativo a estrutura das competições infantojuvenis, percebeu-se que a categoria segue uma organização muito semelhante com as categorias juvenil e adulto e a frequência da proposta de atividades competitivas é baixa, o que vai de encontro com o proposto por Marques (2004).

Ao longo dos anos de prática o Karate-do constitui-se para muitos de seus praticantes como um modo de vida, de forma que as situações vivenciadas durante os treinamentos levam a reflexões que conduzirão a adoção de distintas posturas mediante distintas situações. Por ser essencialmente um método de defesa pessoal, no qual são utilizadas diferentes partes do corpo para defender-se, golpear e conseqüentemente anular o adversário, é impossível pensar sua prática sem o uso da agressividade. A agressividade, no entanto, deve ser conduzida de forma adequada para não ser comparada a barbárie. Essa condução é feita basicamente através da compreensão e apropriação dos conceitos presentes no *Dojo Kun*.

Em sua essência o Karate-do não foi pensado como um esporte com competições organizadas e estruturadas, porém a situação de disputa sempre esteve presente caracterizada na luta entre dois ou mais oponentes. Atualmente o Karate-do possui competições organizadas e estruturadas, nas quais a agressividade é uma constante, pois ela é parte integrante da competição. Não há competição sem agressividade, que se diferencia de violência, pois esta é

relacionada com a intenção de querer fazer o mal a algo ou alguém. A agressividade, por sua vez, caracteriza-se por um instinto natural de sobrevivência do ser humano, que para ser concretizada utiliza-se da força para superar obstáculos (VILHENA, MAIA, 2002). Nesse contexto temos a inserção de crianças e jovens que muitas vezes iniciam na competição muito cedo, com apenas cinco anos de idade. Como fazer então para tornar as competições atuantes na formação e educação desse público tão jovem em um contexto no qual a agressividade é uma constante necessária para o desenvolvimento tanto do Karate-do como da competição? Certamente não é da forma como está sendo proposta com a implantação deste novo regulamento.

As competições de Karate-do lidam intimamente com a agressividade e com seu uso consciente de forma a não convertê-la em violência, ou seja, procura-se conter o espírito de agressão e não eliminá-lo. Dessa forma, para que todos consigam usufruir das contribuições da participação em competições de Karate-do infantojuvenis, e não apenas alguns poucos “sobreviventes”, faz-se fundamental a conscientização das instituições sobre as adequações necessárias para essas categorias. Os treinadores e dirigentes entrevistados mostram-se conscientes dessa necessidade e apontam caminhos para conduzir melhor as competições infantojuvenis. Contudo, suas vozes parecem não serem ouvidas, pois o regulamento de competições que institui a realização do *Shiai Kumite* para a categoria infantil parte em 2015 para o seu quarto ano de vigência. Considerando que a participação em competições tem como um de seus objetivos a busca pela vitória, espera-se que a nível nacional cada vez mais essa mudança atinja as categorias iniciais da modalidade.

O presente estudo apresenta algumas (de)limitações, no que diz respeito a perspectiva teórica a falta de mais teorias abordando a temática das competições infantojuvenis como pressupostos de educação e formação torna a discussão um pouco limitada. Possivelmente com a utilização de mais teorias a discussão de diferentes pontos de vista sobre o assunto poderia ser contemplada de melhor maneira. Outra limitação diz respeito aos documentos encontrados para a discussão dos resultados. Apenas os regulamentos e calendários de competições serviram de fato para a discussão dos resultados. Entretanto, optou-se por mantê-los por

considerar ser possível analisar através deles as modificações ocorridas nas competições infantojuvenis ao longo do tempo e também para verificar a quantidade da participação competitiva oferecida pela entidade que dirige a modalidade.

Além disso, cabe citar algumas incoerências com o proposto pelos regulamentos do Campeonato Brasileiro com o que realmente foi realizado nas competições. Se observados os regulamentos dos anos de 2013 e 2014 encontra-se que a disputa de *Shiai Kumite* ocorreria apenas a partir dos 14 anos, fato que não ocorreu na competição, pois a partir dos 12 anos foi realizada a disputa de *Shiai Kumite* em determinadas rodadas da competição. Já no regulamento de 2015 vemos que as especificações estão de acordo com o que de fato foi realizado na competição.

Por fim acredita-se que este estudo contribui de forma significativa para o desenvolvimento de modelos competitivos mais conformes ao público infantojuvenil dentro do Karate-do JKA. Espera-se ainda que a realização deste estudo possa promover novas pesquisas dentro das diferentes modalidades de lutas. Dessa vez contemplando não somente os treinadores, mas também os atletas e suas percepções sobre os diferentes modelos competitivos para o público infantojuvenil. Espera-se que ao dar voz aos que de fato atuam na prática, ou seja, aos treinadores, aos dirigentes, aos árbitros e aos atletas e aproximar seus pontos de vista do que é discutido no meio acadêmico sejam produzidos conhecimentos mais acessíveis e atuantes na prática, neste caso específico, no Karate-do JKA.

REFERÊNCIAS

AIRES, Alfredo; AIRES, Hannah; BARBOSA, Marcos Levi Lopes. Suporte e percepção do atendimento das necessidades psicológicas básicas em praticantes de karate-do: um estudo correlacional. **Leituras, Educacion Fisica y Deportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 175, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd175/necessidades-psicologicas-em-karate-do.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

AIRES DE LOS SANTOS, Alfredo Fernando. **Diferenças socioculturais do ensino do karatê-dô entre oriente e ocidente**. 2006. 29 f. Monografia (Conclusão de Curso) - Curso de Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ARENA, Simone Sagres; BOHME, Maria Tereza Silveira. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p.45-50, dez. 2004.

AYAS, Jaume Casamort. Características pedagógicas del deporte. *In*: BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, Domingo; AMADOR RAMÍREZ, Fernando. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. Barcelona: Inde, 1999. p. 49-60.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi *et al.* **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 81-110.

BALBINO, Hermes Ferreira *et al.* Pedagogia do esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. *In*: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 41-68.

BARATA, João. O exemplo do treinador. **Treino Desportivo**, Lisboa, n. 3, p. 65-70, out. 1998. volume especial.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013. p.189-217.

BAUMERT, Armin. Sobre este libro. *In*: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **Teoría y metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. p. 5-6.

BOMPA, Tudor. Excelling in competition. *In*: BOMPA, Tudor. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000. p. 167-177.

CAFRUNI, Cristina Borges. **Análise da carreira desportiva de atletas brasileiros: estudo da relação entre o processo de formação e rendimento desportivo**. 2002. 119

f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Ciências do Esporte e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2002.

CAFRUNI, Cristina; MARQUES, António; GAYA, Adroaldo. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Lisboa, n. 6, p.55-64. 2006.

CASSEPP-BORGES, Vicente; BALBINOTTI, Marcos Alencar Abaíde; TEODORO, Maycoln Leoni Martins. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. *In*: PASQUALI, Luiz. **Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 506-520.

CATITA, Luiz. A relação treinador-atleta: a importância do treinador na motivação e continuidade da prática de jovens atletas em luta. **Luta Magazine**, Lisboa, v. 1, n. 1, p.1-9. 2002.

CAZETTO, Fabiano Filier; MONTAGNER, Paulo Cesar. As influências do esporte espetáculo na competição de jovens: as lutas em estudo. *In*: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 147-192.

COAKLEY, Jay. **Sports and Society: issues and controversies**. 11. ed. Nova Iorque: Mcgraw-hill Education, 2014.

CONDE, Cristina. *et al.* La formación multideportiva de los jóvenes que se inician en el deporte. **Wanceulen E.F. Digital**, Sevilla, n. 7, p.52-58, 1 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.wanceulen.com/revista/index.html>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

DE ROSE JÚNIOR, Dante. Tolerância ao treinamento e à competição: aspectos psicológicos. *In*: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Cap. 12, p. 251-264.

FEDERAÇÃO SUL RIOGRANDENSE DE KARATE DO TRADICIONAL. **Manual Técnico para exames de faixa**. Porto Alegre: Fsrkt, 2007. 20 p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-do Kyohan**. São Paulo: Cultrix, 2014.

FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre**. São Paulo: Cultrix, 2005.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do esporte e competição infantil nas lutas. *In*: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo

Cesar. **Pedagogia do esporte**: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013. Cap. 5. p. 80-96.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do esporte e competição infantil: análise e proposições a partir do Karatê de Contato. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, p. 169-185, 2007.

GALLAHUE, David Lee; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

GOMES, Antonio Carlos. **Treinamento desportivo**: estrutura e periodização. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças**: o caso das categorias até 10 anos. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HARRE, Dietrich. **Teoría del entrenamiento deportivo**. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1987.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

INOUE, Mitsuo. Con el karate, busca equilibrio en una ciudad que vive tensa. **Clarín**, Buenos Aires, p. 1, 21 jul. 2011. Disponível em: <http://www.clarin.com/capital_federal/karate-busca-equilibrio-Ciudad-tensa_0_521348034.html>. Acesso em: 20 out. 2012.

JAPAN KARATÊ ASSOCIATION. **Tournament rules and regulations**. Tokyo: Japan Karate Association, 1997.

JAPAN KARATE ASSOCIATION. **Tournament rules and regulations**: tournament rules and regulations for officials. Tóquio: Japan Karate Association, 2005.

JAPAN KARATE ASSOCIATION. **Tournament rules and regulations**: tournament rules and regulations for officials. Tóquio: Japan Karate Association, 2012.

JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL. **Calendário de atividades 2011**. Disponível em: <<http://www.nkkbrasil.com.br>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

JAPAN KARATÊ ASSOCIATION DO BRASIL. **Comunicado do Campeonato Brasileiro**: regulamento do campeonato brasileiro. São Paulo: Japan Karate Association do Brasil, 2015.

KANETA, Catalina Naomi; LEE, Cristina Landgraf. Aspectos psicossociais do desenvolvimento. *In*: BÖHME, Maria Tereza da Silveira. **Esporte infantojuvenil**: treinamento a longo prazo e talento esportivo. São Paulo: Phorte, 2011. p. 69-99.

KEMP, Nigel. No desporto dos jovens, os verdadeiros vencedores não são necessariamente os atletas medalhados. **Treino Desportivo**, Lisboa, n. 2, p. 3-7. 1991.

KORSAKAS, Paula. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JÚNIOR, Dante. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 39-49.

KUNZ, Elenor. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 10-19, 1994.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte na educação física escolar**. 6. ed. Ijuí: Unijui, 2010.

KYOKUSHIN KARATÊ LIBERDADE. **O que é Kyokushin Karatê?** 2015. Disponível em: <<http://kyokushin.com.br/site/kyokushin-karate/>>. Acesso em: 4 jul. 2015.

LAGE, Victor, GONÇALVES JUNIOR, Luiz, NAGAMINE, Kazuo K. O karatê-do enquanto conteúdo da educação física escolar. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: O LAZER EM UMA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA, 3., 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SPQMH/UFSCar, 2007. p.116-133.

LAVOI, Nicole M. Expanding the interpersonal dimension: closeness in the coach-athlete relationship. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, Essex, v. 4, n. 2, p. 497-512. 2007.

LAVOI, Nicole M.; POWER, Clark F. Pathways to fostering civic engagement in collegiate female athletes: an exploratory study. **Journal Of College and Character**, Washington, v. 7, n. 3, p. 1-12, abr. 2006.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; MUNIZ, Igor Barbarioli. Competição e cooperação: na procura do equilíbrio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 129-143, jan/mar. 2013.

MACHADO, Gisele Viola *et al.* A competição esportiva como elemento pedagógico em Projetos Sociais. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, n. 9, p. 132-137, mar. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, António. A criança e a atividade física: inovação e contexto. In: CONGRESSO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., 1997. **Anais...** p. 15 - 31.

MARQUES, António. A especialização precoce na preparação desportiva. **Treino Desportivo**, Lisboa, v. 90/92, n. 19, p. 9-15, 1991.

MARQUES, António. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. *In*: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-96.

MARQUES, António. A preparação desportiva de crianças e jovens: o sistema de competições. *In*: GUEDES, O. **Atividade física: uma abordagem multidimensional**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 157-169.

MARQUES, António; OLIVEIRA, José. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. *In*: BARBANTI, Valdir José. **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida**. São Paulo: Manole, 2002. p. 51-73.

MARTIN, Dietrich *et al.* **Metodología general del entrenamiento infantil y juvenil**. Barcelona: Paidotribo, 2004.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica aplicada para as ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MATVEEV, Lev Pavilovch. **Preparação desportiva**. Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996.

MATVEEV, Lev Pavilovch. **Teoría general del entrenamiento deportivo**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

MENDONÇA, Samuel. Filosofia, saúde e arte marcial: a dimensão individual e interna da luta. *In*: ANTUNES, Marcelo Moreira; IWANAGA, Carla Carvalho. **Aspectos multidisciplinares das artes marciais**. Jundiaí: Paco, 2013. p. 101-116.

MESQUITA, Isabel. **Pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MILISTETD, Michel *et al.* Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 671-678, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MIYOSHI, Koichi. **O que é zen?** 2015. Disponível em: <<http://www.nippobrasil.com.br/2.budismo/289.shtml>>. Acesso em: 4 jul. 2015.

MORI, Masataka. **Fundamentals of karate-do: the first five weeks of instruction**. New York: Dojo-kun Publishing, 2010.

NAKASONE, Genwa. Prefácio. *In*: FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre**. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 15-19.

NAKAYAMA, Masatoshi. **La dinámica del karate 1**. Madri: Fher, 1966.

NAKAYAMA, Masatoshi. **La dinámica del karate 2**. Bilbao: Fher, 1985.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 63-99.

NUNES, Alexandre Velly. **Judô, Caminho das medalhas**. 1 ed. São Paulo: Kazuá, 2013.

OLIVIER, Jean-claude. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PACCAGNELLA, Michelle. Como lidar com o insucesso e com o desapontamento: estratégias para ajudar os praticantes (e os próprios treinadores). **Treino Desportivo**, Lisboa, v. 26, p. 29-30. 2003.

PADDICK, Robert J. A ética desportiva e a luta pela vitória. **Treino Desportivo**, Lisboa, v. 21, n. 11, p.8-17, mar. 1991.

PALMEIRA, Antonio. Vitórias e derrotas: Intervenções do treinador. **Treino Desportivo**, Lisboa, v. 7, n. 3, p. 2-9, mar. 1999.

PINHEIRO, Valter; CAMERINO, Oleguer; SEQUEIRA, Pedro. Recursos para potenciar el fair play en la iniciación deportiva. **Retos: Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación**, Madri, v. 24, p. 88-90. 2013.

PLATONOV, V. **Teoría general del entrenamiento deportivo olimpico**. Barcelona: Paidotribo, 2001. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=tBbimZs3msUC&printsec=frontcover&dq=TEORIA+GENERAL+DEL+ENTRENAMIENTO+DEPORTIVO+OLIMPICO&source=bl&ots=iU_oguvxPU&sig=fJVIZzFOloxqwyRwxHFM_d_zalQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=0iopUlqkM4bE0QHq_YHIDQ&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=TEORIA%20GENERAL%20DEL%20ENTRENAMIENTO%20DEPORTIVO%20OLIMPICO&f=false>. Acesso em: 5 ago. 2012.

PLATONOV, Vladmir Nicolaievitch. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai; ROSE JUNIOR, Dante De; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 83-87, dez. 2004.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: conceito e cenário contemporâneo. *In*: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo José. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. Cap. 1. p. 17-40.

ROMÁN, Fernando Rivera. **Karate deportivo y karate tradicional diferencias y afinidades**. Barbate: Club Karate do Kiaido, 1995.

ROST, K. As Competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p. 3-10, jul. 1997.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SASAKI, Yasuyuki. **Benefícios da prática correta de artes marciais**. São Paulo: Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, 2010.

SASAKI, Yasuyuki. **Clínica de esportes: karatê**. São Paulo: Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, 1989.

SASAKI, Yasuyuki. **Karatê-dô: o caminho educativo**. São Paulo: Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, 1991.

SCAGLIA, Alcides José; MEDEIROS, Mara; SADI, Renato Sampaio. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *In*: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 219-236.

SILVA, Pedro. A promoção do espírito desportivo no treino de jovens atletas. **Treino Desportivo**, Lisboa, n. 5, p. 31-38, 2004. volume especial.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TANAKA, Yasutaka; ARRIGONI NETO, Ugo; SEPULVEDA, Aldir. **Considerações sobre Karate-do**. 1 ed. Rio de Janeiro: Publit. 2013.

TERAMOTO, John. Introdução. *In*: FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre**. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 7-15.

THIESS, Günter; LÜHNENSCHLOSS, Dagmar; WILLE, Ulrich. La competición deportiva. *In*: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **Teoría y metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. Cap. 1, p. 11-66.

TREPAT DE FRANCISCO, David. La educación en valores a través de la iniciación deportiva. *In*: BLÁZQUEZ-SÁNCHEZ, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4 ed. Barcelona: Inde, 1999. Cap. 5, p. 95-110.

TSCHIENE, Peter; BARTH, Berndt. Preparación para la competición. *In*: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **Teoría y metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. Cap. 2, p. 70-122.

VARGAS, Francisco Seirul.lo. Valores educativos del deporte. *In*: BLÁZQUEZ-SÁNCHEZ, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4 ed. Barcelona: Inde, 1999. Cap. 3, p. 61-74.

VERARDI, Carlos Eduardo Lopes *et al.* Esporte, stress e Burnout. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 305-313, jul. 2012.

VILHENA, Junia de; MAIA, Maria Vitória Mamede de Campos. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 27-58, set. 2002.

WALINGA, Jennifer. Teaching values through sport: a systems perspective from women coaches. **Canadian Journal For Woman In Coaching**, v. 12, n. 4, p. 1-5, set. 2012.

ZHEL'YAZKOV, Tsvetan. **Bases del entrenamiento deportivo**. Barcelona: Paidotribo, 2001. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=udbVOEKiwAIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 6 ago. 2012.

GLOSSÁRIO

Chuan Fa - Forma de luta precursora ao Karate desenvolvida na China e levada para Okinawa através de intercâmbios comerciais (AIRES, 2007).

Dan – Denominação utilizada para designar as graduações a partir da faixa preta (MORI, 2010).

Do – Literalmente Do significa caminho ou percurso. Contudo, para as artes marciais o Do é uma disciplina, um caminho de vida em busca do auto-aperfeiçoamento. É o fundamento por trás do estudo e treinamento das artes marciais (MORI, 2010).

Dojo – Local para prática ou treino (NUNES, 2013). De acordo com Mori (2010) o Dojo de Karate-do deve ser considerada como uma área santificada, pois é o local onde estudamos o Karate-do. No Dojo as boas maneiras são valorizadas e respeitadas por todos.

Dojo Kun – São os preceitos para os estudantes de Karate-do, representam as vontades e os objetivos a ser alcançados através da prática (MORI, 2010).

Ikken Hissatsu - Derrotar o oponente com apenas um golpe (SASAKI, 1991).

Ippon – Ponto completo que define o combate e determina a vitória para o lutador que conseguir essa pontuação (NUNES, 2013).

Ippon Kumite – É uma forma de Kumite com a técnica e a distância pré-estabelecidas, desenvolvida com apenas um passo e um golpe seguido de defesa e contra-ataque. Busca atingir o defensor de forma contundente com apenas um golpe e esse por sua vez deve defender-se e contra-atacar o mais rápido possível. Por ser uma forma de luta combinada os riscos são reduzidos, porém ainda exige muita atenção dos participantes (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Japan Karate Association – Instituição criada em 1949 para disseminação do Karate-do Shotokan tendo Gichin Funakoshi como instrutor chefe (MORI, 2010).

Jyu Ippon Kumite – Através do Jyu Ippon Kumite o praticante começa a desenvolver a percepção da distância em uma situação dinâmica dada pela movimentação dos participantes. É uma forma de luta na qual os golpes são previamente estabelecidos pelos participantes (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Jyu Kumite – É uma forma de combate livre, na qual os golpes não são previamente estabelecidos e qualquer participante pode atacar a qualquer momento. Não existe um conjunto de regras estabelecidos, porém há um acordo de que os participantes devem terminar seus golpes a uma curta distância dos pontos vitais do oponente (FUNAKOSHI, 2014).

Kara – Significa vazio, de acordo com o pensamento japonês o vazio indica o não egoísmo, a retidão, obediência e gentileza (FUNAKOSHI, 2014).

Karate-do – Karate significa literalmente “mãos vazias”. Esse significado pode ser interpretado como a luta sem armas ou como um estado mental que busca a ausência da vaidade ou preocupações que impediriam a concentração (MORI, 2010). Do, por sua vez, como já mencionado, significa caminho, o caminho para alcançar o auto-aperfeiçoamento (MORI, 2010).

Karateka – Praticante de Karate (MORI, 2010).

Kata – Significa literalmente forma, trata de uma forma de treinamento de um sistema de técnicas pré-arranjadas que busca a técnica perfeita (NUNES, 2013; TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Kihon – Um método de treinamento de iniciação às técnicas, bases, deslocamentos, defesas e contra-ataques. Objetiva condicionar o karateka e oferece-lhe o domínio tanto do corpo como das ações possíveis de serem realizadas por ele (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Kumite – É a forma usada para aplicação de técnicas ofensivas e defensivas praticadas no Kata, as técnicas podem ser previamente combinadas entre os participantes ou livre (FUNAKOSHI, 2014).

Kyokushin – Estilo de Karate criado por Masutatsu Oyama (KYOKUSHIN KARATÊ LIBERDADE, 2015)

Kyus – Denominação utilizada para designar as graduações anteriores a faixa preta, ou seja as faixas coloridas (MORI, 2010).

Método Play-off – Os participantes são divididos em grupos nos quais serão realizados confrontos entre cada um dos participantes. Os desportistas que ocuparam as melhores posições nos grupos passam para a seguinte etapa da competição. O sistema de divisão em grupos se mantém até a etapa final da competição (PLATONOV, 2004).

Na pei chun – Forma de luta precursora ao Karate desenvolvida na China e levada para Okinawa através de intercâmbios comerciais(AIRES, 2007).

Ranking – Sistema que tem como objetivo a determinação das posições dos competidores, desde o primeiro até o último colocado (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Rei – Cumprimento, ou mais amplamente significa boas maneiras e respeito aos demais (MORI, 2010).

Sambon Kumite - É uma forma de Kumite com a técnica e a distância pré-estabelecidas, desenvolvida em três passos e três golpes seguidos de defesa e contra-ataque apenas no último. Busca encurralar o defensor através de uma sequência de três golpes, esse por sua vez deve defender-se e contra-atacar o mais rápido possível. Por ser uma forma de luta combinada os riscos são reduzidos, porém ainda exige muita atenção dos participantes (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Sensei – Significa “aquele que veio antes” normalmente utilizada para a tradução de professor (NUNES, 2013).

Shiai Kumite – É uma forma de combate livre, assim como o Jyu Kumite, contudo para o Shiai Kumite existem regras que definem pontuações e punições (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Shobu Ippon – Significa uma disputa por um ponto (ippon) (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012).

Shotokan – Estilo de Karate desenvolvido e ensinado por Gichin Funakoshi (MORI, 2010).

Te - Traduzido do japonês como “mão” (NAKAYAMA, 1985).

Vajramushti – Forma de luta precursora das artes marciais surgida na China (AIRES, 2007).

Waza ari – Uma técnica que é bem executada, mas não se qualifica como um ponto completo ou um Ippon, é definido como meio ponto ou Waza-Ari (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2012).

Zen – O Zen é, em princípio, uma linhagem do budismo, e a palavra em si tem origem no sânscrito Dhyana, que significava meditar sobre o verdadeiro aspecto das coisas e discerni-las, mantendo, para isso, a máxima tranquilidade de espírito (MIYOSHI, 2015).

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO TREINADOR

Nome:

Idade:

Formação e qualificação profissional:

Local de atuação profissional:

Tempo que atua como treinador:

Número de atletas que treina:

1. Você acredita que a participação em atividades competitivas atua de forma positiva na formação educacional das crianças (sim/não)? Se sim, como se dá essa atuação? Se não, por quê?
2. Você considera que a mudança no regulamento ocorrida no ano de 2011, que institui a realização de *Shiai Kumite* a partir dos nove anos está adequada com as capacidades cognitivas e motoras dos participantes? Justifique sua resposta.
3. Em sua opinião, quais deveriam ser os conteúdos contemplados pelas competições infantis levando em consideração o desenvolvimento dos participantes?
4. Como você explica o que é uma competição para seus alunos?
5. Para você, qual o efeito resultante da relação entre vitórias e derrotas competitivas sobre as crianças?
6. Se não houvesse vitórias e derrotas, as competições teriam o mesmo valor para as crianças? Haveria algum outro componente na competição que poderia influenciar na formação educacional?
7. Você considera possível educar através dos resultados competitivos? Por quê?
8. Como você trabalha com seus atletas essa relação?
9. No que é referente à quantidade da participação competitiva, você a considera adequada para a categoria infantil? Por quê?
10. Em relação à preparação para a competição, você considera interessante a participação competitiva com curtos períodos de preparação entre cada atividade? Justifique.

11. Você considera interessante a realização de atividades competitivas durante as sessões de treino? Justifique.
12. Para você, como seria um modelo de competição que contemplasse de forma harmônica os pontos abordados favorecendo a formação educacional de seus participantes?

APÊNDICE B - FICHA DE VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO

Data:

Formação do Professor-avaliador:

Tempo de Experiência Profissional:

Currículo Resumido:

Carta de apresentação aos Professores Avaliadores

Prezado(a) professor(a),

Venho por meio desta convidá-lo para participar como juiz avaliador dos conteúdos propostos em um instrumento que será utilizado para coleta de informações (roteiro de entrevista), com o objetivo de desenvolver um trabalho de pesquisa intitulado: *As Competições de Karate-do: perspectivas à formação e educação de crianças e jovens*. Trata-se de um modelo de competição recente, adotado oficialmente pela Japan Karate Association World Federation no ano de e pela Japan Karate Association do Brasil no ano de 2011, no qual foram feitas diversas adequações que acabaram por aproximar o modelo de competição infantil ao adulto, ignorando as necessidades desta faixa etária. O principal objetivo do estudo é identificar as possíveis contribuições que esta competição pode proporcionar para uma melhor educação e formação destas crianças. Para tanto, solicitamos sua colaboração na avaliação da PERTINÊNCIA, da CLAREZA e da RELEVÂNCIA TEÓRICA dos conteúdos propostos no instrumento de coleta de informações (roteiro de entrevista). O roteiro será aplicado aos treinadores dos atletas destas categorias. Cabe destacar que os conteúdos propostos no instrumento fundamentam-se teoricamente nas três categorias/dimensões estabelecidas por Marques (2004): (1) Competições adequadas às necessidades e capacidades das crianças e dos jovens, (2) Relação entre vitórias e derrotas e (3) A frequência da proposta

de atividades competitivas para essa população. Não é necessário responder as questões, apenas julgá-las nos critérios de avaliação já citados, você poderá incluir seus comentários por escrito dentro do espaço reservado para esse fim.

Obrigada por sua colaboração!

Escalas de CLAREZA/PERTINÊNCIA/RELEVÂNCIA TEÓRICA

1. Item de pouquíssima clareza/pertinência/relevância teórica
2. Item de pouca clareza/pertinência/relevância teórica
3. Item apenas claro/pertinência/relevância teórica
4. Item de muita clareza/pertinência/relevância teórica
5. Item de muitíssima clareza/pertinência/relevância teórica

Roteiro de entrevista para treinadores das categorias infantis de Karate-do JKA.

Nota introdutória da Entrevista aos treinadores:

Atualmente, há duas concepções pedagógicas que discutem as competições esportivas infanto-juvenis:

- (a) Os pedagogos que rejeitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos no fato de que as competições esportivas possuem características agonísticas, além de promover valores exacerbados de concorrência e individualismo, em prejuízo de valores de igualdade e solidariedade;
- (b) Os pedagogos que aceitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos pelas seguintes razões: 1) possibilidade que as competições oferecem de avaliar as próprias capacidades dos jovens, comparando-as com a dos outros; 2) de se mostrar tudo aquilo que se é capaz, de se obter sucesso, de se superar; 3) de se criar junto com os amigos; 4) de se criar e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

FICHA DE AVALIAÇÃO

- 1- Você acredita que a participação em atividades competitivas atua de forma positiva na formação educacional das crianças (sim/não)? Se sim, como se dá essa atuação? Se não, por quê?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

- 2- Você considera que a mudança no regulamento ocorrida no ano de 2011, que institui a realização de *Shiai Kumite* a partir dos nove anos está adequada com as capacidades cognitivas e motoras dos participantes? Justifique sua resposta.

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

- 3- Em sua opinião, quais deveriam ser os conteúdos contemplados pelas competições infantis levando em consideração o desenvolvimento dos participantes?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

- 4- Como você explica o que é uma competição para seus alunos?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

5- Para você, qual o efeito resultante da relação entre vitórias e derrotas competitivas sobre as crianças?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

6- Se não houvesse vitórias e derrotas, as competições teriam o mesmo valor para as crianças? Haveria algum outro componente na competição que poderia influenciar na formação educacional?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

7- Você considera possível educar através dos resultados competitivos? Por quê?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

8- Como você trabalha com seus atletas essa relação?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

9- No que é referente à quantidade da participação competitiva, você a considera adequada para a categoria infantil? Por quê?

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

10-Em relação à preparação para a competição, você considera interessante a participação competitiva com curtos períodos de preparação entre cada atividade? Justifique.

Clareza() Pertinência() Relevância Teórica()

Comentários:

11-Você considera interessante a realização de atividades competitivas durante as sessões de treino? Justifique.

Clareza()Pertinência()Relevância Teórica()

Comentários:

12-Para você, como seria um modelo de competição que contemplasse de forma harmônica os pontos abordados favorecendo a formação educacional de seus participantes?

Clareza()Pertinência()Relevância Teórica()

Comentários:

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente projeto de dissertação de mestrado, intitulado “AS COMPETIÇÕES DE KARATE-DO: PERSPECTIVAS À FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS” tem por objetivo descrever a situação e aplicabilidade da competição de Karate-do JKA da categoria infantil como um modelo de educação e formação de crianças.

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar deste estudo por poder contribuir com o mesmo a partir de seus conhecimentos e experiências. Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista, gravada, com um roteiro pré-elaborado pela pesquisadora, com o tempo de duração de aproximadamente 50 minutos. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivencia e protagoniza o cotidiano da competição infantil de Karate-do JKA. Dessa forma, as informações e os resultados oriundos desse estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do esporte em geral.

Cabe salientar que durante sua participação no estudo não haverá riscos adicionais aos já existentes em seu dia a dia. Tampouco haverá riscos de exposição a partir da sua entrevista, tendo em vista que as informações não serão liberadas sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos. Nesse caminho, registra-se que a entrevista armazenada em gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será devolvido ao entrevistado para a conferência das informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concedida a liberação definitiva de uso. Neste momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação, será assinado.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pela pesquisadora através do seu telefone/e-mail: (51) 9287-9115 / areshannah@hotmail.com, ou de seu orientador, telefone/e-mail: (51) 9999-4957 / cbalbinotti@terra.com.br. Através do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer se, em algum momento da pesquisa, você se sentir prejudicado (a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

APÊNDICE D - DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, fui esclarecido (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de pesquisa realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, exceto se liberados por mim com permissão por escrito. Fui informado (a) que caso existirem danos à minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização, conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido (a) de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre esse, a mestranda Hannah Aires, pesquisadora, estará à disposição no telefone (51) 9287-9115, bem como seu orientador e pesquisador responsável, Prof. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pelo telefone (51) 9999-4957, atendendo a qualquer solicitação sobre meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629 sob o número de protocolo 271-526.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

_____/_____/_____/_____

Local e Data

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Hannah Aires

Assinatura da Pesquisadora